



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

**Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS**  
**Mestrado em Museologia e Patrimônio**

# **O OBJETO DA MUSEOLOGIA:**

*A via conceitual aberta por*  
*Zbynek Zbyslav Stránský*

*Anaildo Bernardo Baraçal*

**UNIRIO / MAST - RJ, Abril de 2008**

# **O OBJETO DA MUSEOLOGIA:**

*A VIA CONCEITUAL ABERTA POR  
ZBYNEK ZBYSLAV STRÁNSKÝ*

*por*

**Anaildo Bernardo Baraçal**

*Aluno do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio*

*Linha 01 – Museu e Museologia*

**Dissertação de Mestrado apresentada à  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação  
em Museologia e Patrimônio**

Orientador:

Professora Doutora Tereza Cristina Moletta Scheiner

*UNIRIO/MAST - RJ, Abril de 2008.*

## FOLHA DE APROVAÇÃO

# O OBJETO DA MUSEOLOGIA:

A via conceitual aberta por

Zbynek Zbyslav Stránský

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

### ***Aprovada por:***

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
TEREZA CRISTINA MOLETTA SCHEINER

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
JOSÉ MAURO MATHEUS LOUREIRO

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
NÉLIDA GONZÁLEZ DE GOMÉZ

**Rio de Janeiro, abril de 2008.**

Baraçal, Anaildo Bernardo.

B223 Objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský / Anaildo Bernardo Baraçal. - 2008.  
124 f.: il., ix; 30cm.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tereza Cristina Moletta Scheiner.

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008.

Bibliografia: f. 102-108.

1. Museologia. 2. Museologia - Teoria. 3. Stránský, Zbynek Zbyslav. 4. Metamuseologia. I. Scheiner, Tereza Cristina Moletta. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. *Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio*. III. Museu de Astronomia e Ciências Afins (*Brasil*). IV. Título.

CDU – 069.01

## AGRADECIMENTOS

*Dekuji*, obrigado em checo, ou dito em qualquer outro idioma, sempre serei insuficientemente grato à carinhosa e decisiva participação de Amauri Rodrigues Dias, Bruna Latini, Jan Dolák, José Mauro Mateus Loureiro, Katerina Kotiková, Mariana Lamas, Suzanne Nash, Tereza Cristina Scheiner, Vinos Sofka, Zuzana Paternostro e Zbynek Zbyslav Stránský.

Também agradeço aos obstáculos e tropeços, seres humanos, máquinas, programas e padronizações, cujos nomes e designações, no entanto, não julgo merecedores de registro.

A Arnaldo (*in memoriam*) e Ana Arcanjo, mestres eternos.

Já si védú svuj zivot a me vede zivot.  
[...] A tak pres hory a doly jdu dal a dal.  
Já si védú svuj zivot a me vede zivot.”

**Eri do Cais e Serginho Meriti**

“Deixa a vida me levar, vida leva eu.  
[...] e aos trancos e barrancos lá vou eu.  
Deixa a vida me levar, vida leva eu.”

**Eri do Cais e Serginho Meriti**

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. *O objeto da museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008. 126p. Orientador: Prof. Dra. Tereza Cristina Moletta Scheiner

## RESUMO

Para a Museologia, como para a sistemática do conhecimento, seja filosófico, seja científico, é necessário que se defina o objeto a ser estudado. Nesse âmbito, a especificação do objeto na contribuição do museólogo checo Zbynek Zbyslav Stránský (1926), ocorre já em 1965, quando enuncia que o objeto não é o museu, e que a Museologia se constituía como disciplina científica. Parte de seu pensamento é contrastada com a do museólogo alemão Klaus Schreiner e da filósofa eslovaca Anna Gregorová, em 1980, e considerada na exposição **O caminho do museu**, de 1971, em que sua teoria se apresenta na linguagem museística. E atinge-se o cume de seu edifício conceitual na análise do capítulo em que trata da metamuseologia, em sua obra *Archeologie a muzeologie*, de 2005. Neste caso, se recorreu ao diálogo com parcela da obra *Le musée virtuel*, de Bernard Deloche, de 2001. O recurso a autores para efeito de contraste, atestando ou refutando considerações de Stránský, propicia e favorece apoio ou base de questionamento para as proposições teóricas do museólogo checo. Stránský tem como referencial a Gnoseologia, em que sujeito e objeto são termos fundamentais. O sujeito cognoscente subjaz ontológica ou onticamente, enquanto que o objeto carece de definição. A partir desta e de outras considerações filosóficas, Stránský atinge a sua afirmação da Museologia científica, que instaura a realidade da sua construção enquanto conhecimento. Além da precisão do objeto, outros critérios de identificação científica são a metodologia e a terminologia. A riqueza da nomenclatura cunhada por Stránský – expressa em termos na complexidade conceptual e lingüística de seu idioma natal, o checo - proporciona um debate angular que alimenta o panorama museológico. A questão sobre o objeto da Museologia, complexa já desde 1980, com discussão patrocinada pelo Comitê para a Museologia do Conselho Internacional de Museus, ICOFOM, ainda persiste. Procurou-se nesta dissertação não a resposta ou a geração de uma alternativa conceitual. Diz respeito a uma “arqueologia”, uma busca por fragmentos estimuladores da crítica e da criatividade analítica. A perspectiva metodológica se pretendeu filosófica, recorrendo-se a uma constante e infinita inquirição, que não se pode esgotar, quer na capacidade do acadêmico, quer nos limites do próprio conhecimento. Trata-se de uma nova série de perguntas sobre a natureza da Museologia na sua relação metafísica com o ser e, assim, distanciada das considerações fenomenológicas. Desdobra-se, de fato, na discussão em nível da Metamuseologia, enquanto teoria da Museologia, significando um exercício de contribuição à reflexão teórica do campo.

Palavras-chave: Museu. Museologia. Metamuseologia. Musealidade. Zbynek Stránský. ICOFOM.



BARAÇAL, Anaildo Bernardo. *The Object of Museology: the conceptual pathway created by Zbynek Zbyslav Stránský*. 2008. Dissertation (Master's) – Graduate Program in Museology and Heritage, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008. 126p. Supervisor: Prof. Dr. Sc. Tereza Cristina Moletta Scheiner.

## ABSTRACT

For Museology, as for systematic - either philosophic or scientific - knowledge, it is necessary to define the object to be studied. In this context, the designation of the object, in the contribution of the museologist Zbynek Zbyslav Stránský (1926), takes place in 1965, when he proclaims that the museum is not the object of Museology, and that Museology constitutes a scientific discipline. Part of Stránský's ideas can be contrasted with the German museologist Klaus Schreiner and the Slovak philosopher Anna Gregorová, in 1980, and it was considered in the exhibition *The museum way*, in 1971, when his theory is presented in museistic language. And it reaches its conceptual climax in the analyses of the chapter about metamuseology, in his work *Archeologie a Muzeologie*, 2005. In this case, the dialogue was retraced with a fragment of Bernard Deloche's work *Le musée virtuel*, from 2001. The use of other authors that contrast with those ideas, agreeing or disagreeing with Stránský's considerations, favored questioning about the theoretical propositions of the Czech museologist. Stránský's referential is Gnoseology, in which the subject and object are fundamental terms. The subject of cognition is ontologically and ontically submitted, while the object lacks definition. From this and others philosophical considerations, Stránský reaches his scientific affirmation of Museology, which establishes the reality of his constructions as knowledge. Besides the object precision, other criteria of scientific identification are methodology and terminology. The richness of nomenclature coined by Stránský - expressed in the conceptual and linguistic complexity of his mother's language, Czech – permits an angular debate that feeds museological panorama. The question about the object of Museology, complex since 1980, with discussions supported by the International Council of Museums Committee for Museology, ICOFOM, still exists. We tried in this dissertation not to answer or to create a conceptual alternative. It concerns an *archeology*, a search for stimulant fragments of criticism and analytical creativity. The methodological perspective intended to be philosophical, retracing into a constant and infinite inquire which cannot be extinguished, either in the academic capacity, or in the limits of knowledge itself. It concerns the formulation of new series of questions on the nature of Museology in its metaphysics relation with the being, therefore, distanced of phenomenological considerations. It folds itself, indeed, in the discussion about Metamuseology as the theory of Museology as an exercise of contribution to the theoretical reflection of the realm.

Keywords: Museum. Museology. Metamuseology. Museality. Zbynek Stránský. ICOFOM.

# SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	01
Cap. 1 O OBJETO DA MUSEOLOGIA PARA STRÁNSKÝ: ARGUMENTANDO COM GREGOROVÁ E SCHREINER EM 1980	17
Cap. 2 EXPONDO A MUSEOLOGIA EM 1971 (ou: ASPECTOS ARQUEOLÓGICOS DO PENSAMENTO DE STRÁNSKÝ)	32
Cap. 3 UM NOVO CAMINHO CONCEITUAL, 1965 - 2005: EXERCÍCIO CRÍTICO	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	104
GLOSSÁRIO MÍNIMO (a partir de Stránský)	109
ANEXOS	
A. CURSOS E DISCIPLINAS CRIADOS POR STRÁNSKÝ	116
B. ÍNDICE DE STRÁNSKÝ, Zbynek Z. <b>Archeologie a muzeologie</b> . Brno: Masarykova Univerzita, 2005	121

# INTRODUÇÃO

Fique claro que o que se irá discutir será apenas pequena parcela do extenso e complexo pensamento de Stránský. Não se tratará de, e não se deverá ver neste trabalho, um reducionismo da reflexão stranskyana. As escolhas de textos, autores, referências, conceitos e excertos de concepções do pensamento [noética], tiveram, certamente, fins interpretativos e, desse modo, representam uma eleição deliberada de aspectos considerados úteis à discussão. Os dados foram inevitavelmente recortados do contexto inclusivo, permitindo um distanciamento eventual de uma expressão em relação a um quadro de referência do autor. Todavia, os conceitos foram, tanto quanto o conscientemente possível, controlados no uso consentâneo a sua acepção original. Por isso, nos ocupamos de apresentá-los, se não todos, ao menos os mais relevantes no pensamento stranskyano, como anexo, para consulta e confrontação de parte do leitor, como possibilidade e método de aferição sobre alguns elementos da argumentação que faremos. Outro recurso de controle foi o contraste de autores outros, atestando ou refutando considerações de Stránský, propiciando-nos e favorecendo-nos apoio ou base de questionamento para as proposições teóricas do museólogo checo.

## O OBJETO DA MUSEOLOGIA: A VIA CONCEITUAL ABERTA POR STRANSKÝ

Pensar a Museologia é, para Scheiner,

[...] um fascinante exercício intelectual, que nos permite uma aproximação organizada a diferentes sistemas de pensamento, na tentativa de contribuir para o amadurecimento teórico do campo. Mas é também um exercício difícil, considerando que a linguagem museológica ainda não se encontra devidamente estruturada.<sup>1</sup>

Ao final da década [de 1990], parece estar clara a necessidade de aproximar Museologia e Filosofia: *‘Si la museología aspira a constituirse como una ciencia del hombre, debe fundamentarse en los principios que le proporciona la filosofía. Requiere por tanto de una ontología, entendida como reflexión de la esencia de su objeto; de una epistemología para el conocimiento de lo real en el contexto museal; de una estética como aproximación a la capacidad creadora*

---

<sup>1</sup>SCHEINER, Tereza. **Museu e museologia**: definições em processo. Rio de Janeiro: Nov. 2005 [inédito].

*del hombre y de una ética sustentada en el principio máximo de la libertad*<sup>2</sup>

Conceber-se a Museologia como ciência requer o estabelecimento de um objeto de estudo que lhe seja específico. Dentre as definições propostas, a de Zbynek Zbyslav Stránský se destaca pelo caráter filosófico de uma formulação gnoseológica, diversa das demais que têm no Museu sua referência.

No meio museológico tem se falado na Museologia, no seu objeto, enquanto “relação entre homem e a realidade” e em Museu como “fenômeno”. Sendo estas definições estabelecidas por Stránský a partir de 1965, o “senso comum” museológico, apesar de constituído em cerca de trinta anos e, portanto, esse tempo ser integrante de um passado próximo, não associa o conceito ao autor e nem aos seus pressupostos epistemológicos. Tanto o partido gnoseológico, quanto o referencial fenomenológico de Stránský não são considerados, ao que se atribuiria a superficialidade ou vacuidade com que esses termos têm sido empregados. Em termos hipotéticos, procuraremos observar a Museologia, em determinada linha de reflexão, como sendo cientificamente independente do Museu. “Consideramos a contribuição de Stránský essencial para a definição dos fundamentos da Teoria Museológica.”<sup>3</sup>

Começemos pelas apresentações.

Zybnek Zbyslav Stránský, nascido em 1926, tendo formação em música, formou-se na Universidade Carolina de Praga, pelo Departamento de Filosofia e História, durante os anos de 1946 a 1950. A seguir, Stránský trabalhou no museu da cidade de Český Brod e depois no Museu de Antonín Dvorák, em Praga. Em 1958 teve que sair do museu da região de Praga, em Podebrady, por razões políticas. Nesse mesmo ano, ingressa na então denominada Universidade de Jan Evangelista Purkyne, UJEP, na cidade de Brno, para estudar musicologia.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> ICOFOM. ICOFOM LAM. **Carta de Coro**. Conclusões e Recomendações do VIII Encontro Regional do ICOFOM LAM. Coro, Venezuela, dezembro de 1999. Apud. SCHEINER, Tereza. **Museu e museologia**: definições em processo. Op. Cit.

<sup>3</sup> SCHEINER, Tereza. **Museu e museologia**: definições em processo. Op. Cit. “Pouco compreendidas por seus pares, as reflexões de Stranski, Sola e Desvallés não receberam a atenção e o respeito devidos. As questões que propõem são mesmo consideradas, por alguns colegas, como ‘problemas fictícios, criados por pessoas que gostam de teorizar’ BURCAW, E. Comments, apud SCHEINER, Tereza. In Op. Cit., 21.

<sup>4</sup> Convém se abrir um parêntese para apresentar Jan Jelinek. Contemporâneo e contemporâneo de Stránský, por quem foi assistido, tanto no Museu da Morávia, no qual atua e se torna seu diretor em 1958, quanto no curso de Museologia, restabelecida a cadeira de museologia na UJEP, a que dirige inicialmente, e por pouco tempo, cedendo lugar a Stránský. Presidente (Chairman) do Conselho Consultivo do ICOM a partir de 1965, é presidente geral do ICOM, de 1971 a 1977, deixando o cargo para encabeçar o Comitê para a

No ano de 1962, Stránský foi admitido para trabalhar no Museu da Morávia, com a “incumbência de chefiar” o novo departamento de museologia, como um centro de metodologia, teoria museológica e centro de documentação.<sup>5</sup> No mesmo ano, articula-se o restabelecimento da cadeira de museologia da Faculdade de Filosofia da UJEP, na qual lecionou sem pertencer aos quadros acadêmicos, dados os impedimentos políticos: *de fato*, continuava como funcionário do Museu da Morávia. No ano de 1965, preparou o programa de estudos e depois sua autorização pelo Ministério da Educação, e abriu o curso de pós-graduação em museologia, do qual foi a figura central até sua saída por aposentadoria, em 1996. Mas, mesmo depois, continuou a ensinar nos anos seguintes como professor convidado.<sup>6</sup> O ensino sobre museus na Universidade Masaryk foi estabelecido por Jaroslav Helfert nos anos 1920. Stránský criou-lhe um conceito completamente diferente. Graças a sua formação filosófica e seu conceito metacientífico, ele formou a base teórica da museologia como uma disciplina científica independente.<sup>7</sup>

Sua iniciativa de renovação da Associação dos Museus Checos, em 1968, e articulação de sua nova concepção de gerenciamento de museus lhe valeram restrições políticas. Após a segunda guerra mundial, a então Checoslováquia fica sob influência soviética, e durante alguns meses daquele ano, o país, durante a Primavera de Praga, buscou liberalizar e humanizar o regime comunista. O movimento foi sufocado pela invasão de tropas do Pacto de Varsóvia. Tinha início a época da Normalização política [1969-1987], vitimando Stránský, exonerado, em 1971, da direção do departamento de museologia do Museu da Morávia.

Stránský viceja, ao lado de Jan Jelinek, e torna-se atuante colaborador do ICOFOM, desde 1979. A partir desse organismo, o pensamento de Stránský avança para além dos antigos países do leste europeu, pelos textos publicados e pelas conferências, a partir do momento em que foram permitidas pelo Estado checoslovaco, após a pacífica Revolução de Veludo, de 1989. Então, em 1990 pode

---

Museologia do Conselho Internacional de Museus – ICOFOM, do qual é um dos proponentes, em 1976 e um dos fundadores com o reconhecimento pelo ICOM no ano seguinte. DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 116.

<sup>5</sup> DOLÁK, Jan; VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský: zivot a dílo**. [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Masarykova Univerzita, 2006, p.5.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>7</sup> Ibidem, loc. cit.

se tornar membro regular do ICOM e vir a ser, entre 1993 e 1998, vice-presidente do ICOFOM.<sup>8</sup>

Ativo professor, especialmente da UJEP/Masaryk, quando não afastado da docência pelo governo comunista<sup>9</sup>, orientou inúmeros trabalhos acadêmicos e criou diversos programas de ensino em museologia. No ano de 1983, a pedido da UNESCO, ele elaborou o projeto da Escola Internacional de Museologia de Verão – ISSOM<sup>10</sup> e foi seu diretor até 1998<sup>11</sup>. Nos anos de 1997-1998, elaborou projetos especiais de ensino da museologia para a nova universidade de M. Bela, na cidade de Banská Bystrica. Em 1998, baseada em projeto seu, foi criada a cadeira de ecomuseologia.<sup>12</sup>

Com a defesa de sua tese **De Museologica**, para a titulação de professor adjunto, em 1993, formaliza-se o reconhecimento checo da museologia. [...] “ele criou em Brno sua própria escola de ciência, baseado em estudos já existentes.”<sup>13</sup> Pensador profícuo, suas realizações que se manifestam em obras especializadas, criação de projetos, realização de exposições, profere palestras, participa do estabelecimento de organizações na área museística e de cursos universitários.

Continua produzindo como colaborador editorial do jornal mensal de Munique **Museum Aktuell** e formou e está realizando os portfólios de museólogos em páginas desse jornal na Internet, além de prosseguir proferindo palestras.<sup>14</sup>

“Alguns termos novos de Stránský, [...] agora são usados com freqüência, até por pessoas que, mais ou menos, objetam as [suas] teorias...” e a [...] “aplicação filosófica parece até certa forma com a musealização operada pelos filósofos pós-modernos.”<sup>15</sup> “Personalidade que ajudou a criar e a desenvolver este campo novo de estudos [da museologia].” “[...] trata-se de uma personagem que não se pode omitir.”<sup>16</sup>

---

<sup>8</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>9</sup> Veio a ser professor regularmente integrante dos quadros universitários apenas desde 1991. DOLÁK, Jan, VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský: zivot a dílo**. Op. Cit., p.7.

<sup>10</sup> Ibidem, p.6.

<sup>11</sup> Ibidem, p.7.

<sup>12</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>13</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>14</sup> Ibidem, p.8.

<sup>15</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>16</sup> Ibidem, loc. cit.

Por serem expressivas e referenciais, transcrevemos algumas alusões ao que definira em Museologia.

**Museologia** como ‘a *ciência que estuda a relação específica entre Homem e Realidade*’ (Desvallées)<sup>17</sup>, tendo como objeto de estudo a musealidade<sup>18</sup>, é enunciado, ao que parece, em 1979. No ano seguinte (1980), Stránský acrescenta: “O termo *Museologia, ou teoria de museu (sic), concerne à esfera de atividade de um conhecimento específico, orientado (sic) para o fenômeno Museu*”.<sup>19</sup> E estamos diante do Museu como fenômeno.<sup>20</sup>

E a partir disso, temos os desdobramentos da discussão aberta sobre a Museologia e seu objeto.

“*Museology should not be centered on the institution museum (as defined by ICOM).*”<sup>21</sup>

[...] relever le manque de *consensus* qui affecte à la fois la définition de la muséologie et la détermination de son objet. [...] depuis trente ans pour tenter de caractériser la muséologie, le consensus n’est **pas** encore réalisé et la confusion la plus grande règne toujours quant à la définition de cette discipline assez particulière.<sup>22</sup>

Il est sûrement difficile de déterminer l’objet d’une discipline que l’on n’a pas encore parfaitement définie – et réciproquement d’ailleurs de définir une discipline dont on ne connaît pas l’objet – c’est pourquoi, ici aussi, règnent l’incertitude et le désaccord.<sup>23</sup>

## JUSTIFICATIVA

O termo Museologia existe por pouco mais de cem anos, mas o início do tratamento desse campo de conhecimento enquanto estudo sistemático remonta

<sup>17</sup> DESVALÉES, André; dir. Terminologia museológica. Proyecto permanente de investigación. ICOM/ICOFOM LAM. [s.l.]: \_\_\_\_\_, maio 2000, p.5.

<sup>18</sup> Outros autores referem-se à Museologia como uma nova disciplina, dirigida ao estudo das relações específicas entre Homem e Realidade – mas sem conseguir desvinculá-la da relação com a cultura material. É o caso de Gregorová: *Museologia é uma nova disciplina, ainda em estágio de construção, e que tem como sujeito (sic) o estudo das relações específicas entre Homem e Realidade, em todos os contextos em que esta se haja manifestado concretamente. O objeto de estudo da Museologia é o **objeto, testemunho da natureza e da sociedade.*** Mesmo Stránský, em 1979, define a musealidade como o **valor documental específico do objeto** ICOM, ICOFOM, 1979, apud SCHEINER, Tereza. Museu e museologia: definições em processo. Op. Cit.

<sup>19</sup> MUWOP 1, 1980. Apud. SCHEINER, Tereza. Op. Cit.

<sup>20</sup> STRÁNSKÝ, Z. *Museologia é a área específica de estudo, fundamentada no estudo do fenômeno Museu* ICOM, ICOFOM, 1979. Apud. SCHEINER, Tereza. Op. Cit.

<sup>21</sup> **Joint Colloquium Methodology of Museology and professional training.** [ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY / ICOFOM (5)]. London [UK]. July/juillet 1983. Coord. Vinos Sofka. Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM and International Committee for the Training of Personnel/ICTOP; Museum of National Antiquities, Stockholm, Sweden. ICOFOM STUDY SERIES – ISS 1, p. 95, 1983, apud. SCHEINER, Tereza. Op. Cit.

<sup>22</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel.** Op. Cit., p. 117.

<sup>23</sup> Ibidem, p.118.

apenas há cerca de três décadas. Campo disciplinar instável, seus conceitos e terminologia não têm validação universal e tal estado reflete uma dispersão nas abordagens acadêmicas. Nesse sentido, entretanto, o viés de atrelamento da Museologia ao Museu apenas se interrompe na perspectiva instaurada por Stránský. Seja pela busca de contribuição teórica, seja pelo exercício de aproximação com o pensamento museológico conforme a linha estabelecida no leste europeu, ou ainda pela investigação sobre a independência da Museologia em relação ao Museu, a Dissertação se justifica por:

- a possibilidade de recuperação de literatura pouco acessível escrita em checo e de circulação quase restrita àquele Estado.
- a possibilidade de contribuir para a compreensão de pressupostos tornados referenciais na teoria museológica sem contudo haver clareza de sua pertinência científica ou afiliação conceitual.
- a disponibilização do material bibliográfico traduzido para o português, facultando maior acesso pelo mundo lusófono de trabalhos de Stránský e decorrente abertura a novas possibilidades analíticas aos pesquisadores.

Na Linha de Pesquisa 01 – Museu e Museologia, do Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, a que se vincula a dissertação proposta, destaca-se do ementário: “Abordagem [...] da Museologia como campo disciplinar, em suas relações com os diferentes campos do saber. [...] Teoria da Museologia. [...] Terminologia da Museologia. Museologia como geração do novo: interpretação de realidades.” Assim, esses três tópicos são observados na Dissertação, que recorta a Museologia como disciplina científica, através da análise de seu objeto e a consideração de que, em se fundando enquanto campo científico, instaura a realidade da sua construção enquanto conhecimento. Vinculando-se ao Projeto de Pesquisa *Termos e Conceitos da Museologia*, o trabalho diz respeito, diretamente, à questão de ordem terminológica e conceitual, aprofundando os estudos sobre um dos objetos de estudo definidos para Museologia. Dessa linha de pesquisa participa a Profa. Dra.Teresa Cristina Scheiner, orientadora da Dissertação que ora apresentamos à qualificação.

## **VIABILIDADE**

Tratando-se de reflexão de ordem dedutiva, os meios para realização desta Dissertação estão definidos pela disponibilidade de textos do principal pensador nela



considerado, Zbynek Zbyslav Stránský, e na fundamentação das abordagens teóricas que enquadrariam a discussão proposta sobre o objeto da Museologia. Ao longo do Programa de Pós-Graduação e ao término de várias disciplinas, os trabalhos apresentados versaram sobre tópicos do anteprojeto da Dissertação.

A Profa. Dra. Teresa Cristina Scheiner, ao nos colocar à disposição o contato com o museólogo Dr. Jan Dolák - responsável pela cátedra de Museologia e Patrimônio Mundial da UNESCO, Universidade Masaryk, Brno, República Checa – possibilitou o estabelecimento de troca de correspondência eletrônica e entrevista pessoal, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 30 de setembro de 2007. Nessa oportunidade, o Dr. Dolák ofertou publicações de e sobre Stránský, quase integralmente no idioma checo. Com relação à questão idiomática, previamente, um trabalho de final de disciplina carecera de tradução de texto de consulta, para o que recorreremos a uma colega de trabalho no Museu Nacional de Belas Artes, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, do Ministério da Cultura – MinC. Nesse contexto, a eslava Zusana Paternostro indicara a antropóloga checa Katerina Kotikova, radicada no Rio de Janeiro, para oportunos serviços de tradução. No momento, os itens bibliográficos necessários ao desenvolvimento da dissertação foram traduzidos e vêm alimentando o trabalho acadêmico, e permitindo a confrontação com o material anteriormente coligido.

Considerando-se que a vertente filosófica é pouco explorada nas análises museológicas e que o estudo sistemático e teórico da Museologia, como se disse, pode remontar a cerca de apenas três décadas, a bibliografia específica e os interlocutores são escassos. A Dr<sup>a</sup> Scheiner e o Dr. Dolák têm propostos os raros nomes dos museólogos que, em todo o mundo, se dedicam à consideração filosófica da Museologia, notadamente na Suécia e na própria República Checa. Assim, pelo montante do já produzido, pelas providências em andamento, pelos canais abertos pelos colaboradores e pelos meios disponíveis, a Dissertação tornou-se plenamente viável.

## **FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

Apesar do nosso esforço, somos apenas principiantes quanto ao domínio da filosofia. E a tarefa deve ser encarada como um exercício de um ferramental intelectual para autodesenvolvimento e, eventualmente, colaboração para o campo museológico.

Cabe, inicialmente, além da definição da abordagem principal a ser observada, conceituar o aspecto da vertente gnoseológica tomada como referencial. Gnoseologia<sup>24</sup>, ou gnoseiologia, “é o ramo da filosofia que se preocupa com a validade do conhecimento em função do sujeito cognoscente, ou seja, daquele que conhece o objeto. Este (o objeto), por sua vez, é questionado pela ontologia que é o ramo da filosofia que se preocupa com o ser.” Este ramo se distingue da epistemologia, estudo do conhecimento relativo ao campo de pesquisa em cada ramo das ciências. Também difere da metafísica e da ontologia, pois “ambas se preocupam com o ser, porém a metafísica põe em questão a própria essência e existência do ser. “[...] a ontologia insere-se na teoria geral do conhecimento ou Ontognoseologia que preocupa-se com a validade do pensamento e das condições do objeto e sua relação com o sujeito cognoscente enquanto que a metafísica procura a verdadeira essência e condições de existência do ser.”

Teoria do Conhecimento em geral, a Gnoseologia se distingue da Epistemologia por esta tratar do conhecimento na sua acepção científica, “estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, destinado a determinar sua origem lógica, seu valor e conteúdo.”<sup>25</sup> Supõe-se no pensamento de Stránský o aspecto de a Museologia lidar com o conhecimento, derivando daí a oportunidade de considerá-la gnoseologicamente.

“Entendo por um objeto qualquer coisa sobre a qual nós podemos pensar, isto é, qualquer coisa sobre a qual *nós* podemos falar”. Esta é a definição sucinta que Charles Sanders Peirce estabelece para a ampla noção de objeto.<sup>26</sup> (grifo nosso) Mas, então, subjacente ao objeto encontra-se esse *nós* que pensa e que fala sobre algo. Como supor a existência de algo denominável *objeto* sem se considerar o *sujeito*, sua pré-condição existencial: do latim *subjectus*, substantivo derivado do

<sup>24</sup> ENCYCLOPEDIA Tiosam. Disponível em: <<http://www.tiosam.com/enciclopedia/?q=gnoseologia>>. Acesso em 20 set.2007. Tradução nossa.

<sup>25</sup> MIRANDA, E. **Gnoseologia/Epistemologia**. Disponível em: <[http://www.pucpr.edu/facultad/emiranda/educacion\\_430/Presentaciones/Epistemolog%C3ADa.ppt](http://www.pucpr.edu/facultad/emiranda/educacion_430/Presentaciones/Epistemolog%C3ADa.ppt)>. Acesso em 20 set. 2007. Tradução nossa.

<sup>26</sup> O texto de Peirce encontra-se no manuscrito [Reflections on Real and Unreal Objects], MS 966, s/d.[Arquivo não citado],apud BERGMAN, Mats; PAAVOLA, Sami. **The commens dictionary of Peirce's terms: Peirce's terminology in his own words**. [S.l.]: [s.n.], 2003. Disponível em: <<http://www.helsinki.fi/science/commens/terms/object.html>>. Acesso em: 27 jul. 2007.Tradução nossa. N.T.: MS significa manuscrito.

participio passado de *subicere* = colocar sob, de *sub* = sob + forma combinada de *jacere* = lançar, significando colocado sob.<sup>27</sup>

Nosso vocabuário terminológico têm incluídas as locuções *objeto concreto* e *objeto abstrato*. Se bem que, para a filosofia ocidental, a distinção entre o concreto e o abstrato assumia importância fundamental, não há concordância generalizada sobre os casos paradigmáticos de classificação. Números, enquanto objeto puro da matemática, são universalmente conhecidos como abstratos. Da mesma forma, os elementos e o conjunto dos alfabetos, as classes, as proposições, os conceitos, o conteúdo da criação artística. E tais casos sustentam a base da dicotomia entre abstração e concretude.

A distinção entre concreto e abstrato, todavia, é recente e, salvo exceções antecipadoras, teve papel insignificante para a filosofia até o século XX. E embora lembre a expressão platônica diferenciadora entre mundo sensível e o mundo das formas (ou idéias), para Platão as formas se supunham causas por excelência (subjacentes), enquanto que os objetos abstratos são normalmente reconhecidos como causalmente inertes em todos os sentidos (projetivos de uma subjetividade). Decorrendo da classificação analítica e diferenciadora da gramática, entre variações em um mesmo radical de palavra, (vermelho e vermelhidão, p.ex.), porém aqui não há distinção metafísica. No século XVII, com Locke, essa distinção foi transposta para o campo das idéias, e exclusivamente dentro desse campo, diferenciando idéias concretas (por exemplo, tipos e classes de triângulos) e a noção genérica, abstrata (de todo e qualquer triângulo).

Desde Descartes, todavia, *mental* e *material* estabelecem-se em contraponto ontológico.

Objetividade versus anterioridade<sup>28</sup> de postulados dos matemáticos serviam para questionar a dualidade dos números, tanto no plano material (propriedades das coisas materiais) como no ideal (leis aritméticas porém fundadas sobre generalizações empíricas). E a questão caberia a outros campos. Um Caminho de Negação, na definição de Lewis, pelo qual os objetos abstratos são definidos como aqueles que não

<sup>27</sup> ONLINE Etymology Dictionary. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

<sup>28</sup> *Priority*, no original.

apresentam certos elementos das propriedades paradigmáticas das coisas concretas. Em certas abordagens, os objetos abstratos seriam não-espaciais ou causalmente ineficazes, ou ambos. Uma entidade abstrata é, nesse sentido, não espacial, ou não-espaço-temporal, coisa causalmente inerte.<sup>29</sup>

## METODOLOGIA

Para a realização da proposta, o eixo metodológico parte dos textos de Stránský, Schreiner e Gregorová, constantes da revista **Museological Working Papers** - MuWoP, n.1, de 1980, publicação do Comitê de Museologia do Conselho Internacional de Museologia – ICOFOM, que discutiu a Museologia enquanto ciência ou trabalho prático no museu. À análise de cada um deles e sua confrontação somaram-se algumas incursões pela internet visando dar suporte a determinados conceitos, especialmente os de ordem filosófica, e a informações contextuais sobre os autores, entre outros. Alguns outros textos, impressos ou digitais, subsidiários, integram a bibliografia, e refletem a hipertextualidade contemporânea.

Para certos textos de Museologia, recorreremos ainda à leitura da tradução, versão ou original em inglês, confrontando com as comunicações em francês, dada a constatação da imprecisão ou dificuldade de expressão de determinados conceitos em idiomas diversos. Essa realidade, assinalada já por Vinos Sofka, redator chefe, no mesmo número do MuWop, é da consciência do meio museológico, impelindo a elaboração de léxicos, glossários, e outros instrumentos destinados a facilitar interações e a possibilitar uma terminologia que reflita bases conceituais mais universais. A leitura bilíngüe exigiu um trabalho superlativo, mormente que a palavra *objeto* para os idiomas em si assume sentidos específicos e, por vezes, conflitantes entre si.

Realizamos uma leitura geral e outra específica dos três autores, nos textos estudados, leituras estas voltadas para a identidade da formulação do objeto da museologia em cada um deles. Os autores foram depois cotejados de modo a nos abastecermos de elementos argumentativos.

---

<sup>29</sup> A partir da última nota, trata-se de resenha baseada em Object. In: STANFORD Encyclopedia of Philosophy. Stanford: [s.n. 2004?]. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/index.html> ->. Acesso em: 27 de jul. 2007. (Tradução nossa).

A questão sobre o objeto da Museologia, complexa em 1980, ainda o é para nós hoje. Procurou-se aqui não a resposta ou a geração de uma alternativa conceitual, uma propositura de definição de objeto museológico. Trata-se, apenas, de uma *arqueologia*, uma busca por fragmentos estimuladores da crítica e da criatividade analítica, mais uma autoprovação, em suma.

Foi usado o contraste, método emprestado aos exames radiológicos: *injetar* ou *fazer ingerir* substância que bloqueie raio x ou que emite radiação própria. Com isso se oferece uma diferenciação ressaltada que permite observarem-se detalhes que se perdem no todo ou que se deseja observar de modo mais preciso. Fazer ressaltar com outros autores de semelhante estatura acadêmica do autor em análise. Esse tipo de exame foi usado no capítulo de 1980 e no último capítulo, no qual Bernard Deloche oferece tanto o contraste quanto uma *radiação* própria. O contraste também expressa um diálogo entre dois pontos de condições de visualização, dois pontos de vista. Esses diálogos, pouco platônicos, porém igualmente metodológicos, acionam, se abrem ao debate.

Em decorrência do objeto da Dissertação e do trabalho que vimos realizando, a bibliografia recém chegada da República Checa nos deu a satisfação de ler os originais e não mais as suas interpretações. Essas exegeses feitas por alguns europeus, por seu lado, fundamentaram trabalhos brasileiros. As traduções têm sido difíceis pela especificidade do conteúdo e da terminologia e vocabulário no tronco eslavo que, como outros idiomas, notadamente o alemão, apresentam obstáculos à imediata transposição para as línguas neo-latinas. Ainda no âmbito lingüístico geral, as estruturas, vocabulário e expressões correntes, assim como as peculiaridades de cada um dos idiomas – checo e português, deixam-nos inseguros quanto à precisão, mas não quanto ao sentido. Por exemplo, em checo inexistem os artigos, língua que recorre às declinações sobre três gêneros. Decorre, na tradução pela tradutora, checa, a constância das preposições não flexionadas (*de*, e não *das* – *de* + *as*, por exemplo, enquanto *contração* flexionada, como a fazemos em português). Por tais características e a necessidade de operar ajuste da tradução do checo ao português e do português empregado pela tradutora, acabamos por enveredar na compreensão dos pressupostos lingüísticos checos para se poder realizar uma revisão da tradução.

Segundo a tradutora contratada, valoriza-se, em checo, a exposição de idéias em longos períodos, sem prejuízo da compreensão. Não sendo o caso na estilística ou fraseologia média do português, as frases ficaram segmentadas, procurando a clareza, difícil. Citações relativas a fontes em checo, pela dificuldade de digitação, dados os acentos particulares àquele idioma, e para facilidade, virão em português. Houve uma grande dificuldade de tradução da terminologia, vai e vem entre a tradutora e o autor desta dissertação. Neste processo de tradução consignamos a fundamental colaboração de Jan Dolák, da orientadora e de Bruna Latini, acadêmica de museologia, além do próprio Stránský, através da gentil e empenhada participação de Suzanne e Vinos Sofka. Em decorrência dessas dificuldades, e visando prestar um serviço, dispusemos um Glossário mínimo com os principais termos, em particular os constantes na obra do pensador checo. Orgulhamos-nos as palavras de Suzanne, em mensagem eletrônica de 24 de março último, que transcrevemos:

Hello Anaildo,

These terms are head-splitters. Vinos called Stránský to find out what he meant which was not clear. Often Stránský uses the Czech language in his own special way. Vinos finally talked with him [...].

A glossary is truly a heroic undertaking, but also a very useful one. As you say, we forge our new terms, and then they may not agree in different languages. George-Henri Rivière did the same - making new words, and reviving old ones for new adaptations while keeping their original meaning.

No caso das referências contidas em Stránský, particularmente no **Archeologie**, quando verificadas em outras fontes, mostram-se com incorreções e incompletas. Há vezes em que a referência é apenas indicativa do autor, título e ano de publicação, sem constar na íntegra da bibliografia. Os apud's, assim, ficam com a sua referencialidade prejudicada. Sempre que possível, procedemos a levantamentos e cruzamentos com o intuito de buscar a completude e precisão. E Stránský, prolífico na criação de conceitos e termos, tem razão de fazê-lo e cria seguidores. Como nós que, na sua trilha, *colaboramos* com alguns, poucos, neologismos. Em verdade, trata-se de palavras que já dizemos, ou derivações adjetivas de substantivos ou, ao contrário, substantivações de adjetivos, apenas não dicionarizados. O assinalador de inexistências e erros gráficos do *Word* e o serrilhado vermelho abaixo dos "erros" nos lembram de nossa atitude arbitrária. Conforme observou a orientadora durante os encontros com seu orientado, o processo de elaboração deste trabalho se caracterizava pela hipertextualidade, propiciada pela hiperligação (*hiperlink*) propiciada pela ferramenta que são a internet e as páginas web.

Aproveitamos para agradecer aos professores em cujas disciplinas estivemos inscritos, em particular as dos museólogos doutores Tereza Cristina Scheiner e José Mauro Mateus Loureiro. Destacamos também a contribuição de Zuzana Paternostro e da tradutora Katerina Kotiková e dos colegas Bruna Latini e Amauri Rodrigues Dias e da acadêmica Mariana Lamas. Relevante ainda a colaboração do museólogo Dr. Jan Dolák, pelo gentil aporte bibliográfico, pela troca de idéias e pela colocação à disposição de seus contatos científicos.

A dissertação apresenta a seguinte estrutura:

## **INTRODUÇÃO**

O objeto da museologia, elemento fundamental para a sua caracterização científica.

### **CAPÍTULO 1. O OBJETO DA MUSEOLOGIA PARA STRÁNSKÝ: ARGUMENTANDO COM GREGOROVÁ E SCHREINER**

O objeto da museologia, considerado na perspectiva do conhecimento de três teóricos europeus, dois da então República da Checoslováquia (hoje cidadãos da República Checa) e um da então República Democrática da Alemanha, no ano de 1980. A abordagem através da Gnosologia permite observar a relação entre objeto e sujeito na teoria do conhecimento, colaborando para a análise de um aspecto científico, o objeto de estudo, e, por extensão, compreender contextos conceituais que auxiliam a explorar a construção do conhecimento teórico.

### **CAPÍTULO 2. STRÁNSKÝ EXPONDO A MUSEOLOGIA EM 1971 (OU: ASPECTOS ARQUEOLÓGICOS DO PENSAMENTO DE STRÁNSKÝ)**

Neste item, apresentaremos a exposição **O caminho do museu**, no Museu da Morávia, Brno, República Checa, 1971. Trata-se de uma maneira de resgatar a concepção havida naquele contexto científico e comunicacional, em que o Museu e a Museologia são objeto de uma exposição, e um ensaio “arqueológico” do pensamento de Stránský. Abordaremos aspectos teóricos e expográficos desse processo de comunicação, a originalidade dos elementos significantes em que se expõem idéias e não necessariamente documentos. Assim, consideraremos a idéia na representação expográfica, expressando uma vanguarda conceitual e técnica.

### **CAPÍTULO 3. UM NOVO CAMINHO CONCEITUAL, 1965-2005:**

#### **EXERCÍCIO CRÍTICO**

Apresenta e discute a caracterização científica da Museologia em Stránský, com ênfase na questão do objeto de estudo. A metamuseologia, em suma, como ele a concebe, e a abordagem das nuances que cercam o objeto na sua objetividade. E com Deloche, pretendemos considerar se a Museologia é ciência ou filosofia e a estabilidade de seu objeto para o museólogo checo. Há Museologia sem Museu?

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomaremos os principais pontos apresentados ao longo do desenvolvimento do trabalho dissertativo, procurando articular os elementos capacitadores da verificação da hipótese de a Museologia, conforme a linha de reflexão aberta por Stránský, ser cientificamente independente do Museu.

#### **REFERÊNCIAS**

Pela enunciação das fontes de pesquisa, esperamos ficar patente a pertinência e a importância dos documentos consultados e o recurso a uma bibliografia expressa em idioma de pouco conhecimento universal, o checo, e, conseqüentemente, o ineditismo de alguns dados apresentados em português.

#### **GLOSSÁRIO MÍNIMO (a partir de Stránský)**

Apresenta os principais termos disciplinares, conforme STRÁNSKÝ e DAVALLON- DESVALLÉES.

#### **ANEXOS**

##### **A. CURSOS E DISCIPLINAS CRIADAS POR STRÁNSKY**

Transcreve a produção de Stránský quanto à atividade de ensino da museologia que, claramente, expressa a sua visão teórica.

##### **B. ÍNDICE DE STRÁNSKÝ, Zbynek Z. *Archeologie a muzeologie*. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.**

Permite acompanhar, em síntese e na integridade, o pensamento de Stránský sobre a museologia em 2005, sua composição, caracterização, estrutura e organização.



Esperamos estar demonstrando a relevância do trabalho, pelo teor e pelo esforço de tomar contato direto com o pensamento da *escola de Brno*. Considerada importante, em si mesma, a discussão sobre o objeto da Museologia, buscando retomar o cerne da questão científica da adequada consideração do objeto de estudo disciplinar, caracterizador e particularizador de um determinado campo de conhecimento. Supomos ser significativo para a Museologia observá-la enquanto teoria abstraída de um campo de aplicação a que via-de-regra está associada: o Museu. Esse distanciamento poderia contribuir para a apreensão da *idéia* da Museologia, distinguindo-a da sua “*percepção*”. Tratar-se-ia de uma revalorização do método dedutivo e da filosofia a propiciar a formulação de novas perguntas sobre a natureza do pensamento museológico na sua relação metafísica com o ser e, assim, distanciada das considerações fenomenológicas. Não pretendemos negar o aspecto perceptivo da Museologia, nem o Museu-sociedade como objeto, mas pensar sobre uma ontologia da representação do conhecimento: a essencialidade humana de musealizar a sua consciência de ser, independente do contexto ou da expressão cultural própria ou representada. O que cogitamos trazer à consideração é a importância do aspecto ontológico para a discussão no campo, no âmbito do Programa de pós-graduação em Museologia e Patrimônio. Desta forma, desejamos contribuir para o caráter precursor do Programa com abordagens pouco usuais no mundo.

Foram nossos OBJETIVOS:

GERAL:

Estudar o pensamento de Stránský no que se refere à definição de objeto na Teoria do Conhecimento aplicada à Museologia, visando contribuir para aprofundar as discussões científicas sobre a Museologia.

ESPECÍFICOS:

- . Analisar o conceito “objeto de estudo” para a filosofia e ciências humanas e sociais, de modo a basear a observação de sua definição no âmbito da museologia.
- . Proceder à análise da concepção do objeto da Museologia em Stránský, com o auxílio de outros teóricos coevos, em particular Gregorová e Schreiner, buscando contribuir para o desenvolvimento da Teoria Museológica.

. Aprofundar conhecimentos sobre a produção em Museologia da Europa do Leste, a partir de Stránský, tendo em vista melhor compreender os pressupostos do pensamento museológico checo e de setores do Comitê de Museologia do Conselho Internacional de Museus – UNESCO, nos anos 1970, e de determinada linha epistemológica em Museologia.

# CAPÍTULO 1

## O OBJETO DA MUSEOLOGIA PARA STRÁNSKÝ: ARGUMENTANDO COM GREGOROVÁ E SCHREINER

Se há trinta ou mesmo vinte anos alguém, em suas colocações ou em seus escritos, tivesse considerado a museologia como uma ciência, em muitos teria suscitado um sorriso de compaixão ou de desconsideração. É evidente que hoje a situação é totalmente diversa.<sup>30</sup> (Tradução nossa)

A definição, ou melhor, as definições para a palavra “objeto” têm exercido fascínio em nossa experiência desde os dias da graduação em museologia e pretendemos seja este o objeto da dissertação do mestrado em curso. Objeto “coisa”, “objeto”, “foco de interesse”, criação material ou idéia, tais possibilidades aparentemente opostas, quando consideradas no domínio da museologia, têm estado implicadas em ambas as polarizações. Distinguir um objeto de museu, museal, como museográfico<sup>31</sup> daquele qualificado como museológico<sup>32</sup> ocupa espaço na literatura especializada e, no cotidiano, materializa situações às vezes próximas das de Babel. Mais do que terminologia, o ponto essencial diz respeito à especificação da substância da museologia, do que lhe confere existência. Supomos ser, anterior a um questionamento científico, uma disposição da ordem do pensamento filosófico, meio de se cogitar sobre aspectos relativos à lógica, dialética, ética, política, axiologia, epistemologia, estética, ontologia, metafísica...<sup>33</sup>

Nossa intenção inicial fora a de proceder a uma revisão dos textos publicados na revista *Museological Working Paper*, nº 1, de 1980, sob os auspícios do Comitê Internacional para a Museologia - ICOFOM, do Conselho Internacional de Museus – ICOM-UNESCO. A disponibilidade de tempo, a envergadura da proposta analítica e a

---

<sup>30</sup> Texto anônimo, provavelmente de J. Graesser, escrito na *Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde*, de 1883, apud SCHNEIDER, Evzen. La voie du musée, exposition au musée Morave, Brno. Museum. V.29, no. 4, 1977. p. 183.

<sup>31</sup> Concebido como aquele aplicado na realidade pragmática da existência do instituto social de preservação de “evidências do homem e do seu ambiente”, conforme a definição do ICOM para Museu.

<sup>32</sup> Tomado no sentido gnoseológico, da Teoria do Conhecimento, encarada a museologia como disciplina científica, sujeita às exigências analíticas da Teoria da Ciência.

<sup>33</sup> A valorização, pelo autor deste trabalho de Mestrado, da filosofia como lastro da Museologia pode ser evidenciada pelo teor da ante-proposta de reformulação curricular do Curso de Museologia da UNIRIO, elaborada de 8 a 11 de setembro de 2006 e apresentada ao Diretor da Escola de Museologia aos 13 dias do mesmo mês e ano, para consideração dos pares acadêmicos e corpo discente.

constatação, durante breve levantamento bibliográfico sobre o assunto na internet, de que Peter van Mensch dedica o capítulo 4 de sua tese de doutoramento ao Objeto do Conhecimento [da museologia]<sup>34</sup> e lá, embora resumida e esquematicamente, revisa os conceitos de objeto museológico. Pareceu-nos valer a pena investir em uma observação algo mais profunda, limitando a amostragem.

Desde pelo menos 1981, Josef Benes<sup>35</sup> identifica cinco objetos para a museologia, subentendendo-se tratarem de objetos afilhados a correntes de pensamento museológico encontradas pelo autor naquele período:

- o museu;
- o objeto de museu;
- a musealidade;
- a disciplina particular que utiliza certos objetos enquanto fontes primárias do conhecimento científico e que tem seu lugar no museu;
- a relação específica homem-realidade.

A estas cinco possibilidades, Benes acrescenta a sua visão do objeto museológico. Para ele, o conjunto das atividades especializadas para as quais o sistema museal realiza sua missão social é o objeto da Museologia<sup>36</sup>.

A quinta alternativa explicitada por Benes é a concebida por Zbynek Zbyslav Stránský, centro de nossas considerações. Embora discutido<sup>37</sup>, considera-se Stránský um pensador basilar, pela sua produção intelectual publicada, pela atividade docente, pela atividade museal, pela participação no ICOFOM, pela consideração de seus pares e, para nós, especialmente pela ancoragem filosófica de suas formulações; e ainda pela postura ética com relação a postulações de orientação diversa, pela trajetória de construção e acumulação de suas posições acadêmicas, - por tudo isso, Stránský deveria encabeçar a lista proposta.

<sup>34</sup> MENSCH, Peter van. **Towards a methodology of museology** (PhD thesis, University of Zagreb, 1992). C. 4. Disponível em: <[http://www.muuseum.ee/en/erialane\\_areng/museoloogiaalane\\_ki/p\\_van\\_mensch\\_towar/mensch04](http://www.muuseum.ee/en/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/p_van_mensch_towar/mensch04)>. Acesso em: 27 jul. 2007.

<sup>35</sup> BENES, Josef. Contribution à l'éclaircissement du concept de muséologie. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM. Estocolmo: ICOFOM, n. 2, p. 11, 1981.

<sup>36</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>37</sup> Algo sobre a trajetória conceitual de Stránský e do papel de suas concretizações intelectuais e a posição entre os museólogos de diversas linhas pode ser lido em DOLÁK, Jan; VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z.Z. Stránský**. Brno: Masarykova Univerzita, 2006.

Klaus Schreiner pareceu-nos crítico e independente, fazendo supor que a sua inclusão facultaria ver certas questões por outros ângulos, libertando as possibilidades analíticas. Menos filosófico, suas considerações sobre as experiências de seu tempo no campo *museológico*, vividas ou lidas, situam-no em um tempo-espaço específico, à época diretor de um museu em cidade da então República Democrática da Alemanha, permitindo-se entrever um momento histórico preciso. Poderíamos dizer: um momento histórico-ideológico preciso. E, se não perspectivarmos a abordagem ideológica, foi inevitável identificar os três pensadores escolhidos como integrantes de países do *bloco comunista*, de orientação ideológica marxista, nos idos de 1980.

Anna Gregorová, autotitulada como filósofa, compatriota de Stránský na então Checoslováquia, detinha credenciais semelhantes às do colega de Brno. Afirmando-o ou apresentando a originalidade de suas concepções, Gregorová pareceu ser uma boa escolha para as finalidades deste trabalho.

Tendo a geopolítica se alterado profundamente desde então, com a queda de *estados de esquerda*, olhar esses autores é também olhar uma parcela distante da história, como se observássemos agora, metaforicamente, a luz emanada das estrelas há milhões de anos. No entanto, não se trata de algo *passado*". O conteúdo dos textos escolhidos desses autores e, sobretudo, seu enquadramento são datados e circunstanciados e refletem uma realidade espaço-temporal. Esses escritores, dentre outros do período e mesmo anteriores, continuam sendo referenciais, tornados clássicos para o trabalho em curso, de um triângulo que se desenha.

Em termos hipotéticos, retomando-se o comentário de Schneider, de 1977, pelo qual não se pode afirmar ter a museologia se imposto no mundo da ciência e na consciência social, o problema seria a importância da definição do objeto de estudo disciplinar, no âmbito museológico, impreciso em 1981, conforme Benes, e, em especial, poder-se observar do estabelecimento de um objeto para a Museologia independente da instituição museal.

Os textos dos autores escolhidos, como enunciado, têm origem comum. Tanto pelo estímulo que os originou quanto pelo meio de difusão em que se encontraram, os trabalhos procuram responder à questão proposta - A museologia: ciência ou apenas trabalho prático do museu? O teor dessa pergunta fora estabelecido pelo Conselho de

Redação do ICOFOM ao se decidir, em 1979, pela publicação de uma revista, *Museological Working Papers - MuWoP*, e, na Assembléia do Comitê, daquele mesmo ano, como uma das “Provocações Museológicas”. E o primeiro número da revista trouxe o resultado das colaborações sobre o tema. Independente da forma adotada para se chegar aos articulistas, uma rápida passagem de olhos pelo Sumário nos faz conhecer que ali estavam falando: 1 francês, 1 eslovaco<sup>38</sup>, 1 sueco, 1 canadense, 1 britânico, 2 checos, 1 russo, 3 norte-americanos, 1 australiano, 1 alemão (República Democrática da Alemanha), 1 japonês e 1 sírio.

O próprio mapa-múndi, ali estão os cinco continentes e culturas diversas e marcantes em suas substâncias. Considerados os conjuntos (antecipando a provocação seguinte, para o número seguinte e derradeiro da revista, sobre a teoria dos sistemas), a Europa se apresenta através de 8 indivíduos, a América do Norte (e apenas ela), com 4. Do continente asiático, os 2 articulistas representam os extremos – oriente médio (Síria) e o extremo oriente (Japão). Um do novíssimo mundo e ... tipicamente, nenhum latino-americano.

As indicações acompanhantes dos nomes dos autores os caracterizam profissionalmente<sup>39</sup> e as suas nacionalidades à época. Na geopolítica de 1980, dos 8 europeus, 3 são checoslovacos e 5 deles integrantes de estruturas em países comunistas. Do total de 15, assim, havia 1/3 de articulistas relacionados a países comunistas (sendo 3 checos, enfatize-se), certamente 3 norte-americanos capitalistas, talvez socialistas europeus e, quem sabe, um ou outro não alinhado<sup>40</sup>. A representatividade checoslovaca e a de demais Estados então comunistas são patentes: os checoslovacos preponderaram nessa fase do ICOFOM.

Nossos escolhidos, portanto, estratos de um mundo outro, estariam impregnados da importância da história e na superação do indivíduo em prol da sociedade, do coletivo. História e sociologia, aliados à filosofia (ou antes derivados dela, em especial na vertente ideológica) fazem valorizar a realidade, particularmente social, fenomenologicamente experienciável, em sentido diacrônico. Lendo-se esses textos marcados, palavras como *evolução*, *desenvolvimento*, saltam à vista pela

<sup>38</sup> Adotamos a nacionalidade atual, alterada para as repúblicas Checa e Eslovaca, antes Unidas. No caso alemão, assinalamos a origem da ex Alemanha oriental.

<sup>39</sup> A ausência de titulação e da formação acadêmica se compreende pela busca de afirmação da museologia como disciplina científica independente, objeto-tema da revista em que figuravam.

<sup>40</sup> Afirmação difícil de se verificar, pois a Síria estava na esfera francesa, devido ao período imperialista, e o Japão na norte-americana. Os participantes da França, Grã-Bretanha, Suécia e talvez ainda o do Canadá, poderiam ser socialistas, nada a se admirar.

constância. A própria abordagem sobre a ciência contempla a evolução e o desenvolvimento, avocados como identificadores dos estágios de existência (sincrônico) mas sobretudo de fases históricas. Sob a atual divisão política do mundo, repetimos, observar excertos desse momento passado, mas não ultrapassado, destaca a importância persistente dos agora clássicos, os que lhes dá existência atemporal e validade referencial, atestações de uma gnoseologia, dos seus objetos de conhecimento em relação a si, como seres, ao pensamento e ao valor, ao menos, histórico para nossa disciplina científica.

Quando se pensa em um *bloco*, prontamente vem à mente a noção de unidade, de unanimidade. As diferenças, entretanto, subsistem, inclusive pela arbitrariedade política, hoje claramente perceptível, do desenho europeu após as grandes guerras mundiais e, até agora, presenciamos o resultado aos sucessivos desrespeitos às identidades étnicas. Por esse filão, alemães orientais e checos necessariamente não têm afinidade e cumplicidade irrestritas. Checos e eslovacos, de modo similar, conviveram até o limite de suas tolerâncias. E, em particular, enquanto pensadores, indivíduos têm pensamentos autônomos, observáveis em sua produção.

Indo então em direção ao particular, depois dos contextos estruturais e conjunturais do sistema dos 15 e o subsistema do trio, começaremos a observar Stránský a partir do conteúdo expresso em seu texto sem título<sup>41</sup>.

É interessante a recusa declarada já de início a recorrer aos seus estudos anteriormente publicados para responder a questão proposta à discussão, evitando a repetição dos próprios pontos de vista e conhecimentos, preferindo confrontar idéias, “com contendores que aceitem o debate, defendendo-se posições e sabendo-se convencer a partir da propriedade da argumentação”<sup>42</sup>. Suas palavras soam como um desafio desportivo, uma proposta de jogo que ele logo expressa propondo uma hipotética formulação lógica, de raciocínio silogístico.

Reflete o autor sobre o equívoco da presença da palavra *apenas* na formulação da questão, posto que se possa desejar saber se houve mudanças de eixo, de um caráter a outro, de ciência a prática e/ou vice-versa. Assim, concluindo pela

---

<sup>41</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?** In: ICOFOM. **Museological Working Papers** [doi] ICOFOM. Estocolmo, n.1, p. 42-44, 1980.

<sup>42</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. In Op. Cit., p. 42.

inadequação da formulação proposta, o autor reposiciona o questionamento, buscando uma reflexão lógica sobre o tema, argumentando:

- a. se escolhe-se um termo, supõe-se uma determinada intenção, por responder a uma parcela ou aspecto da realidade, se subjetiva ou objetiva.
- b. Se os termos respondem à realidade, deve-se definir o seu recorte quanto à totalidade da realidade. Isso se caracterizaria pelos aspectos essenciais, pois condicionam a própria existência dessa parcela de realidade.
- c. Se esta realidade especial existe agora, deve-se saber se já existia, se se desenvolveu. Em caso afirmativo, concebe-se o estado atual como sendo apenas uma fase.
- d. Se o fenômeno observado existe e se desenvolve, condiciona-se histórica e socialmente, assim cumprindo uma certa missão, com seu sentido próprio. Conhecer tal sentido permite deduzir o conhecimento do que é, do que seria e do que deveria ser.

Ao longo de seu escrito analisa cada tópico, pelo que

- a. Os termos museologia, museografia, teoria dos museus em comum se relacionam ao museu e implicam uma reflexão sobre ele, fenômeno objetivamente existente. Põem em equivalência os termos museologia e **teoria de museus**. (grifo nosso)
- b. Afirma ser pequena a produção sobre teoria museológica, e o grosso das obras dedica-se às atividades do museu ou são generalizações e classificações empíricas. São raros os textos gnoseológicos e o mesmo ocorre com os programas de ensino de museologia, que repousam sobre uma base teórica fraca.
- c. Se a museologia evoluiu no seio da própria evolução da humanidade, se valida sua existência e a do museu enquanto parcelas da evolução total.
- d. Se a teoria de museu existiu no passado e se desenvolveu, respondeu a certa necessidade social, o que também vale para as circunstâncias contemporâneas, dado que o fenômeno museu integra o processo de formação da cultura humana. Então, se persiste, é porque tem lugar e missão específica.

Assim se sintetizam suas conclusões:



- O termo museologia correlaciona teoria e prática (conhecimento específico orientado para o fenômeno museu).
- A teoria de museu não atende às necessidades metateóricas (critérios vigentes da teoria científica).
- É fenômeno histórico. Pode ser observado diacronicamente, constatarem-se tendências para aprimorar a teoria e de transformá-la em disciplina científica específica.
- Observando-a à luz da história das ciências (Bernal, Dobrov), encontra-se em estágio de formação e de especificação. Por isso, é ainda tão empírica e ligada à prática.
- O pensamento museológico vem evoluindo e se estruturando, demonstrando a capacidade de vir a se tornar disciplina científica específica.

Segundo o autor, a abordagem intuitiva e empírica foi suficiente até as mudanças da segunda metade do século XX. A contradição entre o estado crítico dos museus em relação às exigências do estado da sociedade se resolveria em termos da prática, mas também, e em especial, pelo conhecimento do aspecto objetivo da realidade. Trata-se de superar a concepção de museu que liga a atividade do pensamento museológico aos problemas de organização e de ordem técnica, o que leva muitos autores a identificar a teoria com a prática de museu. Sintetizam-se métodos de disciplinas científicas e não se precisam os métodos museológicos específicos.

Confunde-se o sistema com a estrutura funcional do museu. Sem ser a mera classificação de conhecimentos adquiridos, o sistema teórico “modela a realidade conhecida” e “torna-se instrumento para um conhecimento mais profundo”, “do que se está distante.”<sup>43</sup>

Stránský conclama a se concentrar no objeto dessa teoria ou ciência: “**A questão do objeto é a questão chave.**”<sup>44</sup> (grifo nosso)

<sup>43</sup> Várias expressões fortes de STRÁNSKÝ, Zbynek Z. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **La muséologie**: science ou seulement travail pratique du musée? In: ICOFOM. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM. Estocolmo, n.1, p. 44, 1980.

<sup>44</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. In Op. Cit., p. 44. 1980.

Eis os termos implicados na concepção de Stránský: Gnoseologia, história, sociedade, relação e relacionamentos, sistemas, teoria e prática. Lendo-se outros textos seus, pode-se dizer que tudo isso lhe tipifica o modo de formular o pensamento. A surpresa da recusa adquire ao final do que se leu um sabor de frustração: “A questão do objeto é a questão chave.” Sobre ela, entretanto ficam as perguntas sobre ser o museu o objeto da disciplina. Museologia ou teoria de museus? O jogo, que parecia desafio, acaba em uma afirmação aparentemente esvaziada. Se para a substância de ciência o objeto definido é fundamental, como discutir o tema ciência – trabalho prático sem se ater ao objeto? O autor parece exercer a lógica como subterfúgio para ocultar a ausência de posição objetiva: premissas não consistentes para a obtenção de uma conclusão. Falso silogismo?<sup>45</sup>

Klaus Schreiner contribuiu com o artigo “Critères pour la place de la museologie dans le système des sciences”<sup>46</sup>. Diretor de museu em Alt Schwerin, Alemanha (ex República Democrática da Alemanha), afirma:

O conhecimento não tem parado de se ampliar e a velocidade dessa ampliação tem aumentado. Com o desenvolvimento histórico, ocorre diferenciação entre os domínios do conhecimento, a divisão do trabalho no seio das atividades científicas, e crescente especialização.<sup>47</sup>

Propõe-se a discutir objetivamente os critérios que definem a museologia como disciplina e seu objeto.

---

<sup>45</sup> Não desejamos parecer arrogantes ao questionar a construção de Stránský. Revelamos uma insatisfação parcialmente sanada pelas referências externas ao pensador checo, conforme a análise dos outros dois textos. Ao contrário, nutrimos uma admiração que vem de longa data, desde que, em 1978, entramos em contato com o artigo sobre a exposição concebida por ele e que fundamentou a exposição curricular 1979/1, do Curso de Museologia da UNIRIO. (SCHNEIDER, Evzen. La voie du musée, exposition au musée Morave, Brno. In: Museum. V.29, no. 4, 1977. p. 182-192. A exposição, promovida por Stránský, e que será objeto do próximo capítulo, contou com o auxílio de Jan Jelinek, Vilem Hank e de Evzen Schneider; sendo o plano da exposição de Zdenek Lang; parte artística por Leo Kapoun. Comemorou os 10 anos da fundação do Departamento de Museologia (1963, conforme UNIVERSIDADE de Toronto. Disponível em: <[www.utoronto.ca/mouseia/course2/Museum2.pdf](http://www.utoronto.ca/mouseia/course2/Museum2.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2007.) da Faculdade de Filosofia da Universidade Jan Evangelista Purkyně (atualmente retomou o nome original de Universidade Masaryky), de Brno, e o cinquentenário da criação naquela Universidade de uma cadeira para a formação do pessoal de museu (1921, conforme UNIVERSIDADE Masaryky. Disponível em: <[http://ois.muni.cz/at\\_mu/brief\\_history\\_of\\_mu](http://ois.muni.cz/at_mu/brief_history_of_mu)>. Acesso em: 27 jul. 2007.). Teve apoio do Conselho Internacional de Museus, ICOM. A exposição foi inaugurada em 1971.

<sup>46</sup> N.T. Como o autor trabalha muito com o objeto “coisa”, para diferenciar do “objeto científico”, o texto em francês empregou “objet” para o primeiro caso e “sujet” para o segundo, visando a clareza das idéias apresentadas.

<sup>47</sup> SCHREINER, Klaus. Critères pour la place de la muséologie dans le système des sciences. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM. Estocolmo, n.1, 1980, p. 39. Desde o início de seu artigo, aparecem os termos relativos à história e à sociedade.

Disciplina científica, ou individual, é um domínio do conhecimento independente, historicamente em via de desenvolvimento e sistematizado por um conhecimento de base exata da natureza, da sociedade e de suas leis; ele é determinado por certas concepções (em particular leis), afirmações, teorias e hipóteses e difere das outras disciplinas por seu objeto, seus métodos e suas concepções específicas.<sup>48</sup>

E, conforme o objeto, as disciplinas se integram a um sistema científico complexo, onde ainda se subdividem (ciências naturais e sociais, p.ex.).

Conceitua-se objeto de estudo de uma disciplina científica como

o conjunto de atributos, estruturas e leis do desenvolvimento de certos domínios (partes, aspectos, aparências, processos) da realidade objetiva ou sua imagem em nossa consciência, que são explorados pela disciplina concernente.<sup>49</sup>

Neste quadro, a tarefa da disciplina científica é encontrar e formular as leis concretas do seu objeto de estudo particular.

Há muita discussão sobre qual o objeto da museologia.<sup>50</sup> Menciona que publicações de países socialistas, desde 1974, contêm concepções sobre o objeto da museologia.

Se Stránský se absteve de conceituações, novas ou, sobretudo, recuperadas, Schreiner nos presta o serviço de enunciar o que Stránský definira como museu, em publicação de 1974: instituição documentária que reúne, preserva e comunica os testemunhos autênticos da realidade concreta.<sup>51</sup> Indo além, continua citando Stránský quanto a sua definição do objeto: a *musealidade*, um valor documentário específico dos objetos concretos e perceptíveis da natureza e da sociedade, o valor da evidência autêntica da realidade.<sup>52</sup>

Cita-o, todavia, para contestá-lo. Outras disciplinas científicas se fundam sobre os objetos concretos e perceptíveis da natureza e da sociedade e, do ponto de vista

---

<sup>48</sup> Ibid, ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>50</sup> O autor destaca o estudo sobre o assunto realizado por Ilse JAHN, que seria de interesse ter acesso.

<sup>51</sup> Difícil resistir a comparar com os parâmetros contemporâneos admitidos nas definições e, por consequência, o caráter restritivo e excludente de certos conceitos do passado (preconiza-se a retirada, a coleta, perdendo-se o todo, o contexto, o ambiente, o território. Desconsidera-se a realidade virtual, incipiente; desprezam-se as reproduções e ignora-se a cultura não material).

<sup>52</sup> Ainda referente à publicação de 1974. E, a dificuldade persiste, perguntando-se: e a fruição estética, a memória afetiva, a emoção, o juízo, etc?)

gnoseológico, esses objetos não têm valor documentário “de saída”, mas apenas em conexão com a disciplina especializada relativa.

Os objetos naturais são a base de trabalho das ciências naturais e, para a história, são os objetos que evidenciam a evolução da sociedade. Assim, não se pode pretender uma existência intrínseca a ser descoberta para tornar-se objeto específico da museologia. Citando Wolfgang Herbst, em sua obra **Geschichtsmuseum** (sic), de 1972, afirma que o **museu é o objeto de estudo** (grifo nosso), objeto independente, com suas leis próprias. Nesse caso, objeto que adquire existência própria, independente de situações históricas, com disciplinas auxiliares que seriam subordinadas à museologia. Os museus baseiam disciplinas diferentes, mas eles mesmos não são elementos das disciplinas.

Para o autor, o objeto “é o conjunto dos atributos, estruturas e leis em evolução que determinam o processo complexo de aquisição, de preservação, de decodificação, de pesquisa e de exposição de objetos escolhidos, originais da natureza e da sociedade, enquanto fontes primárias de conhecimento” (que não são fontes exclusivas à museologia). Donde que o objeto específico é “o processo complexo de aquisição, de preservação, de decodificação, de pesquisa e de exposição de fontes primárias do conhecimento.”<sup>53</sup> Tais objetos originais, autênticos, ou objetos da percepção direta sensorial, conforme a mencionada escritora Ilse Jahn, não diferem o antigo do contemporâneo, o único do múltiplo, o manual e o mecânico, etc. pois os segundos termos são fontes de processos atuais.

Para efetuar a distinção, Schreiner estabelece que objetos chegados ao museu se denominam objetos de museu. Testemunhos da evolução social, sob diversos aspectos (público, privado, p.ex.) refletem necessidades sociais. A natureza transitória dos objetos faz a sociedade desejar uma preservação, a longo prazo, para pesquisa e educação como “uma medida e um indicador do desenvolvimento econômico, político, social e cultural em um certo momento, dentro de uma certa sociedade e sobre um certo território”<sup>54</sup> ou “para permitir a comparação das etapas do desenvolvimento do processo histórico da natureza dentro de um tempo futuro, seja para comparar os

---

<sup>53</sup> SCHREINER, Klaus. Critères pour la place de la muséologie dans le système des sciences. Op. Cit., p. 40, 1980. [Tradução nossa].

<sup>54</sup> HERBST, Wolfgang. *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft*, p.12, apud SCHREINER, Klaus. Critères pour la place de la muséologie dans le système des sciences. Op. Cit., p. 40

processos do conhecimento para descobrir se eles são reiteráveis ou testáveis, seja para suscitar o conhecimento”.<sup>55</sup> Assim, também, se constituem em provas materiais.

A necessidade social de uma preservação durável se exerce sobre objetos selecionados, sendo, então, que estas fontes primárias, no caso *museológico*, são determinadas e determinam o domínio específico de um objeto científico, pois não é um objeto dado, mas **escolhido**. (grifo nosso)

Se o objeto for reduzido à natureza de fontes primárias originais, parte das ciências documentárias, a museologia estaria ao lado de arquivos e bibliotecas. E os processos complexos (conservação, pesquisa, etc.) ficariam de fora, ainda que socialmente identificados com os museus.

“É dever da museologia e da pesquisa museológica descobrir e formular os atributos, estruturas e leis em evolução deste conjunto que é específico dos museus.”<sup>56</sup>

Define então museologia como:

[...] uma disciplina sócio-científica, historicamente crescente, à que concerne às leis, princípios estruturas e métodos do processo complexo de aquisição, preservação, decodificação, pesquisa e exposição de objetos originais **móveis** escolhidos da natureza e da sociedade, enquanto fontes primárias do conhecimento, que forma a base teórica do trabalho de museu e do sistema **museal** com o auxílio de uma experiência generalizada e sistematizada.<sup>57</sup>

Em confronto com as disciplinas de base ou especializadas empregadas no museu, a museologia é ciência auxiliar, secundária. Assim, pelas suas ligações estreitas com as demais disciplinas, é necessário que ela seja cooperativa e integrada.

Para Schreiner, a museologia compreende: a teoria museal; os métodos museais<sup>58</sup> e a história do sistema de museus.

<sup>55</sup> JAHN, Ilse. **Neue Museumskunde**. Halle, n. 1, p.20, 1960, apud SCHREINER, Klaus. In Op. Cit., p. 40 [Tradução nossa].

<sup>56</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>57</sup> Ibidem, loc. cit. [Grifo nosso].

<sup>58</sup> O termo **museal** parece ser usado por Schreiner como: *relativo a museu*.

Tanto no texto estudado de Stránský quanto no de Schreiner, ao final, o objeto da museologia é o museu e o objeto de museu desempenha papel fundamental. Seja *musealidade* o princípio, sejam as funções desempenhadas pelo museu, o objeto material centraliza ambos os posicionamentos. Realidade, percepção sensorial, fenomenologia, em suma, reforçam a materialidade, e a propalada gnoseologia se presta a ser tomada no sentido de redundar a concepção material do objeto, seja o de museu, seja o da museologia.

Chega a vez de lermos Gregorová. Ao contrário do então compatriota, refere-se à sua própria e extensa produção anterior sobre museologia, na qual se baseará, e se posiciona declaradamente como filósofa. E, novamente, se Stránský optou por afastar-se de seu passado, Gregorová busca nele a definição do objeto da museologia, uma disciplina científica em via de formação, “cujo objeto é o estudo da ‘relação específica homem – realidade’ no meio de todos os contextos nos quais ela se manifesta concretamente.”<sup>59</sup> Atribui a Stránský a primazia na Checoslováquia da definição filosófica, estabelecendo o caráter relacional entre sujeito e objeto, gnoseológico e fenomenológico.

Na consideração da relação museológica à luz da realidade, identifica 3 grupos de problemas fundamentais: o museu e a realidade, o museu e a sociedade e os problemas terminológicos em conexão com a análise das funções do museu. Propõe-se a uma abordagem analítico-indutiva para atingir, por um método dedutivo, uma síntese que permita formular logicamente a definição de museu e de museologia.

O museu e a realidade - A relação homem – realidade (H-R) se caracteriza por aspectos específicos.

- a. cronológico tridimensional da realidade – ou “continuidade da realidade” ou ainda “o sentido histórico”, manifesto pelo fato que o homem percebe a continuidade da evolução histórica do que decorre o respeito ao passado, às **tradições** (grifo nosso) e sente-se a necessidade de os proteger, etc. Este aspecto tem os componentes: gnoseológico, psíquico e ético. E a relação decorre da evolução geral da humanidade, do processo cultural e social da humanidade, portanto.

---

<sup>59</sup> GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM. Estocolmo, n.1, p. 19, 1980.

- b. de estruturação e diferenciação da realidade, expresso pelo fato de ser o homem consciente da totalidade da realidade, distinguindo a substância em relação ao fenômeno, a parte em relação ao conjunto, os traços específicos dos gerais. O aspecto "genérico da realidade" liga-se ao nível das ciências, dos conhecimentos, da educação em certo momento. O lado psicológico da relação H-R pode ter várias raízes. Mas a motivação fundamental aqui é o sentido histórico, impulsionador de se constituir coleção, expressão de uma atitude *museológica*, decorrente de um determinado grau de sua evolução, o homem tornou-se capaz de conceber e de apreciar os valores da realidade (cultural e natural), desejando coletar e preservar esses valores.
- c. Envolve certo aspecto institucionalizado, no qual aparece a noção de museu.<sup>60</sup> O desenvolvimento dessa relação não parou de se aprofundar e de se precisar desde então. Ao mesmo tempo, constatamos o desenvolvimento da concepção das funções do museu e a diferenciação dos tipos de museu.

Entretanto, a questão dos museus e da realidade como objeto de estudo não se restringe apenas à relação museológica H-R. Há o dado da realidade escolhida, objeto museológico e seu contexto, seu valor gnoseológico e seu potencial. Potencial gnoseológico do objeto do museu está compreendido no seu *valor documentário*<sup>61</sup>, sobretudo material, que é ao mesmo tempo o *valor museológico*. Observar esse valor desde o grau sensorial até o grau abstrato e de conceito lógico.

O museu e a sociedade - objeto, também, da museologia, o estudo de todas as relações do museu enquanto instituição com a realidade social, e vice-versa, cria as condições para que a museologia seja uma ciência interdisciplinar. O fundamento social do museu engloba três aspectos fundamentais.

- a. cultural: a ação dos museus e de suas coleções implica estudos sobre teoria da documentação e de teoria das informações científicas.

---

<sup>60</sup> Exemplificando: "[...] a relação museológica com a realidade foi demonstrada pela primeira vez por um fato histórico, descoberto por Leonard Woolley: a princesa Bel-Chalti-Nannar, filha do último rei da Babilônia, Nebonide, reuniu, no Século VI a .C. , uma coleção que se pode considerar como o mais antigo museu do mundo, e que foi documentado por um registro de objetos, o que é sem dúvida o mai antigo guia conhecido de museu." GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM. Estocolmo, n.1, p. 19, 1980.

<sup>61</sup> Mais uma referência à conceituação de Stránský.

- b. Educativo: engloba a ideologia e a concepção e mundo. “Museus são fatores gerais de cultura e têm impacto ideológico sobre a formação da consciência social.”<sup>62</sup>
- c. Efeito sociológico ou sócio-psicológico dos museus: exige estudos sociológicos e de psicologia social.

Museu, museologia - Problemas de terminologia e de categorias integram também a museologia geral. A noção inexata, a observação voltada para o ponto de vista prático, institucional e funcional afastam de se exprimir a substância da coisa. “Assim, o objeto, por exemplo, da estética não pode ser o edifício ou uma instituição que colecion e exponha obras artísticas, mas sim a relação específica estética do homem com a realidade, **o museu, igualmente, não pode constituir o objeto da museologia.**”<sup>63</sup> (grifo nosso)

Para definir museologia, a autora toma em consideração a relação específica homem-realidade. Logo:

A museologia é uma ciência que examina a relação específica do homem com a realidade, e consiste na coleção e na conservação conscientes e sistemáticas e na utilização científica, cultural e educativa de objetos inanimados, materiais, móveis (sobretudo tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade.<sup>64</sup>

Destaca o aspecto sintético e interdisciplinar da museologia e ressalta que **a definição de museologia não pode se basear sobre o museu nem sobre os objetos colecionados. As instituições não são objeto da ciência.** (grifos nossos). As coleções são objeto de outras disciplinas científicas. As pesquisas científicas no museu não são objeto pois são parte da metodologia e da história da ciência e de outras disciplinas. A atividade cultural e educativa é realizada também por muitas outras instituições e objeto de outras disciplinas (história e teoria da cultura, sociologia, psicologia, etc.). Esse objeto de estudo é tanto um aspecto da existência material do mundo e de suas relações e fenômenos.<sup>65</sup>

<sup>62</sup> GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM. Estocolmo, n.1, 1980, p. 20.

<sup>63</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>64</sup> GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM. Estocolmo, n.1, 1980, p. 20.

<sup>65</sup> Em relação à definição de museologia, para Gregorová a de museu é: “uma instituição que aplica e realiza a relação específica homem – realidade, consistindo na coleção e na conservação conscientes e



Cá estão os mesmos conceitos operacionais: gnoseologia, história, sociedade, evolução (associada a estágios, graduação), desenvolvimento, relação. Explicita a natureza ideológica nos processos sociais, educacionais em particular, de que também participa o museu, como formador da consciência social. Menciona ainda as tradições, prenúncio talvez da incorporação da cultura não material?)

E, para satisfação do autor do presente trabalho, adota um objeto para a museologia que não o museu. Nisto reside sua total originalidade e independência de espírito, quer dos teóricos comparados, seja em relação ao próprio ICOM e ICOFOM. Independência do primeiro por se definir como Conselho Internacional **de Museus** (grifo nosso) e do segundo por ser ele afiliado ao primeiro e nele, jovem à época, a voz majoritária objetivava o museu.

Infelizmente, a disponibilidade atual de dados em bibliografia e em idioma por nós compreensível nos impede de precisar se houve um ponto em que Stránský, além de abrir a questão da definição do objeto da Museologia à consideração de ordem filosófica, o teria liberado do Museu ou se a originalidade dessa abordagem se deve exclusivamente a Gregorová.

---

sistemáticas e a utilização científica, cultural e educativa dos objetos inanimados, materiais, móveis (notadamente tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade. As funções fundamentais do museu ficam desta forma evidenciadas: [a autora entende por função a orientação, o objetivo da atividade, expressando ao mesmo tempo a missão e a esfera da atividade]: a) coleta consciente e sistemática dos objetos de museu e formação de coleções; b) conservação e proteção das coleções; c) utilização geral das coleções de museu. Esta função pode ser subdividida em c1) pesquisas científicas; e c2) cultural e educativa.

## CAPÍTULO 2

### STRANSKÝ EXPONDO A MUSEOLOGIA EM 1971 (ou: ASPECTOS ARQUEOLÓGICOS DO PENSAMENTO DE STRÁNSKÝ)

Muitos certamente serão os que expressarão sua discordância, mas, ao mesmo tempo, estou certo, como foi o caso da exposição ela mesma, esta análise suscitará uma reação sadia e purificadora, afinal. Este foi o nosso objetivo.<sup>66</sup>

É por isso que penso que não somente tivemos razão, mas que foi de fato nosso dever de organizar esta exposição e de nos dirigir assim ao pessoal dos museus e a toda a sociedade, pois a sociedade permanecerá sempre como juiz mais sincero e o crítico mais estimulante de nossos trabalhos.<sup>67</sup>(SCHNEIDER, 1977, p. 191.)

“A política é de natureza conflitual pela simples razão que não há política quando não há inimigo, até porque uma idéia pela qual ninguém luta é uma idéia morta.”<sup>68</sup> O conceito de Julien Freund (1921-1993) superposto às duas citações anteriores de SCHNEIDER implicam o caráter contraditório na avaliação de idéias, sabido de antemão, e a justificação de que, informando, os caminhos “políticos” podem ser aplainados e que, se um conflito de idéias for instaurado no seio de uma comunidade, uma entidade mais abrangente, com uma visão menos imediata, porque menos envolvida diretamente com as idéias postuladas – a “[...] sociedade [...] juiz mais sincero e o crítico mais estimulante de nossos trabalhos”, porém menos influente sobre questões científicas.

De qualquer forma, a concepção de FREUND sobre a vitalidade do ideário, condição existencial do fato político e sua caracterização – o conflito, supõe a importância para um determinado conjunto de pessoas em um certo momento e espaço, para quem, onde e quando certas idéias merecem ser discutidas. Algumas

<sup>66</sup> Schneider, que estudara história checa e mundial, língua e literatura checas, museologia na Universidade Purkyne, dirigia o Museu da Boêmia do Sul em Ceske Budejovice, desde 1971, era encarregado então encarregado de conferências no Departamento de museologia da Universidade Purkyne, membro do Comitê checoslovaco para o ICOM, desde 1975, e do Comitê internacional do ICOM para a museologia, ICOFOM, desde a sua criação, a partir de 1977. SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno.UNESCO. *Museum*, Paris, v.29, n. 4, p. 191 e contracapa, 1977. (Tradução nossa).

<sup>67</sup> Ibidem, p. 191.

<sup>68</sup> <<http://MALTEZ.info/biografia/freund.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

idéias, se mortas mas [re]apresentadas, quando menos pelo simples deslocamento contextual original, podem gerar polêmica, pela argüição de sua veracidade, propriedade, significância, validade, entre outras categorias. Assim, trazer à consideração, por um assunto em pauta, informar, comunicar, mostrar, enfim, implicam a incerteza sobre as reações que suscitará. **“Expor, se expor, é correr um risco, o risco de ser modificado.”**<sup>69</sup> O risco é mais de natureza política, como se pôde apontar, que de alteração, no tocante a uma exposição concebida e inaugurada em 1971, em um país da então *cortina de ferro*. E, a despeito da natureza do risco, Schneider está cômico dele e disposto a corrê-lo.

Conforme DELOCHE<sup>70</sup>, a museologia propriamente dita

[...] poderia ser definida como a **filosofia do campo museal**<sup>71</sup> pois ela busca analisar e compreender esta relação específica do homem com a realidade que operam as funções do museu (Z.Z. Stránský). – Entretanto, a museologia não pode se abster de se interrogar sobre os desafios e as modalidades da apresentação, que nunca é uma operação neutra, na medida que ela comporta sempre um impacto sobre o público e traz consigo uma concepção das missões do museu e mesmo do seu estatuto institucional.

A exposição de que se fala, e que será o objeto deste trabalho, é **O caminho do museu** (*Výstava: Cesta muzeí*).<sup>72</sup> Promovida por Zbynek. Z. Stránský, auxiliado por Jan Jelinek, Vilem Hank e Evzen Schneider, a exposição **O Caminho do museu** teve plano de Zdenek Lang, sendo a parte artística realizada por Leo Kapoun. Comemorou os 10 anos da fundação do Departamento de Museologia,<sup>73</sup> da Faculdade de Filosofia da Universidade Jan Evangelista Purkyně<sup>74</sup>, de Brno, República Checa, e o cinqüentenário da criação naquela Universidade de uma cadeira para a formação do

<sup>69</sup> BELLAIGUE, Mathilde. **Du discours au secret**: le langage de l'exposition. S.l: S.e, S.d. Fotocópia. p. 22. Grifo do autor.

<sup>70</sup> Texto elaborado com a colaboração de Audrey Casella, Ludovic Guillier et de Céline Rosset, do grupo do ICOFOM na Universidade Lyon 3. DELOCHE, Bernard. Le multimédia va-t-il faire éclater le musée? ( In: ICOM/ ICOFOM. **Museology and presentation**: original or virtual? Munique: Museums Pädagogisches Zentrum, 2002. ICOFOM Study Series – ISS 33b, p. 46.

<sup>71</sup> Grifo nosso, visando assinalar o papel da filosofia na museologia enquanto sistema de pensamento. O autor, todavia, tem dificuldade de considerar o museu como “o” campo objetivo da museologia, mas um campo privilegiado de observação para a museologia.

<sup>72</sup> O texto de SCHREINER na revista MUSEUM, traduzido do checo para o francês, intitulou a exposição como “La voie du musée”. A palavra “voie”, em português tem os sentidos de: caminho, percurso, trajeto, via. O texto emprega o termo “voie” em seu corpo, por várias vezes, em diferentes contextos. Recurso enfático da idéia em discussão, ocorrendo em menor escala com a palavra “labirinto”, preferiu-se na tradução usarem-se palavras específicas, pelo significado contextual em nosso idioma.

<sup>73</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v.29, n. 4, p. 184, 1977.

<sup>74</sup> Atualmente retomou o nome original de Masarykova Univerzita. UNIVERSIDADE MAZARIKY. Disponível em <[http://ois.muni.cz/at\\_mu/brief\\_history\\_of\\_mu](http://ois.muni.cz/at_mu/brief_history_of_mu)>. Acesso em: 27 jul. 2007.

pessoal de museu. Teve apoio do Conselho Internacional de Museus, ICOM <sup>75</sup>. Na enunciação dessa exposição, na obra de DOLÁK e VAVRIKOVÁ <sup>76</sup>, há uma informação parentética a respeito da relação com o ICOM (*urceno pro generální Konferenci ICOM, zamítnuto jako kosmopolitní akce*).<sup>77</sup> Tendo sido o Departamento criado em 1963 <sup>78</sup>, e a criação da cadeira específica datar de 1921<sup>79</sup>, pelas datas comemoradas e pela relação com a Conferência Geral do ICOM, a exposição foi inaugurada em 1971, permanecendo aberta pelo menos até 1973, celebrando o primeiro decênio do Departamento de Museologia.

Realizada no Museu da Morávia, Brno, a *teoria museológica* e a documentação nela apresentada resultaram dos trabalhos do Departamento e da Seção de Museologia do Museu, além de, na medida do possível, resultados obtidos em outros países.<sup>80</sup>

A equipe considerou a crise em que estariam os museus, face às novas concepções trazidas pela revolução científica e tecnológica àquela época, identificada em conferências, seminários especializados, em periódicos museológicos. “Há uma consciência da crise o que implica esperança em solucioná-la”. A exposição **O caminho do museu** “seria, portanto, uma pesquisa nesse sentido”.<sup>81</sup>

A presença intelectual de Zbynek Stránský nessa exposição e, sobretudo, nos conceitos nela expressos é fundamental e de grande importância. Infelizmente, não se pôde localizar, para o momento, escritos do filósofo-museólogo em que estivessem expressos seus conceitos para Museologia e museu precisamente no início dos anos 1970. Em uma sua obra de 1980, define Museologia como

[...] uma disciplina científica diferenciada e independente cujo objeto é a atitude específica do Homem com a realidade, expressa objetivamente em várias formas de museus através da história, sendo uma expressão e parte proporcional dos sistemas da memória. A Museologia tem uma natureza de ciência social, pertencente à esfera

<sup>75</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v.29, n. 4, p. 184, 1977.

<sup>76</sup> Apresentada na listagem bibliográfica e de atividades, sob o no. 400. DOLÁK, Jan; VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z.Z. Stránský**. Brno: Masarykova univerzita, 2006. p. 35.

<sup>77</sup> 9ª. Conferência Geral, realizada em Paris e Grenoble, em 1971, com o tema *O museu a serviço do homem, hoje e amanhã*. O papel educacional e cultural do museu.

<sup>78</sup> 1963, conforme UNIVERSIDADE DE TORONTO. Disponível em <[www.utoronto.ca/mouseia/course2/Museum2.pdf](http://www.utoronto.ca/mouseia/course2/Museum2.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2007.

<sup>79</sup> Em outra fonte, a data referenciada é 1921. Ibidem.

<sup>80</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. Op. Cit.

<sup>81</sup> Ibidem, loc. cit. [Tradução nossa].

das disciplinas da memória-documentação científica e contribui especificamente para a compreensão da sociedade humana.<sup>82</sup>

“O objeto da Museologia não pode ser o museu. [...] Concebo, portanto, os museus, no quadro do sistema museológico, como uma das formas possíveis da realização da abordagem [aproximação] do homem com a realidade”.<sup>83</sup>

*Por para fora (a ação de expor, resultado desta ação) e lançado adiante*<sup>84</sup>, conceitos etimológicos das palavras exposição e objeto, guardam em comum o caráter de objetividade, de realidade e de apreensibilidade perceptiva e, no caso de objeto de estudo, à razão. Comunicar, também, em *tornando comum*, enuncia algo aos sentidos; em certa acepção, expor e comunicar são sinônimos.

Expografia é *arte de expor*. Proposto em 1993, o termo complementa e se especifica em relação à abrangência de *museografia*. Designa a *colocação em exposição* [*mise em exposition*, em francês] e ao que concerne a *colocação no espaço*, e o que isto envolve (excluídas as outras atividades museográficas, como a conservação, a segurança, etc.), quer se situe em um museu ou em um lugar não museístico). Ela visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel para traduzir o programa científico de uma exposição. Nisso, ela se distingue tanto da *decoração*, que se utiliza dos elementos expositivos ou de exposição [*expots*, em francês] em função de simples critérios estéticos, quanto da *cenografia* que, exceto certas aplicações particulares, se serve dos elementos expositivos [*expots*, em

<sup>82</sup> STRÁNSKÝ apud DESVALLÉES, André, (Dir). **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. [s.l.], ICOFOM/ICOFOM LAM, maio 2000, p. 6. No inglês, no original. [Tradução nossa]. Compare-se com os conceitos de Anna Gregorová, em virtude de adotar o mesmo objeto de estudo da Museologia conforme cunhado por Stránský, a **relação específica homem-realidade** [grifo nosso], e, se não integralmente, por identificar-se com o pensamento do cognominado *pai da Museologia*. “A Museologia é uma ciência que examina a relação específica do homem com a realidade, e consiste na coleção e na conservação conscientes e sistemáticas e na utilização científica, cultural e educativa de objetos inanimados, materiais, móveis (sobretudo tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade”. GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. ICOFOM. La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée? **Museological Working Papers** - MuWoP/DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 20, 1980. Para ela, museu é: “uma instituição que aplica e realiza a relação específica homem – realidade, consistindo na coleção e na conservação conscientes e sistemáticas e a utilização científica, cultural e educativa dos objetos inanimados, materiais, móveis (notadamente tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade. Ibidem, p. 21. No francês, no original. [Tradução nossa].

<sup>83</sup> STRÁNSKÝ, apud DESVALLÉES, André, (Dir). **Terminologia museológica**: Op. Cit.

<sup>84</sup> Ibidem, p. 56 e 19, respectivamente. [Grifo do autor].

francês] ligados ao programa científico como instrumentos de um espetáculo, sem que eles sejam necessariamente os sujeitos centrais desse espetáculo”.<sup>85</sup>

No modelo matemático do processo de comunicação “[...] é a visão (e ontologia) que subjaz à teoria da informação de Shannon – Wiener (sic). Nele há uma duvidosa assimetria entre o ‘receptor’ (que só ouve) e o ‘transmissor’ (que só fala). Une-os o ‘canal’, e perturba este canal o ‘ruído’”.<sup>86</sup> Como se verá adiante, a escolha por este conceito deve-se a ele ter sido amplamente adotado pelos estudos de comunicação e particularmente na exposição **O caminho do museu**. Apesar do juízo de Katz, retenham-se os elementos constitutivos e suas funções: transmissor ou fonte (que fala), canal (que veicula a mensagem), ruído (a que está sujeito o canal e potencial perturbador da emissão da mensagem) e receptor (o que ouve).

A título de hipótese, o que se venha a *colocar sob* consideração se baseia no fato de que: a exposição museística é veículo eficaz de apresentação visual de princípios da Museologia à luz da escola checa, seus enunciados, conforme documentada pelo artigo na revista *Museum*.

Este capítulo se baseará no artigo da revista *Museum* sobre a exposição **O caminho do museu**, não podendo escapar a uma determinada natureza de resenha, recorrendo a outras fontes bibliográficas para explicar e aprofundar certos enunciados do texto impresso no periódico e sobre os dados nele contidos.<sup>87</sup>

Pela natureza e propriedades, sabe-se que a linguagem falada e escrita, lingüística, difere da linguagem não verbal, cabendo se proceder, para o presente trabalho, quer à leitura lingüística quanto à visual, a partir do conteúdo das ilustrações fotográficas.

As imagens fotográficas que ilustram o artigo de Schneider são em preto e branco e não reportam ou retratam a totalidade da exposição. Também esta parcialidade da fonte se constitui limite à análise.

<sup>85</sup> DESVALLÉES, André, (Dir). **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. [s.l.] ICOFOM/ICOFOM LAM, maio 2000, p. 56.

<sup>86</sup> KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco Antonio; LIMA, Luiz Costa. **Dicionário básico de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p. 91. A fonte elide a contribuição de Weaver ao modelo.

<sup>87</sup> O limite do artigo, enquanto fonte, se expressa por SCHREINER quando escreve: “Eu não sei se essa descrição, complementada por algumas fotografias, permitirá ao leitor fazer uma idéia muito precisa de nossa exposição”. SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. Op. Cit., p. 191, 1977 [Tradução nossa].

A tradução do conteúdo textual presente nas imagens fotográficas foi realizada por Zusana Paternostro, servidora do IPHAN e lotada no Museu Nacional de Belas Artes. Húngara de nascimento, mas versada também no checo, a ela reiteramos o agradecimento pela graciosa, importante e decisiva colaboração.

O autor fica aqui qualificado e autodefinido como aquele que descreve o processo, observador externo, que “fala uma linguagem especial: a metalinguagem”, e a usa como base (fornecedora de sentido) “para a descrição do processo observado”.<sup>88</sup>

## ASPECTOS DA MUSEOLOGIA DE STRÁNSKÝ E CHECA

Como enunciado, tais aspectos serão vistos aqui através do conteúdo do artigo de Schneider sobre a exposição **O caminho do museu**, tomado no teor de seu texto lingüístico e no do texto visual das suas ilustrações. E sugerimos que nos lembremos da classificação das faculdades da mente, para Bacon - memória, razão, invenção,<sup>89</sup> tão expressivamente verificáveis neste trabalho expográfico.

Schneider apresenta, como justificativa para expor, o caráter de provocação de discordância com relação ao conteúdo e à forma e à reação que desencadearia, processo considerado saudável para o autor<sup>90</sup>, dando razão de ser e respondendo a um dever de realizar a exposição, uma missão. “A exposição não é em nada tradicional, nem pelo conteúdo, nem pela forma. Seus organizadores tentaram sugerir o que, em essência, é *indemonstrável*. Eles se esforçaram a mostrar problemas sem adoçá-los, mas, ao contrário, com um sólido espírito crítico, dizendo verdades que nem sempre são agradáveis”.<sup>91</sup> Essa é a imagem que os realizadores têm da exposição realizada, uma auto-imagem, portanto, de detentores de verdades duras que precisam ser ditas de maneira crua, independente de o outro concordar com elas ou se elas os desagradariam. O *espírito crítico* legitima e autentica a *verdade*. Poderia

<sup>88</sup> KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco Antonio; LIMA, Luiz Costa. **Dicionário básico de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p.91.

<sup>89</sup> BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 93.

<sup>90</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. Op. Cit.

<sup>91</sup> Ibid., In Op.Cit., p. 184, 1977. [Tradução e grifo nossos].

se atribuir a esses contextos de *espírito crítico* e de *verdade* o sentido de *poder* que uma exposição, verbal ou museística, tem, acompanhando o raciocínio de Bellaigue<sup>92</sup> o poder que, através dos signos e da interpretação, a exposição constitui enquanto meio de expressão e de *designação*.

Esta linguagem [...] torna-se o melhor e o pior das coisas: designação imperativa, visualização de primeiro grau ou ilusão do sensível, mentira ou verdade são assuntos de poder e não apenas de conhecimento. O ajuste é complicado entre as intenções do comunicador e as expectativas do visitante.

O outro, nesse caso o visitante, o público a que se dirige a exposição, é o *peçoal dos museus*. A sociedade como um todo é acrescentada enquanto alvo, “pois a sociedade permanecerá sempre como juiz mais sincero e o crítico mais estimulante de nossos trabalhos”.<sup>93</sup> Pode-se pressupor referir-se ao pessoal de museu e de outros visitantes da sociedade local, regional, nacional, do leste europeu ou europeia.

Mas, o que definiria a necessidade de apresentar a teoria museológica em uma exposição museística?

“Há uma consciência da crise o que implica esperança em *solucioná-la*”. A exposição **O caminho do museu** “seria, portanto, *uma pesquisa* nesse sentido”.<sup>94</sup> A crise referida deve-se ao descompasso do museu com as mudanças observadas no mundo antes do início dos anos 1970: “a concepção tradicional do museu é cada vez mais posta em cheque, concepção essa baseada em concepções ainda de fins do século XIX e inícios do XX”, o museu com papel ultrapassado, “do ponto de vista científico e metodológico” quando observado à luz da “revolução científica e técnica” a que considerava assistir o autor.<sup>95</sup> Crise dos museus satisfazendo “unicamente aos interesses particulares e aos desejos pessoais, preso a técnicas descritivas e a classificações emprestadas às ciências tradicionais que tenham relacionamento com os museus”.<sup>96</sup> Percepção da crise patenteada “pela cada vez maior insistência com

<sup>92</sup> BELLAIGUE, Mathilde. **Du discours au secret**: le langage de l'exposition. [s.l.] [s.n.], [19--] Fotocópia. p. 24.

<sup>93</sup> *Ibid.*, In Op. Cit., p. 191, 1977. [Tradução nossa].

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 184. (grifo nosso).

<sup>95</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. Op. Cit., p. 184 [Tradução nossa].

<sup>96</sup> *Idem*, in loc. cit., p. 191 [Tradução e grifo nossos].



que a ela se refere nas conferências e seminários especializados; abordada em periódicos museológicos e em outras fontes. Há uma consciência da crise”.<sup>97</sup>

Soa o tom redentor, de salvação, e, ao mesmo tempo, profético e escatológico: como somente a Museologia pode permitir regular concretamente a situação atual dos museus e de ter em vista concretamente o futuro dos museus, é ela, portanto, que definirá o caminho dos museus hoje [1977] e em 2001: “*Os museus do século XIX estão mortos. Vivam os museus do século XXI*”.<sup>98</sup> E a teoria apresentada conferiria um estatuto científico à Museologia que, por sua vez, asseguraria a continuidade adequada do museu ao seu tempo social, científico e tecnológico. A teoria museológica e a documentação apresentadas na exposição resultam dos trabalhos do Departamento [...] e da Seção de Museologia do museu da Morávia, além de, “na medida do possível”, apresentar resultados obtidos em outros países.<sup>99</sup>

Os criadores da nova ordem vinham difundir-la ao mundo, missão de caráter a salvar os museus da sua defasagem. “Este foi o nosso *objetivo* – com esta exposição quisemos situar o debate no coração do problema e *fazer compreender bem* que o desejo que anima a todos que participaram, de uma maneira ou de outra, do *desenvolvimento da Museologia é pesquisar o caminho por onde devem enveredar os museus*, pois é este o único meio de realmente *dar um passo adiante*”.<sup>100</sup>

Teorizar, apresentar a teoria no meio mais próprio de comunicação do museu, a exposição, implica um aspecto *didático*, analítico, recorrendo-se à demonstração como força de argumentação, tentativa de convencimento e de confirmação de uma tese. E reafirma-se o papel do objeto material no museu, de ser documento da realidade, provada através do testemunho que o objeto detem, conceito adiante explicitado pelo articulista.

Aproveitando jubileus comemorativos, realizada pelo curso de Museologia da Universidade e pela seção de Museologia do museu, a exposição foi cancelada pelo ICOM.<sup>101</sup>

<sup>97</sup> Ibidem, p. 184.

<sup>98</sup> Ibidem, p. 190 [Grifo nosso].

<sup>99</sup> Ibidem, p. 184.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 191 [Grifo nosso].

<sup>101</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. In: UNESCO. **Museum**. Paris, v.29, n. 4, p. 184, 1977 [Tradução e grifo nossos].

E ecoamos a frase:

Se há trinta ou mesmo vinte anos alguém, em suas colocações ou em seus escritos, tivesse considerado a Museologia como uma ciência, em muitos teria suscitado um sorriso de compaixão ou de desconsideração. É evidente que hoje a situação é totalmente diversa.<sup>102</sup>

O teor da sentença publicada em 1883 ainda poderia ser passível de ocorrência em 1977, pois não se pode “afirmar ter a Museologia se imposto no mundo da ciência e na consciência social”.<sup>103</sup>

“Certamente, *temos que fazer progredir a causa dos museus antes de passar a chama à geração vindoura*”.<sup>104</sup>

Seguem, resenhados, os principais temas apresentados na exposição, constantes das páginas 184 a 190:

“Sempre houve museus”

Atua como introdução. A existência da musealidade é verificável através das riquezas dos templos pré-helênicos, nos *thesauros* gregos, nos tesouros medievais, nos gabinetes do renascimento, expressões antecedentes aos museus dos tempos modernos, e “*todos são formas diferentes de exprimir a relação entre o homem e a realidade*”.<sup>105</sup> Os museus persistiram, a despeito do ceticismo de J. G. Herder, F. T. Marinetti e C. Stein que, entre outros, em conjunto com a literatura contemporânea, questionavam a razão de ser dos museus. Hoje se discutem a razão de ser [que atualmente designaríamos por missão?] e o futuro dos museus. A exposição nesta parte marca os anos extremos 0 e 2001, com as datas referenciais: 300, 800, 1789, 1912, 1945. Maquetes de templo grego e de construção japonesa remetem ao museu nas culturas ocidental e oriental, e as fotografias redundam as expressões museais: gabinetes de curiosidades, *câmara de maravilhas*, *galeria de arte*, tendas. Para o

<sup>102</sup> Texto anônimo, provavelmente de J. Graesser, escrito na *Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde*, de 1883, Apud SCHNEIDER, 1977, p. 183. (Tradução nossa). Em KUNSTBUS, <http://www.kunstbus.nl/jaartal/1878.html>, aparece em meio a um texto em holandês a referência à mesma revista. No entanto, o ano a que parece se relacionar é 1878, antecedendo em cinco anos à ocorrência mencionada por SCHNEIDER: “Museum In 1878 sluit Nederland zich hierbij aan nadat in 1875 een bedrag op de rijksbegroting was vrijgemaakt om een aanvang te maken met het afgieten van Hollandse beeldhouwwerken. 1878 Eerste jaargang Zeitschrift für allgemeine Museologie und verwandte Wissenschaften, na een nummer omgedoopt in Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde.

<sup>103</sup> SCHNEIDER, op.cit., p. 184.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 191. (Grifo nosso).

<sup>105</sup> Ibidem, p. 184 [Grifo nosso, enfatizando a expressão do objeto da Museologia contida na afirmação].

ICOM, há tendências que se delineiam sobre o campo dos museus, que vão da renovação da natureza do museu em si até uma revolução de sua situação. Expõe-se a Proclamação do ICOM, destacando a definição das tarefas atuais e futuras dos museus, e fotografias evidenciam exposições de museus na 2ª. Metade do século XIX e início do XX.

“A pesquisa de um percurso [voie] no *labirinto da realidade*”.<sup>106</sup> (Grifo nosso)

O interesse de se preservar objetos da realidade fugidia e constantemente mutável para os conservar e os expor se justifica se os museus realmente tiverem uma missão social específica; se, à sua maneira, puderem enriquecer a vida dos homens; se encontram e podem seguir seu próprio caminho que lhes dê significação, no presente e no futuro. A proclamação do ICOM é um suporte dos princípios pactuados e norteadores do que a representação social estabelece como adequado, definindo as tarefas atuais e futuras dos museus. O ICOM ocupa lugar destacado na exposição.

“A evolução dos museus [...] nos propõe um *labirinto* de questões *provocantes*”.<sup>107</sup>

“Os museus são mausoléus?”

Muitos crêem que sim, guardando objetos velhos, que perderam a função original, cemitério e santuário, preservando testemunhos da natureza e da sociedade. Mas isso basta para justificar preservá-los?

“Os museus são tesouros?”

“Representantes da riqueza, poder e criatividade humana?”

“Os museus são gabinetes de curiosidade?”

O que é conhecido e próximo não nos atrai, ao contrário do incomum, excepcional, original, o geralmente inacessível. Coletar raridades, curiosidades, objetos extraordinários ainda ocorre no presente. Interessa a um grande número de visitantes. Mas basta ao museu oferecer prazer e estimular, apresentar “deformações maneiristas da *realidade*” e ser “ um tipo de teatro do insólito e do maravilhoso”. (grifo nosso)

“Os museus são coleções escolares?”

<sup>106</sup> Ibidem, p. 185 [Grifo nosso].

<sup>107</sup> Ibidem, p. 188 [Tradução e grifo nossos].

“J. A. Comenius acrescentou um interesse todo particular ao ensino através do objeto”.

Concretos e perceptíveis, os museus atendem à missão pedagógica, tornada importante no contexto da revolução científica e tecnológica. Lugar de *miragem* [ilusões?], as exposições, naquela altura e para o articulista, apresentam tudo o que se recomendaria ver, com a ajuda de modelos e de maquetes. Seria uma limitação, pelo uso de fontes de informação objetiva. Acumulam objetos e criam formas de exposição para comprovar de modo irrefutável os fatos, e não para ilustrá-los.

“Os museus são depósitos científicos?”

Tais coleções resultam das descobertas científicas, sendo fontes de conhecimento. Pode resultar um super acúmulo de objetos dado o avanço da ciência moderna. Se as coleções são fontes primárias de conhecimento e tendo grande valor científico, porém é necessário fazer crítica, pois necessariamente, nem tudo é um documento científico.

“Os museus através da história” (p. 189)

“A atividade dos museus não pode ser unicamente um aspecto prático. Necessita uma concepção teórica que lhe seja própria”. Ao longo da história, essa teoria esteve atrelada ao desenvolvimento da ciência <sup>108</sup>, da filosofia e do perfil cultural da sociedade. “A origem de uma teoria relativa aos museus remonta a meados do século XVI e personalidades como Quiccheberg, Olearius, Major, Neickelius, Lineu, Klemm, Graesse, Murray, Lichtwark, Treter, Coleman desempenharam um papel não negligenciável a sua elaboração”. Mas, não, essa teoria não se cristalizou em ramo independente da ciência, embora tenha contribuído para o desenvolvimento dos museus e para o lugar que ocupam na sociedade.

“A Museologia se torna uma ciência independente”

Devido às exigências da sociedade moderna, os critérios de normatização das atividades museísticas sofreram importantes mudanças. É necessária uma base

---

<sup>108</sup> O autor aborda a ocorrência e elevado grau de constituição de coleções a partir do século XVI. À p. 102 observa “a ascensão aparentemente irresistível dos museus nesse período [séc. XVI-XVIII] [...] explicada não só como indicador da expansão da curiosidade mas como uma tentativa de administrar uma ‘crise de conhecimento’ que se seguiu à inundação da Europa pelos novos objetos provenientes do Novo Mundo e de outros lugares [...] objetos que resistiam a se adaptar às categorias tradicionais”. (p. 102) Lembre-se que o museu Ashmolean liga-se à Universidade de Oxford, sendo criado ainda no escopo da revolução científica do século XVII, o empirismo. BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 100 et seq.

científica, museológica, não intuitiva, casual, personalista. Exige regras que definam a abordagem [*approche*] especificamente museológico da *realidade*, dada a vocação social do museu. (grifo nosso). Museólogos contemporâneos ao artigo, como Rivière, Neustupný, Wittlin, Michajlovskaja, Cameron, Bauer, e outros pensadores, como Bazin ou Malinovski, contribuem sobremaneira, conforme o autor, para este processo. O ICOM e seus comitês especializados trazem seu suporte e sua ajuda prática a essa evolução. Instituições criadas em diversos países após a 2ª Guerra Mundial também têm papel destacado. Centros de formação em Museologia e museografia têm se multiplicado e aperfeiçoado.

“O sistema da Museologia”<sup>109</sup>

“O mundo é um todo formado de coisas e de mudanças”. Do ponto de vista museológico, “[...] um objeto é o documento mais autêntico da realidade, a prova direta do que une as coisas e as mudanças”.<sup>110</sup> “Um objeto só tem valor documentário para o homem se ele responde a certas exigências. *A Museologia retira os objetos da sua situação original*, pois eles podem satisfazer a necessidade de conhecimento, educação ou de comparação de *valores*”. (Grifo nosso). O que interessa à *Museologia* é, portanto, e como já enunciado, o *valor* documentário autêntico da realidade que está contido no produto cultural”. A legenda da ilustração 4 expressa a diferenciação dos documentos em seu sentido primeiro, apresentando um documento primário, um secundário e um codificado.

“A seleção museológica” (p. 190)

Diversas disciplinas científicas se interessam pelos objetos enquanto *portadores de informação*. Por seu turno, *a Museologia os seleciona* em função de seu *valor* documentário geral. Uma coleção deve ser constituída e concebida como um modelo documentário da *realidade*, considerando-se que com frações independentes não se comprova a *realidade* completa. Por meio de uma organização estabelecida nos habilitamos a aproximar e a comprovar o *conhecimento* das *leis da realidade* (grifo nosso). A seleção depende do conjunto de conhecimentos científicos sobre o assunto em questão, i.e, de uma informação multidisciplinar: a Museologia deve integrar os conhecimentos adquiridos por diversas disciplinas do ponto de vista do sujeito da

<sup>109</sup> Sobre Sistema, rede e a aplicação destes conceitos na Museologia ver STRÁNSKÝ, ZbyneK Z. La théorie des systèmes et la muséologie. **Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM**, Estocolmo, n. 2, p. 72-76, 1981.

<sup>110</sup> Sobre a imprescindibilidade do objeto original ver DELOCHE, Bernard. Le multimédia va-t-il faire éclater le musée? **ICOFOM Sudy Series – ISS**, Munique, n. 33b, p. 46-52, 2002. Nesse texto, analisa o papel na exposição do objeto original e de seus substitutos.

cognição propriamente dito, isto é, do caráter documentário do objeto”. (grifo nosso). As disciplinas interagentes são: mineralogia, arqueologia, geologia, etc.(sic), etnografia, antropologia (as duas disciplinas sobre um mesmo suporte), historiografia, paleontologia, história da arte. *A seleção tem por critério a capacidade de comprovação / documentação de um objeto, sendo que sua medida de comprovação está vinculada à integração do conhecimento científico com os objetos.*

“A tesaurografia museológica”

“Uma peça única não é suficiente para atestar a essência de um fato. Somente um feixe de provas nascidas da aproximação do conhecimento adquirido com a *realidade* nos permite trazer um testemunho autêntico sobre a *realidade*”. (p. 190) O conjunto de documentos, as coleções, é algo novo, diferente qualitativamente da realidade original; o estoque de coleções é um modelo da realidade. [*é o museu então uma metarealidade*]. É necessário criar meios artificiais de vida para essa nova realidade, de modo a preservar o documento autêntico. O *thesaurus* é um sistema abstrato e um princípio de classificação, de organização que parte da *confluência do conhecimento com a realidade*”. (grifo nosso)

“A comunicação museológica”<sup>111</sup>

A documentação *museal*<sup>112</sup> não pode existir isoladamente. *O objeto é o meio específico*<sup>113</sup> de comunicação dos museus – um documento. Decorre que a exposição de documentos autênticos é a maneira significativa e diferencial do museu em relação a outros meios de *informação* (grifo nosso). “*Decorre dessa concepção de Museologia que o museu é forma institucional que concretiza e verifica a abordagem museológica da realidade*”. (grifo nosso). Um vetor cruzando horizontalmente se finaliza em uma representação tridimensional do olho (ou do córtex cerebral a fotografia não oferece condições de afirmação), sinédoque do visitante. A partir da documentação em museu (o trabalho dos museus, seu acervo, pesquisa e exposição), os vínculos ou relacionamentos [com a realidade?] são : cultural, educacional, informativo, de interesse (sic). O texto central no painel de fundo deste setor diz “As necessidades e complexidade do mundo moderno tornam, mais do nunca, maior a exigência sobre esse processo de informação. A nossa imprensa escrita, nossos museus, nossos

<sup>111</sup> Não teria sido mais apropriado nesse caso designá-la como comunicação museística ou expográfica, nos termos da publicação do projeto **Terminologia Museológica**, dirigido por DESVALLÉS, ou à luz do que Stránský esclarece oportunamente? [Grifo nosso].

<sup>112</sup> Grifo nosso destacando o termo empregado no original francês (*muséal*).

<sup>113</sup> E os processos, os lugares, por exemplo?

laboratórios científicos, as nossas universidades, bibliotecas e publicações necessitam satisfazer as exigências desse processo, ou falham em seus propósitos”. Norbert W[ie]NER).<sup>114</sup> O texto à direita, embora interrompido, permite entrever seu teor: “Por intermédio da comunidade museológica, a Museologia [...] pode entrar na consciência do público”.

#### “A missão da Museologia”

Os museus justificaram sua existência ao longo da história, contribuíram de forma original para o *desenvolvimento* da humanidade, e desempenham um papel insubstituível no processo de *civilização* (grifo nosso). Acompanharam a evolução da sociedade e devem continuar a se adaptar. O motor hoje deve ser a Museologia: do ponto de vista de um mundo científico e tecnológico, somente a ciência é o instrumento de descoberta das *leis da natureza* e de abrir novos caminhos [*voies*] (grifo nosso). Os princípios fundamentais da Museologia que os museus devem aplicar são, assim: seleção, tesauroização (“constituição de coleções [de objetos documentos autênticos] representativas e seu enriquecimento sistemático”, p. 190) e comunicação.

Apesar das definições e conforme os termos em que são apresentadas na Introdução, Museologia e Museu ocorrem simbioticamente e o objeto de museu centraliza as discussões da Museologia. Demonstração disso é o emprego do termo *museológico* indistintamente à teoria e ao museu.<sup>115</sup>

A realidade é termo constante, *leitmotiv* a infundir o objeto da Museologia na concepção dos organizadores da exposição. Em contraposição, o objeto museográfico, museístico, é visto como o único, abstraído necessariamente do contexto original para cumprir a função *documentária*, no interior de uma edificação nomeada *museu*. E tal é o coração do sistema da Museologia como referido na exposição em apreço.

Territórios, sistemas *in situ*, animais e vegetais em zoológico e em jardins botânicos, os *processos*, a exemplo dos científicos, ali não foram considerados objetos. Objetos, por outra perspectiva, seriam apenas os produtos culturais, não

<sup>114</sup> Trata-se de trecho, agora transcrito em inglês. “The needs and the complexity of modern life make greater demands on this process of information than ever before, and our press, our Museums, our scientific laboratories, our universities, our libraries and textbooks, are obliged to meet the needs of this process or fail in their purpose”. WIENER, apud BRUCE, Lorne. **Public libraries and the information age**. Edição editada da conferência proferida na Kitchener Public Library, 16 out. 1995. Disponível em: <<http://www.uoguelph.ca/~lbruce/documents/info.html>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

<sup>115</sup> Ver as distinções terminológicas registradas em DESVALLÉES, André (Dir.) **Terminologia museológica**: projecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM.S/I: maio 2000.

ficando claro de não se falar em natureza considerada uma visão culturalizada e dominante que o homem tem sobre ela. Afirma-se o conteúdo de informação e de autenticidade do objeto que, na realidade, trata-se de representação, interpretação. No interior mesmo da observação de objetos no sentido clássico, justapondo a afirmação de “a realidade não se comprova somente pelo documento autenticado”, enuncia a “organização hierárquica da documentação”, dos documentos primários, secundários e codificados.<sup>116</sup>

E o futuro (2001, *Vivam os museus do século XXI*) é realidade?

Ao enfatizar o caráter do objeto no museu, documentário da realidade e para o *conhecimento* da realidade, depreendem-se os referenciais fenomenológicos (a realidade como um dado) e gnoseológico ou da teoria do conhecimento (a relação sujeito-objeto na produção de conhecimento). O conhecimento na vertente fenomenológica é o considerado a partir do que se percebe com os sentidos e oportunamente tratado racionalmente. O conhecimento afetivo não é considerado, tão pouco a fruição por prazer que se possa ter em uma estada em um museu: o museu é de essência cognitiva.

De modo antagônico, a exposição não apresenta objetos clássicos *autênticos*, *parte da realidade*, etc., mas diapositivos, fotografias, modelos, esquemas, palavras, frases, formas, volumes, maquetes para *documentar* a argumentação da tese-ideia: teoria da Museologia. Este aspecto será objeto da seção seguinte. Sem esses objetos, documentos, então, a exposição não seria real? Seria apenas ficcional? Curioso antagonismo...

A presença de termos como desenvolvimento, progresso, civilização, conferem algum contorno positivista ao pensamento explicitado no texto do artigo.

## **EXPOGRAFANDO CONCEITOS EM BRNO**

A análise da expografia, como anteriormente dito, se circunscreve nas possibilidades oferecidas pelas imagens fotográficas que ilustram o artigo de

---

<sup>116</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. Op. Cit., p. 189.



Schneider. Em preto e branco, o que inviabiliza qualquer tentativa de análise de esquema cromático, não cobrem documentalmente a totalidade da exposição. Ao expor conceitos, as palavras e os numerais incorporam o campo da visualidade expositiva como valor em si e não suplementar (como etiquetas e textos complementares, por exemplo), sendo objetos em que se plasmam idéias. As palavras, ainda, se apresentam como legendas às fotografias de ilustração do texto e as palavras do texto, por sua vez, se somam às palavras-objeto e às palavras-legenda como fonte para a interpretação das imagens da exposição constantes do artigo. Convém lembrar estarem em checo as palavras presentes na exposição e, em conseqüência, nas reproduções fotográficas.

Recordando os termos platônicos de forma e matéria, a idéia e a aparência estão intimamente associadas nessa exposição. Idéia das aparências ou aparência das idéias poderia orientar duas linhas analíticas da expografia ou vetores: qual a forma (idéia) das matérias (exposição, exposto, comunicado, e as várias linguagens, recursos, estratégias empregadas) ou qual a matéria (discurso) das idéias (A teoria, seus conceitos, pressupostos, referenciais). O trabalho tem-se orientado para a segunda via: o quê e como a exposição opera para argumentar favorável e eficazmente a formulação teórico-museológica do grupo checo.

Deloche considera que “a Museologia não se pode abster de se interrogar sobre os desafios e as modalidades da apresentação, que nunca é uma operação neutra, na medida em que ela comporta sempre um *impacto sobre o público* e traz consigo uma concepção das *missões do museu e mesmo do seu estatuto institucional*”.<sup>117</sup> E retome-se Bellaigue na sua abordagem sobre o caráter político na exposição.<sup>118</sup> Ou o que Schneider considera:

A exposição não é em nada tradicional, nem pelo conteúdo, nem pela forma. Seus organizadores *tentaram sugerir o que, em essência, é indemonstrável*. Eles se esforçaram a mostrar problemas sem adoçá-los, mas, ao contrário, com um sólido espírito crítico, dizendo verdades que nem sempre são agradáveis.<sup>119</sup>

<sup>117</sup> DELOCHE, Bernard. Le multimédia va-t-il faire éclater le musée? **ICOFOM Sudy Series – ISS**, Munique, n. 33b, p. 46, 2002 [Grifo nosso].

<sup>118</sup> BELLAIGUE, **Du discours au secret**: le langage de l'exposition. [s.l.] [s.n.] [19--], p. 24. Fotocópia.

<sup>119</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, p. 184, 1977[Grifo nosso].

O partido comunicacional da exposição, seu caráter de imposição<sup>120</sup> e unilateralidade se apóiam em determinados pressupostos da teoria da informação. E o indicativo se acha exposto na exposição, embora não referenciado por completo.

Mencionou-se a presença na exposição de um texto de Wiener, no segmento destinado à *comunicação museológica*. Está ao centro, abaixo dos vínculos informacionais do objeto em relação à realidade e entre a linha vetorial que, partindo do objeto ou da exposição (supõe-se já que a fotografia está cortada), chega ao olho (ou córtex cerebral). A posição do texto de Wiener espelha o esquema:

### Ruído

Fonte – canal – receptor.

A Wiener<sup>121</sup> e a Claude E. Shannon deve-se o modelo matemático do processo de comunicação<sup>122</sup>, “a visão (e ontologia) que subjaz à teoria da informação de Shannon – Wiener”.<sup>123</sup> A comunicação é tomada no sentido de ocorrer entre duas pessoas, em que uma fala e outro escuta, respectivamente fonte e receptor, por um canal (suporte físico da mensagem, o ar que transmite as ondas sonoras) e os ruídos exteriores podem prejudicar a perfeita compreensão da mensagem.<sup>124 125</sup>

<sup>120</sup> Bellaigue observa inicialmente que na definição de museu do ICOM ou em seu Código de Ética, “nada se encontra sobre o interlocutor ou sobre o diálogo possível”. BELLAIGUE, op. cit., p. 22-23.

<sup>121</sup> Wiener, matemático norte-americano, 1894-1964, é filho de um especialista em lingüística eslavônica. KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco Antonio; LIMA, Luiz Costa. **Dicionário básico de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p. 431. BYNUM noticia que durante a 2a. Guerra Mundial, Wiener e colegas desenvolveram o novo ramo de ciências aplicadas dos sistemas de retroalimentação de informação (*science of information feedback systems*) que Wiener denominou “cibernética”. Com grande antevisão, concebeu que essa ciência quando combinada aos computadores desenvolvidos no esforço de guerra teria enormes implicações sociais e éticas. Finda a guerra, em suas conferências fala da era da automação [*automatic age*], também chamada “a segunda revolução industrial”. BYNUM, Terrell Ward. **Wiener’s vision: the impact of the automatic age on our moral lives**. Disponível em: <<http://web.comlab.ox.ac.uk/oucl/research/areas/ieg/e-library/bynum.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

<sup>122</sup> Esse modelo, proposto por Claude E. Shannon, engenheiro norte-americano, criador da Teoria da Informação, em 1948, foi “vagamente antecedido” por Wiener. Mas a fonte não cita a participação de Weaver. KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco Antonio; LIMA, Luiz Costa. **Dicionário básico de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p. 91.

<sup>123</sup> Ibidem, loc.cit.

<sup>124</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>125</sup> A permanência conceitual desse modelo ou de seus elementos pode ser percebida através da presença no texto de Bellaigue. “Há o ruído da não-comunicabilidade e há o silêncio da incomunicabilidade: o ruído é aparentado com a avalanche de informações indistinguíveis que perturbam as mídias e que, sem grande efeito educativo, freqüentemente, ao contrário, é apenas um modo suplementar de consumo; o silêncio é da ordem da contemplação, da reflexão e do questionamento (‘museu das questões’, dizia belamente o cineasta Chris Marker falando do Ecomuseu do Creusot)”. BELLAIGUE, Mathilde. **Du discours au secret: le langage de l'exposition**. Op. Cit. p. 24. Fotocópia.

Para Wiener, um processo de comunicação necessita para se efetivar que a direção do tempo para a fonte e receptor seja o mesmo. Se, p. ex. o vetor do receptor estiver voltado para trás no tempo, o que for antecedente lógico na mensagem, para a fonte, será um conseqüente (virá depois) para o receptor.<sup>126</sup> <sup>127</sup> Trata-se da unidirecionalidade a que referira anteriormente. Porém há, nesse modelo, a nítida desproporção entre o papel da fonte e o do receptor.<sup>128</sup>

O trecho citado menciona os museus como uma das organizações que deve responder ao volume jamais visto de demanda por informações necessárias ao complexo mundo moderno: e as palavras, objetos-signo, são chaves bastante eficazes na decifração objetiva e mais imediata de certos enigmas, especialmente no caso de exposição analisada.

Recuperando-se, o roteiro temático da exposição foi:

Sempre houve museus (Introdução)

A pesquisa de um trajeto no labirinto da realidade

O museu através da história

A Museologia se torna uma ciência independente

O sistema museológico

A seleção museológica

A tesaurografia museológica

A comunicação museológica

A missão da Museologia

## O ACERVO

Em todos os segmentos desse roteiro, os numerais, a expressarem anos, p.ex., e as palavras, isoladas ou em frases, transcritas ou enunciados próprios, objeto ou complemento explicativo, o papel desses nossos códigos comunicacionais é

<sup>126</sup> WIENER, Norbert. **Cybernetics**. 2. ed. Massachusetts: MIT Press, 1965, p. 34.

<sup>127</sup> KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco Antonio; LIMA, Luiz Costa. **Dicionário básico de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p. 91-92.

<sup>128</sup> “[...] há uma duvidosa assimetria entre o ‘receptor’ (que só ouve) e o ‘transmissor’ (que só fala)”. Ibidem, p. 91.

inequívoco. Os números e as palavras de linguagem verbal assumiram a natureza visual plástica, tridimensionalizada ou destacada sobre um fundo específico, recortado, em linha reta ou em curva, acompanhando visores de vitrines cilíndricas. Grandes, médias e pequenas, associadas através de *linhas esquemáticas*, ou *direccionadas* por vetores, em claro sobre escuro ou em escuro sobre fundo claro, em boa parte dos registros visuais disponíveis elas são o objeto, definem o espaço das bases, orientam e condicionam o olhar, lugar (estático) e direção (dinâmico, vetor, remissivo, associativo). Compartilham, em diálogo constante, o espaço expositivo com as imagens fotográficas. As fotografias monocromáticas (ao que parece) copiam documentos iconográficos, objetos tridimensionais, inscritas em círculos, preferencialmente, em hexágonos e, poucas vezes, em quadriláteros, às vezes reproduzem fotos, outras se apresentam em escala natural em relação ao objeto representado, recortada, participando de diorama. Estão presentes em diapositivos. Fotografia: objeto original ou cópia? Fotografia: objeto original e cópia? Fotografia: documento primário, secundário ou codificado?

O acervo de objetos clássicos se constitui por:

Documentos textuais do ICOM, um copo de vidro (?), documento cartorial, cartões perfurados (de computador), fita magnética de gravação (sonora ou de computador?), conjunto de besouros.

Articulando palavras - conceitos teóricos, *esquemas* ou *diagramas* elaborados em hastes que parecem metálicas, essas relações de noções tornadas visuais são valorizadas pela interposição de esferas (sem sentido funcional discernível).

O sistema do mobiliário expográfico funda-se na figura do hexágono e de sua projeção volumétrica, no todo ou à metade. Modulando painéis, definindo *tetos* e bases, sendo vitrines ou perímetro delimitador das imagens fotográficas ou se insinuando em piso e parede, apenas rivalizam com as circunferências, nos recortes vazados de painéis (de onde partem e chegam as extremidades dos *esquemas*), nas bocas de vitrines verticais. O cubo surge na vitrine correspondente ao ICOM. Seria o módulo hexagonal, seriam os hexágonos justapostos uma metáfora da *colméia: articulação*, alusão à sociedade humana?

Tecnologia, a contemporaneidade: falar sobre computador e mostrar imagens suas e de elementos a ele associados, fotografias, mobiliário expográfico modular, projeções de diapositivos, uso de uma linguagem diagramática e esquemática. Recursos atrativos, como diorama e as maquetes, de templo grego e de construção japonesa, na Introdução, a reprodução de iconografia da cultura em geral e das coleções e organizações museísticas em particular tudo foi pensado para que fosse uma “exposição [...] em nada tradicional, nem pelo conteúdo, nem pela forma”.<sup>129</sup>

As setas direcionais unívocas, afirmando os princípios wienerianos, se apresentam nas composições dos *esquemas*, horizontal e/ou verticalmente, em *aspas* aplicadas, em suportes recortados com sua forma, no desenho do tampo das três vitrines do segmento final da exposição (ali apontando para dois objetos em pedra referentes à mineralogia e à ação humana, tendo ao centro a expressão: “Os museus do século XIX estão mortos. Vivam os museus do século XXI”).

Como exemplo das operações *lingüísticas* expográficas, examinemos alguns casos.

Para demonstrar a relação entre Museologia e as disciplinas científicas pertinentes, vem a palavra *Museologia* aposta a uma seta, direcionada para a direita, saindo de um recesso recortado em círculo no painel lateral (de meio hexágono, em planta). Hastes soltas no espaço, horizontal para a *Museologia* e verticais, as *demais disciplinas*, paralelas entre si, de comprimentos variados, cruzam com a horizontal: demonstração de como a Museologia deve integrar os conhecimentos adquiridos por diversas disciplinas, considerados o sujeito da cognição (que racionaliza e organiza o que se demonstra) e o caráter documentário do objeto (que serve de estudo a várias disciplinas).

Ao abordar a comunicação *museológica*, recorrendo ao esquema das palavras sobre placas e hastes, saindo e chegando em círculos recortados nas laterais, enfatiza os vínculos de conteúdo do objeto com a realidade, centralizando-os. As imagens fotográficas, por trás, figuram o interior do museu Guggenheim de Nova Iorque, de fichas e processadores eletrônicos de dados (computadores, um cientista trabalhando e um caminhão com exposição. E, ao centro e abaixo, a citação a Wiener relacionando

---

<sup>129</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. **Museum**. Paris: ICOM, 1977, v.29, n. 4, p. 184.

informação, museu, demanda social e correspondência de expectativas: ser atual. Elevada redundância.

Para o *grand finale* da odisséia museal e museística, nada menos que o futuro já oferecido na Introdução. Sobre o piso e de frente a uma parede, ambos completos de malha de hexágonos, se oferece a intensidade das vitrines-seta providas de dispositivos luminosos (luminotécnicos, talvez?), apontando para as imagens de líticos à parede, ladeando a frase que parafraseia a constatação e a aclamação, da morte e da continuidade da *realeza*: “Os museus do século XIX estão mortos. Vivam os museus do século XXI”. – **O futuro tomado como realidade...**

Linha de tempo organiza a apresentação de aspectos diacrônicos, maquetes dão volume espacial e contribuem para o efeito final de movimentação de linhas e figuras e volumes geométricos, em que os *esquemas* de argumentação, as fotos, palavras e números, toda a expografia consubstancia a teoria museológica de Brno: matéria (discurso) das idéias (a teoria, seus conceitos, pressupostos, referenciais), a metarealidade da relação homem-realidade através de uma metalinguagem, daquele que descreve o processo, o observador externo, que a emprega como fornecedora de sentido para descrever o processo observado.<sup>130</sup>

Se “A exposição não é em nada tradicional, nem pelo conteúdo, nem pela forma. Seus organizadores *tentaram sugerir o que, em essência, é indemonstrável*”<sup>131</sup>, ao contrário do considerado, a exposição demonstra o que conscientemente deseja e, enquanto discurso, necessariamente não controla e extravasa elementos igualmente demonstráveis. Humildade ou pedido antecipado de desculpas?

Parece que o paradoxo expresso de tentar expor o inexponível foi revelado como é, paradoxal, pela exponibilidade da teoria e que não só de objetos vive a Museologia ou mesmo o museu: o conhecimento em si é um objeto.

<sup>130</sup> KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco Antonio & LIMA, Luiz Costa. **Dicionário básico de comunicação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975, p. 91.

<sup>131</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. Op. Cit., p. 184, 1977 [Grifo nosso].

“Eu não sei se essa descrição, complementada por algumas fotografias, permitirá ao leitor fazer uma idéia muito precisa de nossa exposição”.<sup>132</sup>

## CONSIDERAÇÕES

Stránský é a figura axial do pensamento da teoria museológica em Brno, atuando na Escola de Museologia, na exposição que corporifica em boa parte as suas idéias, no ICOM. Tratou-se aqui de conhecer mais detidamente o seu pensamento museológico e uma etapa do seu desenvolvimento até o início dos anos 1970. Não se está desejando minimizar a importância dos outros pensadores e organizadores da exposição, mas examinar certas formulações mais de perto: o objeto da Museologia, o conceito de Museologia, a teoria museológica, enfim, sob um recorte de tempo e espaço.

Trazendo até aqui a “hipótese” de que “a exposição museística é veículo eficaz de apresentação visual de princípios da Museologia à luz da escola checa, seus enunciados, conforme documentada pelo artigo na revista *Museum* e simultaneamente

<sup>132</sup> \_\_\_\_\_ . Op. Cit., p. 190. Ao final do primeiro semestre de 1979, a turma 1976/1 de estudantes da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO inaugurava a exposição curricular *Rotina de pobreza*. Entre os alunos integrantes da disciplina encontrava-se o autor do presente trabalho. Em 1978 ele entrara em contato com o artigo observado ao longo do trabalho que apresentava posicionamento expográfico compatível com os questionamentos conceituais, todavia diversos do grupo checo. Desejava-se trabalhar com referenciais teóricos da antropologia urbana, recém trazidos da Inglaterra pelo casal LEEDS ao programa de pós-graduação em antropologia do museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, entre outras vertentes, como livros depoimentos de empregada doméstica, estudo sobre a população de conjuntos habitacionais. Mas, em particular, compreender e discutir como a riqueza no Brasil fundava-se na depauperação dos pobres, em um círculo vicioso. Buscava-se, por dispositivos hoje denominados interativos, deixar a critério do visitante a expressão de *seu juízo de valor*, exercício exposto da democracia (em tempos do fim da ditadura militar); de representar em três dimensões, visualizar conceitos; romper com o objeto clássico enquanto única fonte possível de comunicação em museus; usar todas as superfícies, inclusive a do teto e piso, na enunciação do discurso; discutir como, em um país em que pouco se lê, mesmo em exposições, textos fossem lidos com o recurso do interativo, do lúdico. Enfim, que o visitante em um dado momento passasse a ser sujeito da exposição e a turma fosse receptor, que um visitante passasse a ser fonte para outro visitante, receptor e vice-versa. Tais mudanças e desestabilizações de perspectivas, isto é, de pontos-de-vista (ontológico, epistemológico, museológico, museístico, político) constituíram-se na essência a exposição: idéias, pessoas, e não coisas. Por rotina compreendia-se a memória de um continuum de tempo ainda manifesto, corrente, sincrônico, que do passado avança no presente. Uma outra percepção do tempo, relativizado, dependente da posição do observador, de suas referências e referenciais afetivos e cognitivos, com sua emoção e razão. Pela interatividade, o Outro vira o Mesmo; a virtualidade dos elementos expositivos, de exposição (*expots*), *problemas a serem resolvidos* e atualização, conforme Pierre Lévy, em **O que é o virtual?** O objeto idéia, a manifestação do posicionamento político, a liberdade de exercício crítico de expressão. Sobre um piso forrado de *paviflex* verde, segmentos retangulares de *contact* amarelo descreviam um trajeto cíclico e uma seta de saída (física, da sala de exposição em dependências do museu Histórico Nacional. A pobreza da expografia, em caixotes rústicos de madeira, de frutas, legumes e verduras, forrações em papel pardo (*Kraft*), vidros vazios de produtos industrializados, objetos do cotidiano, a avaliação informal com recortes, colagens, manifestações escritas. E agora, relembro todo o desafio e coragem, lendo Bellaigue: expor é [realmente] correr riscos!

entretecendo síntese e argumentos independentes, os parágrafos seguintes examinarão a eficácia da exposição na apresentação de idéias.

Há certa desfocalização sobre vários aspectos. Museologia e museu parecem às vezes sinônimos; o objeto de museu domina a *teoria museológica* apresentada na exposição.

São poucas as obras próprias de Stránský a que se tem acesso no Rio de Janeiro, apenas textos curtos e considerações e referências dele por terceiros. A certeza, portanto, vacila, particularmente quando discrepâncias são percebidas, porém sem possibilidade de argüição por intermédio de fontes suficientes. Mesmo sob o risco de erro, o movimento é para diante.

Se, em 1980, define Museologia como disciplina científica cujo objeto é a atitude específica do Homem com a realidade<sup>133</sup> e se “O objeto da Museologia não pode ser o museu. [...] Concebo, portanto, os museus, no quadro do sistema museológico, como uma das formas possíveis da realização da abordagem [relação] do homem com a realidade”.<sup>134</sup> Escapa alguma peculiaridade, uma sutileza de interpretação, talvez, que harmonize o que ele expressa e o que o artigo de Schneider veiculou. Será que aí estaria a resposta, na visão específica do articulista?

Fala-se incansavelmente de *realidade*, à qual o objeto da Museologia e o de museu estão relacionados, pela concepção dos organizadores da exposição. Fala-se muito, também de objeto, em seu sentido clássico, pela sua capacidade de documentação e de testemunho da realidade, constituindo a base, se cientificamente selecionado, do sistema museológico, na acepção do autor. Ora. Se todo o objeto clássico advém e tem existência na realidade, excetuados os duplos, os simulacros e os digitais, p. ex, a sua seleção passaria a ser através de uma categoria de valor. E se deve selecionar pela vinculação a *valores* da realidade (cultural, educacional, informativo, de interesse (sic)), todos esses juízos de relacionamento são arbitrários. Onde, parece que a questão estaria no conceito e definição de realidade: as realidades das quais nada interessa documentar, há outras avaliadas por motivações políticas que seriam rejeitadas como memoráveis? Ou ainda, certas realidades

<sup>133</sup> STRÁNSKÝ apud DESVALLÉES, André (Dir.). **Terminología museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. [s.l.] \_\_\_\_, maio 2000. p. 6. No inglês, no original [Tradução nossa].

<sup>134</sup> STRÁNSKÝ (1966; 1987) apud DESVALLÉES, André, (Dir.). Op. Cit., p. 6. No francês no original [Tradução nossa].



desagradáveis depreciariam, no futuro, a memória do homem sobre si mesmo, não merecendo ser perenizadas ou lembradas? A realidade do extermínio promovido pelo nazismo, a realidade do desmatamento do planeta, a realidade da arte *marginal*, essas e outras realidades congêneres não são realidades? Se forem, os *objetos* ou a noção de objeto nessa relação mediadora do homem com a realidade (sempre outra, extracontextual, extratemporal e extraterritorial do sujeito?) deve ser alterada. Essa realidade documentada, monstruosa e todo-poderosa exige objetos sacrificiais, aqueles retirados dela para dela falarem ou a enaltecerem no altar dos museus: objetos materiais, descontextualizados, inanimados e mortos. Nem zoológicos, nem parques, nem paisagens, nem práticas individuais ou sociais, nem maneiras de pensar, nem maneiras de sentir.

E, até meados dos anos 1970, lá estava o museu Nacional de Artes e Tradições Populares da França, com a revolucionária galeria cultural, de 1975, concebida por Georges Henri Rivière, como também estavam as experiências de museu a céu aberto, *exploratoriums* (o de São Francisco data de 1969), estavam lá parques nacionais: nenhuma dessas experiências, as realidades e os *objetos* com o que ou de que tratavam mereceram consideração conceitual em Brno? Escapa, certamente, o conceito de realidade tomada como referencial, e no conceito que serão encontrados os princípios e critérios que viriam a definir o que compreende por objeto autêntico, validador, comprovador e, inversa e especularmente, do quê.

A *realidade*, ou metarealidade, apresentada na exposição não se pode estranhar, faz um exercício de ficção científica considerada real a realidade que imagina? O labirinto da realidade supõe o minotauro, fio de Ariadne, para Teseu, e apenas Teseu.

Qual pode ser o interesse de preservar objetos da realidade mutável para conservá-los e os expor? Qual Teseu sobreviverá ao minotauro do esquecimento?

Quem será Ariadne? Qual o fio condutor? Ao longo da história, mudam os labirintos, os minotauros, os teseus, as ariadnes e os fios orientadores. O texto exemplificou aspectos dessas relações que estabelecem e caracterizam o mito cretense: museus mausoléus, cemitérios e santuários, procissões, museus tesouros, museus gabinetes de curiosidade, museus - coleções escolares (didático-

pedagógicos), museus-depósitos científicos. E aqueles novos modelos e aqueles que ainda estão por vir? Labirintos, minotauros, teseus, ariadnes e fios são nós da rede social, os lugares, os monstros (marginais, incontroláveis, irreverentes), os ordenadores, os apaixonados e as estratégias de vida e de sobrevivência, da saída dos meandros. Como a sociedade, os nós e as redes se estabelecem de maneiras várias: não são elas todas realidades? E o que nos faz recordar cada uma das possibilidades associativas desses conjuntos virtuais não deve, não é passível, não é validável como preservável? Memória de quem? Memória para quem? (e a contraparte: esquecimento de quem? Esquecimento para quem?) São lúcidos ao falarem de seleção: escolha, hierarquização, categorização, exclusão. Não se pode guardar tudo, a menos que tudo seja guardado nos seus contextos originais pela sociedade, na vida, na(s) realidade(s). O autenticador é o usuário, aquele que recorre ao fio, o que está ou que concebe o labirinto, aquele ou aquela que ama, Teseu e Ariadne. Conjunto vivido, conjunto relatado, conjunto reconstituído, conjunto resgatado, conjunto interpretado: sociologia, memória, restauração, arqueologia, história e outras ciências (incluindo as físicas e matemáticas).

Fenomenologia e o princípio da positividade na ciência enfatizam o perceptível para argumentação da razão. Lembra-nos Einstein que o observador, ou melhor, a relação observador - evento, em sua posição no espaço participa e define esse mesmo evento. O evento é positivo, mas deve se considerar a multiplicidade de feições que assume conforme a posição do sujeito. Sujeito e objeto se definem e se redefinem infinitamente. E Não seria a realidade a manifestação dessa(s) relação(ões)? Relação entre homem-realidade ou relação, ou cortes de relações, entre homem e objetos em realidades por eles estabelecidas? Como pode a teoria do conhecimento recolocar e procurar responder a essas questões?

A realidade é cognoscível ou, como quer Platão, ela é uma aparência, uma representação de algo apenas existente em forma, em idéia. De acordo com a idéia, a atribuímos e identificamos a algo, manifestando o real, a realidade, no mundo das representações e dos discursos. O labirinto é a perda da idéia de trajeto, a aparência de saída; minotauro é a idéia da impossibilidade, da inexorabilidade, na aparência da força inumana; Teseu a idéia do arrojo, na aparência da finitude; Ariadne, a idéia do afeto, na aparência do estratagema; o fio, a idéia da razão, na aparência do

insignificante, do comum. (Deixaram-se de lado reis, arquitetos e culturas, para não tornar ainda mais complexa a tessitura).

Repita-se que, opostamente às postulações teóricas, a exposição pouco apresenta objetos clássicos *autênticos*, *parte da realidade*, etc, mas diapositivos, fotografias, modelos, esquemas, palavras, frases, formas, volumes, maquetes para documentar (ou positivar, fenomenolizar, exponenciar) a argumentação da tese-idéia: teoria da Museologia. Lá estavam plêiades de signos: lingüísticos, numerais, imagéticos, magnéticos, perfurados. E eles procediam e sustentavam a argumentação da teoria que ou os ignorava ou os colocava na terceira categoria, a dos documentos codificados.

A intensiva alusão ao desenvolvimento, progresso, civilização, os recursos tecnológicos daquela contemporaneidade (o minotáurico computador - idéia da impossibilidade humana, da inexorabilidade, na aparência da força inumana, no labirinto das fitas de registro - perda da idéia de trajeto, a aparência de saída). E na saída do labirinto, dos trabalhos hercúleos e das peripécias de Ulisses, a Museologia (ou o museu?) labiríntica, hercúlea e odisséia: mítica, arqué, mito de origem, explicação nem totêmica, nem tabuística de nossas práticas memoriais, segundo Freud e Foucault.

“Os museus do século XIX estão mortos. Vivam os museus do século XXI”.

Ou não existiram ou apagaram os do século XX: bom motivo para explicar a elisão.

Na condição de visitante, de *pessoal de museu*, aquela teoria foi apresentada e argumentada com eficácia. A expografia convenceu a razão, a visão, em todas as suas operações intertextuais, reiterantes e estimulantes. Como observador externo, em metalinguagem, parcialmente deve-se reconhecer que a surpresa *é o melhor ataque*. Sair na frente, tomar e manter a dianteira e legitimar as posições alcançadas são estratégias bélicas, empresariais e acadêmicas. Nada de novo ou de espúrio, apenas oportunismo, animado pelo efeito final de movimentação de linhas e figuras e volumes geométricos que vitalizam as idéias, as tornam reais e a teoria (museológica, no caso), torna-se realidade para o outro. A expografia materializa o discurso das

idéias teóricas, a metarealidade da relação homem-realidade é apresentada em painéis e vitrines, na linguagem museística por excelência.

O demonstrável tenta sugerir a inessência? Não se controlam discursos.

Considerado o artigo na revista *Museum*, a Fonte é Schneider; o canal, a imprensa periódica especializada, de divulgação científica; mensagem de base científico-museológica; o receptor, o pessoal de museu, pensadores da Museologia, estudantes de Museologia e de outras disciplinas transversais ao museu, do mundo todo.

Seja no caso da publicação, seja no da exposição, a orientação é unidirecional.

Espera-se ter ficado patente a eficácia da exposição na apresentação de idéias, tanto por permitir a compreensão do seu enunciado, notativo, quanto facultar a leitura do observador externo, das denotações e das questões de lógica implicadas nos argumentos. E essa eficácia de apresentar idéias em exposições de museu, diga-se, é cabalmente desconsiderada pela Teoria, preconizadora do papel imprescindível do objeto-documento autenticado e autenticador, sem o qual a realidade é, no mínimo, questionável, se não invalidada.

Levando-se em conta o que este capítulo possibilitou, pelas leituras, aberturas e provocação de reflexão, pôde-se aprofundar o conhecimento sobre a teoria museológica, verificando-se o conceito de Museologia e a sua sistematização, em 1971, na escola de Museologia de Brno.

Simultaneamente, o desenrolar do estudo permitiu a observação específica do teor da teoria museológica apresentada na exposição **O caminho do museu** (que, como se poderá ver no capítulo 3, permaneceu semelhante em 2005), assim como a análise expográfica da exposição a partir dos elementos de que se utilizou no processo de comunicação peculiar a museus.<sup>135</sup>

Para os organizadores de **O caminho do museu** e/ou para seu articulista, a exposição de documentos autênticos é a maneira significativa e diferencial do museu

---

<sup>135</sup> Mais uma vez, agradecemos o concurso de Zusana Paternostro que, com a tradução realizada dos conteúdos em checo, ampliou e enriqueceu com possibilidades o universo analítico do capítulo que se encerra.

em relação a outros meios de informação. “Decorre dessa concepção de Museologia que o museu é forma institucional que concretiza e verifica a abordagem museológica da realidade”.<sup>136</sup> Paira, ao final, a dúvida se os organizadores consideraram como sendo museal essa exposição *sem* objetos documentários, *não* relacionados profunda e significativamente com a realidade, com *um sujeito no início dos anos 1970 saudando o ano de 2001*. Se o juízo for ao pé da letra, os organizadores fizeram um texto tridimensional sobre o *indemonstrável*: o que isso quereria dizer?

---

<sup>136</sup> SCHNEIDER, Evzen. “La voie du musée”, exposition au musée Morave, Brno. Op. Cit., p. 190.

## CAPÍTULO 3

### UM NOVO CAMINHO CONCEITUAL, 1965-2005: EXERCÍCIO CRÍTICO

Para se buscar compreender as formulações de Stránský, e na impossibilidade de se inquirir presencialmente o pensador, pode-se recorrer a, pelo menos, três tipos de fontes. A auto exposição narrativa de suas postulações, através de documentos impressos; a constituição dos currículos por ele formulados para o ensino da Museologia (ou a estrutura e conteúdo expresso no índice de sua mais recente obra, Anexos A e B); e sua alusão em textos de outros pensadores são, portanto, os meios a que recorreremos. Stránský tem sido profícuo em sua produção intelectual, traduzível em textos publicados em diversos idiomas. Durante este trabalho, consideramos o do *MUWOP*, n. 1, de 1980, e, sobretudo neste capítulo, *Z. Z. Stránský: život a dílo*, 2006 (para os currículos) e *Archeologie a muzeologie*, 2005 (para as formulações conceituais e índice). *Predmet muzeologie*, 1965, é o registro histórico da primeira publicação em que Stránský expressa um balizamento para a teoria da Museologia quanto a seu objeto. Acompanham a *Terminologia Museológica*, dirigida por Desvallées, de 2000, referência suplementar, e *Le musée virtuel*, de Deloche, contrastante.

O ponto referencial deste trabalho, o objeto da Museologia, em Stránský, repita-se, é a relação entre o homem e a realidade, perspectivada a partir da gnoseologia.

Jirí Zalman, citado por Stránský, opera com o termo metarealidade:

[...] no mesmo momento em que o mundo real é caótico, complicado, muitas vezes impossível de entender e impossível de saber o que vai acontecer, o reflexo deste mundo compilado pelas coleções de museus é organizado, visível e possível de entender.<sup>137</sup>

<sup>137</sup> Apud STRÁNSKÝ, Zbynek Z. *Archeologie a muzeologie*. Brno: Masarykova Univerzita, 2005, p. 113.

Apenas como registro, podemos observar dois níveis da relação gnoseológica, sendo uma *no mundo* e outra no museu. A esta, entretanto e por isso mesmo, caracteriza-se como metarealidade. Então, Se considerarmos como objeto a relação no mundo, e se em decorrência selecionamos sua representação submetida a um critério de valor, passaríamos a ter como objeto a relação do homem com a metarealidade, no museu? Stránský parece ter investido nesse aspecto, a considerar a definição de objeto constante da obra de 2005.

Relembremo-nos, ainda, que o museu, assim, não é o objeto científico, mas uma expressão dessa relação. Tenha-se em conta, também, que a Museologia é disciplina científica em fase pré-científica (pelo menos por volta de 1980).

Apresentaremos o assunto tendo por base o capítulo 5 de **Archeologie a muzeologie**, que trata da Metamuseologia, observando-se a sucessão das partes internas desse capítulo, tal como concebida por Stránský. Concomitantemente à menção ao conteúdo do autor checo, se dialogará com o autor francês, em contraste, e, quando possível, acrescentando-se comentários, análises, aproximações, etc. do autor deste trabalho.

O contexto do texto e o metatexto

Metateoria – Metamuseologia – Metarealidade

Destacamos e antecipamos o apontamento de alguns termos não trabalhados por Stránský, mas que importam para a nossa reflexão.

Por isso não podemos [apenas] ficar contentes com o fato de que o *mundo dos museus* existe. É necessário penetrar em suas ligações internas, perceber os indicadores de desenvolvimento positivos e negativos. Este é o único caminho para conhecer a *verdade*, o *ambiente de museus* e seu *insubstituível papel* na cultura e também no pensamento cultural do Homem e de toda humanidade.<sup>138</sup> (grifos nossos)

“É esta a tarefa da Museologia”.<sup>139</sup> Para tanto, necessita utilizar métodos especiais (metodologia), ter linguagem formalizada (terminologia) e elaborar um

<sup>138</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 107. E Stránský amplia o campo, na página 109: “A este pensamento também pertence a atenção que hoje em dia se presta ao grande fenômeno da *memória*, que está identificada como categoria ôntica não apenas no mundo inorgânico, orgânico, psíquico e social, mas também no espaço”.

<sup>139</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p.107.

sistema teórico adequado (sistema). E partindo dessa tríade, logo após tratar do objeto de estudo, se terá a estrutura de caracterização científica da Museologia.<sup>140</sup> Se Stránský preferiu o investimento na vertente científica, Deloche, como veremos, recorreu à filosófica.

Impregna-se o texto com a veemência das palavras adjetivas: ao mundo dos museus, a senda da sua verdade e do seu insubstituível papel. Como negar ao museu a objetividade na Museologia mediante essa sua posição angular? Como dizê-lo insubstituível se não é indispensável, posto ser histórico e temporal (nasce, se transforma e pode morrer), não existindo, como tal, desde sempre e para sempre, necessariamente? Ou a importância do que o determina ontológica ou onticamente? E qual o pressuposto para a definição da verdade, por qual valor determiná-la?

Uma justificação para se debruçar sobre a Museologia, buscando sua cientificidade, repousaria na presença longeva da Museologia e a prodigalidade de suas manifestações. Stránský, entretanto, não revela o parâmetro para determinar a grandeza da extensão. Situa a consideração da Museologia durante o século XIX como disciplina, embora relativa a práticas e desejos, conforme um pensamento tradicional e, no seu dizer, museográfico.<sup>141</sup>

Seria esse seu marco zero? De qualquer modo, o repositório resultante permite a argumentação histórica, mas também expressa o ciclo de vida dos fenômenos. Então, para Stránský, é se questionar hoje sobre a indispensabilidade do fenômeno, e cremos que o autor fala de *Museu*, para a sociedade contemporânea.<sup>142</sup>

Seguindo a proposta metodológica de apresentar o *contraste*, anteriormente utilizado no capítulo 1, chega a vez de *injetarmos* o pensamento de Bernard Deloche, através de sua obra *Le musée virtuel*.<sup>143</sup>

<sup>140</sup> Ibidem, loc. cit. Ocorre também em STRÁNSKÝ, Zbynek Z. Predmet muzeologie. In: **Sborník materiálu prvního muzeologického symposia**. Brno: museu da Morávia, 1965, p. 33.

<sup>141</sup> Ibidem, p. 105.

<sup>142</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>143</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Op. Cit.



## METATEORIA

O âmbito da consideração sobre uma teoria é a sua metateoria. Através dessa concepção, pensar sobre a Museologia constitui a Metamuseologia, termo stranskyano. Stránský situa a ocorrência da Metamuseologia em fins do XIX, ocupando a cena da produção sobre o campo durante todo o século XX. Caracteriza o pensamento dominante como museográfico<sup>144</sup>, relativo ao primeiro dos níveis, geralmente empírico-descritivos, do processo de conhecimento. O segundo nível é teórico-sistemático e o terceiro uma “unidade harmoniosa” de fatores qualitativos e quantitativos. Concebe a Museologia como estando no primeiro estágio, com excepcionais incursões no segundo.<sup>145</sup> O nível museográfico se funda no museu enquanto instituição.

Considerado o âmbito no qual a reflexão sobre o objeto científico se impõe, seria para além da Museologia em si que se buscaria compreender a relação gnoseológica. Na Metamuseologia, como proposta por Stránský, residia a fundamentação filosófica para a elaboração da definição que se discute. Tal como caracterizada em sua mais recente obra, **Archeologie a muzeologie** (e que retoma textos seus a partir de 1965), o termo cunhado por ele, Metamuseologia, “[...] não significa Museologia em geral, mas uma avaliação filosófico-teórica da Museologia como uma possível disciplina científica, isto é, a *teoria da Museologia*”.<sup>146</sup> E Stránský nos situa conceituando metateoria como a teoria da teoria e estabelecendo que o pensamento metateórico data do final do século XIX, sendo enfático no XX.<sup>147</sup>

Deloche posiciona as discussões metateóricas – metamuseológicas, assim como sobre a Museologia enquanto e se disciplina científica, no espaço temporal de por volta do início da década de 1970, destacando o fórum do ICOFOM:

Durant une trentaine d'années, et au moins depuis la fondation du Comité international de l'ICOM pour la muséologie (ICOFOM), la question d'un éventuel statut scientifique de la muséologie a occupé le devant de la scène des débats internationaux.<sup>148</sup>

<sup>144</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 105.

<sup>145</sup> Idem, La théorie des systèmes et la muséologie. **Museological Working Papers - MuWoP / Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM**, Estocolmo, n. 2, p. 74, 1981.

<sup>146</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 105.

<sup>147</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>148</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Op. Cit., p. 116. “Por uns trinta anos, e pelo menos desde a fundação do Comitê Internacional do ICOM para a museologia (ICOFOM), a questão de um eventual estatuto científico da museologia ocupou o primeiro plano dos debates internacionais” [Tradução nossa].

A Museologia se apresenta como metadisciplina, isto é, uma disciplina de destaque, concentrada sobre a instituição Museu ou sobre seus pensadores, e é completamente nesta perspectiva que alguns reivindicam a ela o estatuto de ciência.<sup>149</sup>

Como metadisciplina não libera nenhum conteúdo de conhecimento, é apenas uma reflexão sobre uma maneira de produção de conhecimento. Como epistemologia, trata dos fundamentos da ciência, não sendo uma ciência no segundo grau, ela não é uma ciência da ciência.<sup>150</sup>

Por certo Stránský nos consignou que, embora não fosse o objeto da Museologia, não se abriria mão do Museu. Note-se, todavia, a exaustiva e capital presença do *museu* no espaço que dedicou à Metamuseologia.<sup>151</sup> A ligação, desde o surgimento, entre o fenômeno dos museus e a tendência de guardar<sup>152</sup>, a musealização<sup>153</sup> da modernidade pela pós-modernidade, quando a modernidade “vira museu”<sup>154</sup> ancorariam sua posição. E mais, que a musealização tem papel insubstituível em nossa existência,<sup>155</sup> musealização – sua motivação e base - que deve ser assunto principalmente da Museologia.<sup>156</sup>

### Composição lógica, caráter científico

Do ponto de vista dos referenciais filosóficos, o autor checo destaca a importância da Ontologia, ao lado da noética<sup>157</sup> e da axiologia para a Museologia, e o relacionamento desta com aqueles referenciais.<sup>158</sup> A considerar a informação do autor,

<sup>149</sup> Ibid., p. 125.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>151</sup> Ver o capítulo 5, de **Archeologie a muzeologie** e o levantamento de dados constantes do Anexo B.

<sup>152</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 107.

<sup>153</sup> O autor refere que o termo musealização (*Musealisierung*, em alemão) foi inicialmente trabalhado por ele e por Wilhelm ENENNBACH, no início dos anos 70, junto com a palavra *musealidade*, como um *processo de adquirir musealidade*. “Pensamentos filosóficos e científicos pós-modernos chegaram também ao termo musealização, mas sem sua definição de motivação museal”. Foram os casos de Jean-François Lyotard e Jean Baudrillard (“levar algo ao estado em que não pode mais mudar e que também não pode mais morrer: as realidades estão sendo congeladas, esterilizadas e protegidas contra o fim ou a morte”). Cita ainda os nomes de Henry Pierre Jusy e de Hermann Lubbe. STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 113. (Grifo do autor). Para maior aprofundamento da natureza de musealização, ver outras passagens, às páginas 112 e 113.

<sup>154</sup> Umberto ECO, apud STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 107. A musealização ou a ultrapassagem, por sua vez, estariam associadas à guarda do desfuncionalizado, do inessencial?

<sup>155</sup> Cf. STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op.Cit., p. 107.

<sup>156</sup> Ibidem

<sup>157</sup> Estudo das leis gerais do pensamento.

<sup>158</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op.Cit., p. 108.

a noética e a metodologia das ciências, aprendidas durante sua formação acadêmica, constituíram, na verdade, os seus parâmetros iniciais.<sup>159</sup>

Pela sua análise sincrônica, constata que, no início do século XXI, vivemos uma crise global (a expectativa sobre os resultados da ciência, sobre o que ainda se deveria cientificar, o fim do socialismo – sem ter cumprido sua promessa, o valor do dinheiro, a comercialização da cultura, tornada exclusivamente entretenimento, e o fascínio dos jovens por *drogas culturais*<sup>160</sup>), associada a uma crise ecológica.<sup>161</sup> [grifo do autor]. Nesse quadro, confere ao universo da cultura a importância, relativa, da espiritualidade e do espírito artístico e científico. E o caráter semiótico da cultura: “*E por que a cultura é um significado compartilhado, nem podemos ter este contínuo significado compartilhado. [...] Sem significado, a nossa sociedade será destruída*”.<sup>162</sup> Aparece, então, a Semiótica.

Deloche, por seu lado, refere-se ao desenvolvimento paralelo à Museologia da ciência da informação e a comunicação<sup>163</sup>, disciplinas implícitas na construção de seu raciocínio.

Quanto à composição lógica da Museologia, Stránský analisa-a mediante os critérios de reconhecimento da natureza da ciência: domínio cognitivo (focos cognitivos, o objeto, o campo de estudo), metodologia (métodos especiais), terminologia (linguagem formalizada) e sistema (sistema teórico).<sup>164</sup>

Stránský autoriza o questionamento sobre a cientificidade da Museologia desde o momento em que deixa aberta a existência de uma efetiva definição do âmbito do objeto de estudo da Museologia: “Os problemas postos pelo objeto da Museologia demonstram que nós ainda não temos idéias precisas sobre o que concerne à posição e função da Museologia enquanto disciplina científica”.<sup>165</sup>

<sup>159</sup> Ibidem, p. 111.

<sup>160</sup> BAUDRILLARD e ECO, apud STRÁNSKÝ, Zbynek Z. Op.Cit., p. 106.

<sup>161</sup> Ibidem, p. 109.

<sup>162</sup> Ibidem, p. 107. (Grifo do autor).

<sup>163</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 125.

<sup>164</sup> STRÁNSKÝ, Z. Op. cit., p. 107.

<sup>165</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. La théorie des systèmes et la muséologie. **Museological Working Papers - MuWoP / Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM**, Estocolmo, n. 2, p. 75, 1981.

Considerando e argüindo o estatuto da Museologia quanto à natureza de seu conhecimento, Deloche principia por observá-lo do ponto de vista da ciência, hipotetizando a Museologia pertencer ao campo das disciplinas científicas.

### **O objeto de estudo - domínio cognitivo**

Para Stránský, como para a ciência, o ponto de partida na teoria da teoria é a identificação e precisão de um objeto de estudo para a disciplina científica. Segundo ele, a Museologia não esteve sozinha na problemática de definição do objeto, citando o exemplo da Arqueologia.<sup>166</sup> A importância da especificação do objeto para a Museologia o é para si mesma, como identitário, para ela no *campo dos museus* e para a sua situação no seio do sistema científico como um todo.

Inicialmente, o objeto era o museu, seu prédio, coleções e equipamentos. Essa fase de pensamento designa como museográfica, e a qualifica como tendo sido longa e ainda podendo ser percebida em determinados casos.<sup>167</sup>

Como a Museologia não existiria apenas para elaborar conhecimentos metódicos e técnicos, Stránský avança, do ponto de vista da tese filosófico-metodológica, “todo saber, por ser adequado ao seu objeto e revelar sua substância real, deve ser bem desenvolvido no plano teórico e sistematizado sob a forma de uma teoria”.<sup>168</sup> Em outras palavras, poderíamos recordar a *salvação das aparências*.

Divisor de águas, para o museólogo checo, portanto, (e para muitos, também) é a sua concepção, qualificada como científica, divulgada a partir de 1965, com a redefinição do objeto, e de toda a definição da Museologia enquanto ciência.<sup>169</sup>

Durante o simpósio de Museologia organizado pela nova cadeira de Museologia da universidade de Brno, em 1965, eu assinali que o objeto da Museologia como disciplina científica não pode ser o museu, por que o museu é somente um instrumento para realizar certo jeito particular de cognição da sociedade.<sup>170 171</sup>

<sup>166</sup> \_\_\_\_\_ . **Archeologie a muzeologie**. Op.Cit., p. 110.

<sup>167</sup> Ibid, p. 110-111.

<sup>168</sup> Ibid. La théorie des systèmes et la muséologie. **Museological Working Papers**. Op.Cit.

<sup>169</sup> Ibid. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 111.

<sup>170</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 111.

<sup>171</sup> A questão se lhe apresentou há 15 anos [contados retrospectivamente a partir de c.1981, ou seja, 1965] quando formulou o programa do curso de Museologia. Seus principais referenciais, cita nesta fonte, foram os aspectos gnoseológicos, metodológicos e sistemáticos. Refere-se à exposição **O caminho do museu**, considerada no capítulo 2 do corrente trabalho, como também demonstradora da sua percepção de Museologia, além de constante de outras publicações anteriores a 1981 (1971-1972; 1974).

Deloche segue Stránský na percepção de que certamente não seria o museu-instituição o objeto da Museologia, apesar de observar que a transposição do nome dessa mesma instituição ao termo que designa a ciência, uma tendência considerável natural, tem levado a implicar Museologia e estudo de museus, Deloche reporta a afirmação de Stránský que diz criticar, desde 1965, no primeiro seminário museológico em Brno, tal naturalidade decorrente dos elementos da construção vocabular, museologia, e de se ter, sob os olhos, a *realidade museal tangível*.<sup>172</sup> Nesse ambiente, a expressão enfática é associada ainda ao processo de transferência da coisa – museu – para seu substituto – museo [logia]. Ora, mais uma vez, embora a pretendida estabilização dos termos para a consumação da Terminologia, o léxico registra outra aceção, que não a de *relativo a museu*.

Se, no entanto, assim fosse, a Museologia seria somente “[...] la tentative pour apporter une réponse rationnelle à la question de la finalité de l’*institution muséale*”.<sup>173</sup> (Leia-se: *o museu*). Pois, “[...] la discipline existe, comme sa dénomination même, et qu’elle est revendiquée par des spécialistes qui estiment la pratiquer; mais reste à savoir si elle répond bien à une définition unitaire et satisfaisante”.<sup>174</sup> Porém, se a questão se reduzir ao nome, nome por nome, e se a angulação das discussões passarem necessariamente pelo museu, *museologia* não seria mais adequado?

Quando se considera que o objeto de uma disciplina está no seu nome, se excluem as iniciativas *paramuseais*. O museu seria, então, para alguns “[...] une expression possible mais non nécessaire de quelque chose de plus essentiel qui serait l’objet véritable de la muséologie”.<sup>175</sup> Convém pontuar a respeito do conceito de paramuseal, no contexto em que foi empregado, contrariando a sua definição constante do Glossário do próprio livro.<sup>176</sup> O termo referente *museal*, ali parece

---

STRÁNSKÝ, Zbynek Z. La théorie des systèmes et la muséologie. Systématique et systèmes en muséologie. **Museological Working Papers - MuWoP / Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM**, Estocolmo, n.2, p. 74, 1981.

<sup>172</sup> Deloche refere-se em nota de rodapé que esse conteúdo encontra-se na obra de Stránský **Le rapport de la muséologie et des musées**, à p. 2. Todavia, esse título não foi encontrado em sua bibliografia e nem no levantamento publicado em Jan Dolák “[...] parce qu’on a sous les yeux la réalité muséale tangible”. Apud DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Op. Cit., p. 118.

<sup>173</sup> Ibidem, p. 116. (Grifo nosso). “[...] a tentativa de dar uma resposta racional à questão da finalidade da instituição museal” (sic). (Tradução nossa).

<sup>174</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>175</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Op. Cit., p. 118. [Grifo nosso]. “[...] uma expressão possível, mas não necessária, de qualquer coisa mais essencial, que seria o verdadeiro objeto da museologia.” [Tradução nossa].

<sup>176</sup> Ibidem, p. 252.

significar *de museu*, reforçado pela idéia de exclusão, com relação a esse mesmo parâmetro, *não museu*, mas com *atividades* que lhe seriam *peculiares*, porém realizadas não na instituição museu, o *paramuseu*. A preposição *para* se define como: "proximidade, ao lado de, ao longo de, elemento acessório, subsidiário, semelhante".<sup>177</sup> Escolha-se qualquer uma dessas acepções e o resultado conceitual será parecido. Há a ameaça da Babel construída pela nomenclatura que se apropria dos elementos da língua corrente ou de referência (latim, grego), contudo deliberadamente os distorce, facilitando a balbúrdia. Stránský se queixa da incompreensão e do uso equivocado de termos criados por ele, citando *musealidade* como um dos exemplos.<sup>178</sup> Mas ele não é vítima da própria procura de especificação do conteúdo de um termo que não tenha linguisticamente uma lógica nocional genérica?

Argumenta, ainda, Deloche, no campo semântico, que o sufixo *logia* não está exclusivamente associado à ciência, a exemplo de parapsicologia ou sofrologia (mais ou menos correspondo à Yoga para os ocidentais). Se *logos* for tomado no sentido de discurso com pretensão racional, não se estabelece, entretanto, sua dimensão cognitiva.<sup>179</sup>

Stránský, examinando o caso de outras disciplinas, pôde afirmar que nenhuma delas era a disciplina *sobre uma instituição*, como a pedagogia, não é *sobre a escola* ou, no caso da teatrologia, com relação a ser *sobre o teatro*.<sup>180</sup> Deloche, a este propósito, cita outros casos. O museu é uma Instituição de mediação de necessidades sociais, e assim artificial (a escola, o hospital e a prisão).<sup>181</sup>

A Museologia, segundo Deloche, pode ser espontaneamente "[...] définie comme la discipline chargée d'étudier la formation, l'évolution et la diversification de cette institution qu'est le *musée*".<sup>182</sup> Mas, não há disciplinas cujo objeto sejam

<sup>177</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 14 imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [198-].

<sup>178</sup> STRÁNSKÝ, Zybnek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 114.

<sup>179</sup> DELOCHE, Bernard. Op. cit., p. 126.

<sup>180</sup> STRÁNSKÝ, op. cit., p. 111.

<sup>181</sup> Não sendo o pensamento de Deloche, como tal, a consideração deste trabalho, pelo interesse registramos a classificação apresentada por ele sobre o grau de uma instituição, a saber: primária, aquela mediadora de necessidades biológicas naturais (alimentação, casamento, habitação), e secundária, de mediação de necessidades sociais, portanto artificiais (escola, hospital, prisão). DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 125.

<sup>182</sup> "definida como a disciplina encarregada de estudar a formação, a evolução e a diversificação dessa instituição, o museu". Ibidem, loc. cit. (Grifo nosso).

instituições, como escola, hospital ou prisão, mas relativas às suas funções, paralelamente à pedagogia, a clínica médica e a criminologia. Sendo ciência, seria a única exceção disciplinar de um objeto instituição, e não a sua função.<sup>183</sup> Retenha-se, portanto, que se fala aqui de *museu, funções* da instituição, portanto *do museu*, tornado, assim, objeto indireto.

O campo é elemento definidor da disciplina científica. A partir dessa afirmação, Stránský informa que essa definição é problemática para várias disciplinas, não apenas o fora para a Museologia. Outras disciplinas, na maioria descritivas, negam a Museologia como *principal disciplina em museus*, sem que, pela natureza e objetos próprios, dêem conta das questões de âmbito museológico. E essa situação de questionamento e imprecisão científica *leva os trabalhadores em museus* a se apoiarem em modismos exteriores no intuito de defenderem e desenvolverem as instituições a que se ligam. Daí a importância estratégica da definição do objeto cognitivo da Museologia.<sup>184</sup>

Fase museográfica, para Stránský, é a designação da etapa em que os próprios equipamentos dos museus eram o objeto do pensamento teórico sobre o museu. Esse objeto persistiu por muito tempo e ainda hoje é difícil de ser ultrapassado.<sup>185</sup> Na medida em que o papel científico dos museus declina, ao longo do século XIX, ascende a missão cultural do museu, como forma de superação da crise *existencial*, na expressão de Stránský. Inicialmente, sob inflexão educacional, deu-se a modernização das exposições e o aspecto da educação tematizou a conferência em Madrid, de 1934<sup>186</sup>, e marcou a exposição em Paris, de 1937. Ocorria a ênfase na esfera institucional – educacional em consonância com o ambiente social do período, dando-lhe proeminência.

Apresentado o quadro recortado do que *não é* para Stránský o objeto da Museologia, negação essa constante a partir do texto *Predmet muzeologie*<sup>187</sup>, de 1965, e reiterado por Deloche, quadro esse no qual, entretanto se inscreve e do qual deriva a formulação conceitual metateórica de Stránský, chega-se ao âmago do

<sup>183</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>184</sup> STRÁNSKÝ, Zybnek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 110.

<sup>185</sup> Idem, in Loc. cit., p. 111.

<sup>186</sup> Foi-nos impossível identificar esse evento, apesar das tentativas através da internet.

<sup>187</sup> STRÁNSKÝ, Zybnek Z. **Predmet muzeologie**. Brno: Universidade Jan Evangelista Purkine, 1965.

primeiro dos três critérios para definição da cientificidade, e o que mais nos interessa continuar observando: a definição do objeto de estudo.

Stránský avoca sua primazia quanto à instauração de um objeto para a Museologia que não seja o museu, pois “o museu é somente um instrumento para realizar certo jeito particular de cognição da sociedade”.<sup>188</sup> Situa essa sua nova definição nos quadros da “nova” cadeira de Museologia da universidade JAP/Masaryk, Brno, em 1965. Sob os referenciais da noética e da metodologia das ciências aprendidas durante seus estudos universitários em curso do Departamento de Filosofia e História, como já se disse, examinando o caso de outras disciplinas com relação a não terem instituições como objeto.<sup>189</sup>

Todavia, rememore-se, adverte-nos Stránský, que retirar o museu da posição de objeto científico não representa a sua exclusão do campo de visão desta disciplina, e qualifica a dificuldade de esclarecer a particularidade de cognição da realidade do museu, quer dizer, no caso da cultura de museus.<sup>190</sup>

Declara que seu processo de reflexão esteve atento à história dos museus, concluindo então

[...] que o nascimento do fenômeno [museu] sempre é motivado pela *relação de valores entre Homem e realidade*. Esta relação motivou a seleção de representantes autênticos destes valores e a requisição de sua conservação, mas também sua apresentação na intenção desta cognição na missão de criadora de cultura.<sup>191</sup>

E após a crítica ao objeto encontrado, retoma-se a abertura e ruptura conceitual de Stránský. Através de Gregorová sabemos que a Museologia é uma disciplina científica em via de formação, “cujo objeto [na concepção de Stránský] é o estudo da ‘relação específica homem – realidade’”.<sup>192</sup>

Embora compreendendo o museu como conceito, de modo a se poder abarcar a multiplicidade em um debate unitário, mantém, entretanto, o corrente, mencionando imediatamente o museu, afirmando que os fenômenos que são o ato de expor, o

<sup>188</sup> Idem. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005, p. 111.

<sup>189</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>190</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>191</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>192</sup> GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM, Estocolmo, n.1, p. 19, 1980.



processo de recuperação com fins ideológicos e os esforços para escapar à sacralização, etc., fenômenos esses que, diga-se, identificáveis com a natureza museal, requerem uma disciplina capaz de lhes construir uma teoria, a Museologia.<sup>193</sup>

Qualifica como meio de liberdade de apreensão do pensador o distanciamento no processo analítico e também dos debates que o envolvem, pois, apenas assim será possível identificar o “[...] *le projet muséal* sous des figures atypiques et inattendues, parfois même complètement en marge de l’institution [museu]. [...] par exemple, identifier un projet muséal dans um CD-Rom ou même dans um site Internet”.<sup>194</sup>

### Metodologia da Museologia

Como segundo dos critérios de verificação da natureza científica, Stránský nos apresenta a metodologia própria à Museologia. Conforme ele, a relação museológica com a realidade requer conhecer a sua motivação.

Esta relação está delimitada pelo caráter da realidade musealizada e pela importância de seus *valores*. Disso concluímos que a Museologia tem que se basear no conhecimento da importância para a cultura e a memória daquela realidade que está sendo observada. Para isso precisamos utilizar conhecimentos de numerosas disciplinas científicas [...] em nível multidisciplinar, por que [...] aquela realidade musealizada [...] não se trata especialmente de um fenômeno singular.<sup>195</sup>

A exemplo de períodos de regimes políticos totalitários, o trabalho do museólogo pode estar em contradição com os valores populares.<sup>196</sup> Trata-se, portanto, de *relação com* a categoria de *valores* da musealidade.

O essencial [...] é entender e refletir seu [dos representantes do homem] valor de cultura e de memória, por que isso é decisivo na hora de selecionar e conservar os possíveis representantes. Isso requer aplicação de critério de valores que se baseiam na hierarquia de valores culturais.<sup>197</sup>

<sup>193</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 115-116.

<sup>194</sup> Ibidem, p. 116 [grifo nosso]. “[...] o projeto museal sob feições atípicas e inesperadas, por vezes mesmo totalmente à margem da instituição [museu]. [...] por exemplo, se identificar um projeto museal em um CR-Rom ou até mesmo em um sítio da Internet.” [Tradução nossa].

<sup>195</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 113 [grifo nosso].

<sup>196</sup> Ibidem, p. 113-114. Em outro ponto do capítulo desse livro expõe-se uma idéia que pode ser interpretada como contraditória em relação a essa. “A Museologia primeiramente tem que tomar a iniciativa, sem pensar se alguém vai gostar ou não. Se ficar na sua esfera, museu-técnica e institucional tradicional, poderá ocorrer que os museus irão perder seu direito à existência. Também pode acontecer que a ausência da Museologia científica dará origem a várias ‘Museologias populares’” (p. 108). (aspas do autor). (Cf. Mayrand ). Se a *nova Museologia* incorpora ou considera as “Museologias populares”, então, ela não seria *científica*, nos termos aqui oponentes e excludentes de Stránský.

<sup>197</sup> Ibidem, p. 113.

“Esta orientação axiológica condiciona a diferenciação da metodologia museológica e proporciona para esta disciplina um lugar particular no sistema científico, cultural e assim em toda a sociedade”.<sup>198</sup>

Considere-se o decisivo papel desempenhado pela axiologia, sobre a qual repousa toda a construção musealidade – musealização e, por ser critério, a natureza científico-metodológica da *Museologia*. Mas, axiologia não é ramo da filosofia? Os sistemas de valor podem se transformar em objeto científico?

### **Terminologia – linguagem formalizada**

O museólogo checo não define o que denomina terminologia. Vai diretamente ao mérito, ao significado, à crítica e ao registro de sua contribuição.

Para além de ser um dos critérios de observação do caráter da cientificidade, Stránský devota à terminologia grande atenção, atribuindo-lhe muita importância e a ela se dedica, tanto para o efeito de precisão e especificação vocabular quanto pelos conceitos que os termos estabelecem e carregam. Como foi enunciado na Introdução ao corrente trabalho, o idioma checo tem particularidades quanto a refletir um tipo de estrutura de pensamento, bem como a possibilidade expressiva de nuances. Embora essa flexibilidade favoreça a criação terminológica, por outro lado dificulta o estabelecimento de equivalência, com a mesma estabilidade e definição, em idiomas não-eslavos. Línguas de referência para a criação terminológica, latim e grego, e contemporaneamente se contando com a proverbial universalidade do inglês, não recorrer a elas no momento em que intenta cunhar termos e conceitos é, no mínimo, comprometer a tradução automática. Por exemplo, o termo *muzeinictví*, cujo conceito em si é de difícil observação como tal entre nós, em traduções de títulos de trabalhos científicos, em inglês e em alemão, respectivamente, figura como *Museology* ou *of museums* e *Museologie* ou *Museumswese*. E sabemos que tais termos (*Museology*, *of museums*, *Museologie*, *Museumswese*) já dizem anteriormente respeito a outras naturezas de referências.

Em seu caso, Stránský enuncia ter sido

[...] *forçado* a fazer não somente o aperfeiçoamento do aparelho terminológico – na maior parte baseado na língua normal – mas também introduzir novos nomes e suas definições, como a própria

---

<sup>198</sup> Ibidem, p. 114.

palavra musealidade, musealização, mas também, por exemplo, uma palavra completamente nova, como tesauroização e outras. Lamento, mas em muitos casos estes termos foram adotados pelos demais, mas em um sentido de conteúdo muito impreciso.<sup>199</sup> (grifo nosso)

Em sua alegação, a imprecisão de um termo deve ceder lugar a outro preciso, a terminologia implica definição de regras e caracterização da posição de um termo com relação aos demais integrantes de uma terminologia.<sup>200</sup> Resulta de um sistema de conhecimento, neste caso museológico, e necessita também introduzir novos termos. Outra peculiaridade é a de refletir a situação da disciplina, por exemplo: termos ambíguos refletem o estágio de desenvolvimento científico, em sua insuficiência teórica.<sup>201</sup> Essa incerteza de termos, como vimos no exemplo de *muzeinictví*, é claramente constatável e explicável. O sistema referencial, pelo visto, é particular, e não rebatível, seja pela estrutura lingüística, seja, fundamentalmente, pela lógica de pensamento peculiar a uma cultura.

Stránský está bem consciente dessas dificuldades e as constata. Parece-nos, todavia, pelas razões já apontadas, que a sua inestimável colaboração se prejudica ao ser expressa em checo, sem considerar desde o berço a correlação com outros idiomas de outros troncos lingüísticos. Pelo seu ângulo analítico,

Em minha opinião, a terminologia museológica insuficiente reflete a ausência de sistema teórico e um entendimento muito impreciso dos termos principais, que se reflete lamentavelmente também no nível de muitas publicações do ICOM e da UNESCO, e assim também se reflete na legislação das diferentes nações.<sup>202</sup>

### Sistema

Também para a definição de um conhecimento enquanto ciência é preciso se identificar o conjunto de elementos interrelacionados que interagem no desempenho de uma função, os componentes que se organizam para configurar essa mesma ciência.

<sup>199</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. *Archeologie a muzeologie*. Op. Cit., p. 114.

<sup>200</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>201</sup> Ibid., Ibidem.

<sup>202</sup> Ibidem, p. 115. Patenteie-se o autojuízo sobre seu próprio enunciado: "Em minha *opinião*"... Trata-se de doxa, portanto.

Para o autor, sistema é “um conjunto ordenado de elementos cujas propriedades e interações visam a um objetivo comum”. Um conjunto não está isolado, tem um ambiente com o qual se relaciona. Esse conjunto é regido por uma organização, estrutura e hierarquia. O sistema é dinâmico, tem certo comportamento e pode ser aberto ou fechado.<sup>203</sup>

A distinção entre objetos da realidade natural dos da realidade social efetuada por S.A. Quiccheberg, em 1565, pode ser considerada como sistemática. A sistematização fora aprimorada por Lineu no campo das ciências naturais.<sup>204</sup> Assim, pode-se considerar já remotas as bases das noções que implicam o sistema.

No caso da Museologia, na revisão que nos apresenta Stránský, a primeira caracterização sistêmica da museologia que cita é a da hoje eslovaca Anna Gregorová, de 1984, pela qual o sistema da Museologia se compõe de: 1. Teoria e história da relação dos museus entre Homem e realidade; 2. Teoria do objeto de coleção; 3. Teoria, metodologia e prática das atividades de museus; 4. Organização, administração e gerenciamento de museus.<sup>205</sup> Mencionando o pensamento dos autores alemão e soviético HERBST e LEVYKIN, expresso no compêndio **Museologie**. Theoretische Grundlagen und Methodik der Arbeit in Geschichtsmuseen, de 1988, reporta que a divisão subdisciplinar ali seria: 1. História dos museus (incluindo história da Museologia); 2. Teoria (incluindo teoria geral da Museologia, teoria da coleta e da preservação, teoria da formação de acervos de coleções, teoria da comunicação de museus); 3. Ensino de museus quanto às fontes de conhecimento; 4. Museologia aplicada (incluindo revistas científicas, técnica de museus, organização, planejamento e gerenciamento) (1988).<sup>206</sup>

No museólogo japonês Soichiro Tsuruta, em 1980, o museu é o campo central da Museologia. Nele se dá a distinção de: 1. *auto-Museologia*, que estuda o museu como um fenômeno particular e observa sua taxonomia, morfologia e função; 2. *Museologia especial*, responsável pela observação das relações com outras

<sup>203</sup> Idem, La théorie des systèmes et la muséologie. **Museological Working Papers - MuWoP / Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM**, Estocolmo, n. 2, p. 72.

<sup>204</sup> STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. Idem, La théorie des systèmes et la muséologie. Op. Cit., p. 73.

<sup>205</sup> GREGOROVÁ, 1984 apud STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005, p. 114-115.

<sup>206</sup> Ibid., in Op. Cit., p. 115-116. As datas encontradas no autor são aquelas das publicações das obras em que leu esse conteúdo sobre sistemas, não sendo necessariamente, todavia, as da formulação dessas análises.

disciplinas; 3. a *syn-Museologia* (sic), como sendo a pesquisa sobre organizações sociais; 4. a *sócio-Museologia*, ocupada da pesquisa sobre as relações sociais e 5. a *administração de museus*, área da organização e gerência dessas instituições. Em Peter van Mensch, 1989, a *Museologia geral* fica no centro do sistema, conectada à *Museologia histórica*, à *aplicada* e à *especial*. Sobre esta base da disciplina repousa a *Museologia teórica* e a historiografia e metodologia da Museologia. A *Museologia aplicada* se subdivide em administração, conservação (integrada pela coleta, conservação e registro), pesquisa e comunicação (dividida em educação, exposições e avaliação). Friedrich Waidacher representaria, enfim, uma caracterização e composição fundada na concepção de Stránský, mas alterada, pela qual o que integra o conhecimento em Museologia é a *Museologia geral*, coração sistêmico, que contém a *Metamuseologia*, a *Museologia histórica*, a *Museologia teórica* e a *Museologia prática*. Na Museologia teórica estão a *seleção*, *tesaurização*, *comunicação* e *institucionalização*. A Museologia prática toma conta da seleção de objetos, estabelecimento de acervos, relações públicas, organização e administração. Na Museologia geral encontram-se os *métodos da Museologia* (a tecnologia, teoria e metodologia das disciplinas).

De Gregorová, grande seguidora da concepção relacional do objeto da Museologia, conforme se pôde comentar em capítulo anterior, até os museólogos de outros diversos contextos de referência teórica, não é difícil se constatar, mesmo que em caráter superficial, a presença sempre marcante da instituição museu, em sua historicidade, funcionalidade, praticidade e fundamentação. Essa presença nos interessa em particular, pois se esta discutindo qual o objeto que subjaz a toda a construção analítica que se faz a partir dele, objeto. Ora, nessa constante ocorrência dos museus na composição sistemática, dificilmente poderia refletir outra natureza que não fosse a do objeto ser o próprio museu ou, ainda que em menor foco, como o fenômeno em que se dá e tem razão de ser a manifestação da matéria de um conhecimento a ser sistematizado.

Considere-se, agora, a visão sistêmica de Stránský.

“Em minha opinião [doxa], o sistema da disciplina se baseia, no campo cognitivo, em níveis de conhecimento nos quais abordamos o objeto de nossa intenção de conhecer”.<sup>207</sup> E os níveis são:

<sup>207</sup> STRÁNSKÝ, Zybnek Z. *Archeologie a muzeologie*. Op.Cit., p. 116.

- *diacrônico*, conhecimento do desenvolvimento do objeto,
- *sincrônico*, posição do objeto de estudo no contexto contemporâneo,
- *teórico*, conhecimento dos lados essenciais daquela cognição particular da realidade, porém tem o papel insubstituível em relação com todos os outros níveis, e
- *aplicado*, nível misto, do ponto de vista do processo do conhecimento. Está focado na realização daquele conhecimento particular da realidade, quer dizer, opera também com os conhecimentos e tecnologias das outras disciplinas.<sup>208</sup>

Esses níveis se estruturam no sistema da Museologia nas equivalências:

- Diacrônico / Museologia histórica
- Sincrônico / Museologia contemporânea
- Teórico / Museologia teórica
- Aplicado / Museografia<sup>209</sup>

O autor assinala, e repete, que a Metamuseologia, como diz respeito à teoria da Museologia, está fora, acima, portanto, da Museologia e do sistema. E a Museologia teórica constitui o coração deste sistema, implicando e sendo influenciada pelos demais níveis.<sup>210</sup>

“Este sistema é capaz, com seus níveis de conhecimento, de entender o complexo do campo, quer dizer é uma rede, que pega a realidade observada toda. Assim cumpre a sua missão.”<sup>211</sup>

### **Posição no sistema das disciplinas científicas**

Certas visões arraigadas à consideração do museu-instituição contribuem para a maneira pela qual se percebe externamente a Museologia e a sua conseqüente condição no sistema de valor do conjunto das ciências.

Na concepção do museólogo de Brno, o objeto da Museologia integra a natureza, a sociedade, a cultura e a técnica, pelo que tem um caráter interdisciplinar

---

<sup>208</sup> Ibidem, p. 116-117.

<sup>209</sup> Ibidem, p. 117

<sup>210</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>211</sup> Ibidem, loc. cit.

embora pertença, especificamente, à área das disciplinas humanísticas, na esfera das ciências culturais, ou culturologia, da qual participa, assim como da memologia.<sup>212</sup>

O *acesso global* à realidade, holístico. Dispondo-se de conhecimentos, pode se proceder à avaliação de *valores*, basilares para a musealidade (enquanto identificação valorativa a requerer a extração de algo, no universo da musealização). De maneira semelhante, dá-se o mesmo com a ecologia ou a teoria da memória, por exemplo, relacionadas a problemas de diferenciação, além da sozologia<sup>213</sup>, monumentalística e documentarística [ou documentalística?].<sup>214</sup>

Não seriam então essas disciplinas que lidam com o estabelecimento de critérios de distinção – valores parte das Museologias especiais? Neustupný, por volta de 1950, concebeu Museologia especial como aplicação das disciplinas científicas à prática de museus<sup>215</sup>. Stránský prefere o conceito de *Museologia concreta*, parte da que trata de casos concretos. E o fato de se usarem conhecimentos de outras disciplinas no universo da Museologia [cultura museológica, segundo o autor] não significa estar sendo criada uma especialidade dentro da Museologia<sup>216</sup>. A observação da musealização da realidade não se opera apenas no âmbito de uma disciplina aplicada, o que não desmerece essa importância disciplinar, cujos conhecimentos constituem base “para desenvolver seu próprio processo cognitivo e primeiramente o processo da avaliação”.<sup>217</sup>

O autor posiciona a Museologia como subsistema a se integrar ao sistema científico.<sup>218</sup>

### **Alteração do objeto?**

Nada nos permite afirmar cabalmente que, para Stránský, o objeto da Museologia é a relação entre Homem e realidade. Nossa incerteza deve-se a não

<sup>212</sup> Ibidem, op. cit., p. 117-118. Do ponto de vista da filosofia, os referenciais da Museologia são: gnoseologia, axiologia, ontologia, noética e ética. Deloche aponta o desenvolvimento paralelo à Museologia das disciplinas da ciência da informação e da comunicação. (DELOCHE, 2001, p. 125.)

<sup>213</sup> Ciência, do final do século XX, da proteção sistemática da biosfera contra os efeitos destrutivos sobre si pela antroposfera. (“Sozology is defined as the science of the systematic protection of the biosphere from the desctrutive effects on it from the anthroposphere”.) [www.bu.edu/wcp/Papers/Envi/EnviDole.htm](http://www.bu.edu/wcp/Papers/Envi/EnviDole.htm)

<sup>214</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>215</sup> NEUSTUPNÝ, apud STRÁNSKÝ. Op. cit., p. 118.

<sup>216</sup> Ibidem, loc. cit. Pela fonte citada do autor, o argumento consta de publicações suas em 1968 e 1969.

<sup>217</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>218</sup> Idem, La théorie des systèmes et la muséologie. **Museological Working Papers - MuWoP / Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM.** Op. Cit. p. 75.

termos tido, a despeito de nossa vontade, acesso a qualquer documento em que Stránský expresse direta e claramente esse objeto. Apenas pudemos ler sobre ele e sua atribuição em referências indiretas. No entanto, vimos em capítulo anterior, que na contribuição de Gregorová de 1980, ao ICOFOM, *MuWoP* de no. 1, lemos a imputação a Stránský de ser o objeto da Museologia *a relação específica do homem com a realidade*<sup>219</sup>. Também ela é citada na qualidade de “cinzeladora” da nova abordagem da Museologia proposta por Stránský, por Davallon e Desvallées, na Terminologia Museológica<sup>220</sup>. Esses mesmos autores, na mesma obra, transcrevem a definição de Stránský, contida em obra sua de 1980 [não identificada na bibliografia publicada em DOLÁK]:

Museologia é uma disciplina científica diferenciada e independente, cujo objeto é a relação específica entre o Homem e a realidade, expressa objetivamente em várias formas de museus através da história, sendo uma expressão e uma parcela proporcional dos sistemas da memória. Museologia tem a natureza de uma ciência social, pertence à esfera das disciplinas da memória-documentação e contribui especificamente para a compreensão da sociedade humana.<sup>221</sup>

Citando Stránský, Klaus Schreiner nos oferece outra definição dele para o objeto: a *musealidade*, um valor documentário específico dos objetos concretos e perceptíveis da natureza e da sociedade, o valor da evidência autêntica da realidade.<sup>222</sup>

Mas vale considerar mais de perto como se nos dá a configuração do objeto em Stránský, na sua obra de síntese de 2005. Nela faz constar uma ligeira, mas significativa, oposição ao núcleo do objeto definido em um momento qualquer entre 1965 e 1980.

É importante perceber que se trata de *alguma relação de valores com a realidade*, quer dizer que não é importante o conhecimento em si desta realidade, mas trata-se da identificação de tais entidades, que representam os valores culturais, quais seleções, conservação e utilização influenciam o próprio desenvolvimento da cultura.<sup>223</sup>

<sup>219</sup> E que “o museu é uma instituição que aplica e realiza *a relação específica homem- realidade*”. GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM, Estocolmo, n.1, p. 20-21, 1980.

<sup>220</sup> DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**: projecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. [s.l.] \_\_\_\_\_, maio 2000, p. 6.

<sup>221</sup> Ibid., In Op. Cit., p. 5 (Tradução nossa). Em francês, no original.

<sup>222</sup> Referente a publicação de 1974 de Stránský. Não identificada

<sup>223</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 113 [Grifo nosso].



Ou ainda:

[...] podemos **concluir** que no centro da intenção cognitiva da Museologia [o seu objeto] encontra-se o *processo de musealização da realidade*. Este processo é motivado pelo valor de musealidade, de caráter cultural e memorial. Este valor tem importância de criador da cultura e importância de continuidade para a cultura em geral. Importa, ainda, para a consciência cultural e o conhecimento dos indivíduos e também para toda a sociedade e seus representantes participarem na formação da cultura material. É de igual importância que o valor destes representantes está conectado com seu acordo ôntico com o fenômeno, que está representando. Deste acordo depende também seu valor para a memória e assim também sua importância e alcance para a replicação (sic) (reprodução?)<sup>224</sup> (grifo nosso)

E mais: “Prestei atenção à história do fenômeno dos museus e cheguei à conclusão que o nascimento do fenômeno sempre é motivado pela *relação de valores entre Homem e realidade*”.<sup>225</sup> Desta sua compreensão depreendeu o conceito de musealidade, um *valor da cultura e da memória*. E pela musealidade se selecionam os representantes desses valores, conservando-os e integrando-os ao objeto de estudo.

Veja-se também: “Esta metodologia [da Museologia] é condicionada pelo caráter do campo cognitivo. A explicação científica da *relação museológica com a realidade* demanda conhecimento da motivação desta relação”.<sup>226</sup>

E objetivamente:

O campo cognitivo da Museologia está definido, assim, conforme minha opinião, pela *musealização da realidade*. Quer dizer, pelo que determina que alguma coisa tem e outra não tem valor para com o Homem e a sociedade, aquele dito *valor museológico*, quer dizer *valor de cultura e de memória*. Somente com este ponto de vista podemos avaliar os instrumentos com os quais pode ser realizado o conhecimento de maneira mais efetiva. E o instrumento mais importante hoje em dia, no decorrer do desenvolvimento deste fenômeno, sem dúvida alguma, é o museu.<sup>227</sup>

Interessante notar que, para ele, a Museologia “faz parte da formação das realidades culturais, quer dizer a realidade”, a qual é também seu objeto. “A musealização [termo objetual recém incluído aqui] transforma a realidade em

<sup>224</sup>BLACKMORE / OVÁ e NOSEK apud STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005, p. 113.

<sup>225</sup>STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 111. [Grifo do autor].

<sup>226</sup>Ibidem, p. 113[Grifo nosso].

<sup>227</sup>Ibid., In Op. Cit. p. 111. [Grifo do autor].

*metarealidade cultural*”.<sup>228</sup> Se estivermos corretos, essas afirmações redundariam em dizer que a Museologia constrói seu objeto e paralelamente o estuda. Estuda a si mesma? Cria, e estuda o seu objeto? Por outro lado, ao analisar um objeto, pela posição da musealização, aqui, que transforma a realidade em outra realidade, a metarealidade, estaríamos estudando a realidade ou a metarealidade? E a relação entre o homem e a realidade que seria o objeto? Para o que estaríamos olhando: para uma relação do homem com a realidade ou do ente *musealizador* com a metarealidade? E, como abordaremos mais adiante, que ciência poderia haver se ela não guarda relação de objetividade com seu objeto, conforme a análise de Bernard Deloche? “[...] la muséologie [...] ne cesse d’intervenir sur lui [o seu objeto] pour le modifier, car le musée est toujours à construire et à transformer”.<sup>229</sup> “[...] les modèles serviront à dire ce que *doit être* le musée e non pas à expliquer ce qu’il est”.<sup>230</sup> Deloche patenteia o abalroamento<sup>231</sup> com o objeto que também ele está tentando ultrapassar, em proveito de outro: o *museu*. Leia-se em Deloche, ainda: ...O *museu* persiste no universo de referência...

“A definição da musealidade como campo da Museologia”, “musealização, que é o campo próprio da Museologia. Este pensamento da Museologia com [sobre?] a realidade”, “musealização da realidade, que é o objeto da intenção cognitiva da disciplina”<sup>232</sup>. Nestas frases, considerada a terminologia, temos os objetos musealidade e musealização. Sendo a musealidade diferente de musealização, que nos permitem dizer a especificação terminológica [vide anexo - Glossário] e a copresença desses termos na disciplina Musealidade, musealização, musealium [da museália?], do 2º. Turno (Criação de acervos e coleções em museus), da International Summer School of Museology (Escola Internacional de Verão de Museologia),

<sup>228</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>229</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 129. (Grifo nosso). “[...] a museologia [...] não para de intervir sobre ele [o seu objeto] para o modificar, pois o *museu* está sempre se construindo e se modificando.” [Grifo nosso e tradução nossa].

<sup>230</sup> Ibidem, p. 128. [Grifo nosso]. “[...] os modelos servirão para dizer o que *deve ser* o museu e não para explicar o que ele é”. [Grifo nosso e Tradução nossa].

<sup>231</sup> “Acidentem em que os veículos colidem lateral ou transversalmente, estando os mesmos trafegando pela mesma via, podendo ser no mesmo sentido ou em sentidos contrários”. No Glossário do Departamento de Trânsito do Estado do Rio de Janeiro. [http://www.detran.rs.gov.br/estatisticas/Anuario2005PDF/8\\_GLOSSARIO.pdf.em 13/03/2008](http://www.detran.rs.gov.br/estatisticas/Anuario2005PDF/8_GLOSSARIO.pdf.em%2013/03/2008). O recurso a esta ordem vocabular, aqui, decorre da expressão metafórica de Deloche, do automóvel, visando criar uma imagem para o papel da Museologia. É necessário um carro, se ter carteira de habilitação, saber-se aonde vai. Não é o conhecimento geográfico ou do mecânico do carro que decidirão sobre o destino da viagem, mas é bom se ter noções para a eventualidade de problemas no deslocamento. Assim, a Museologia seria a vontade do motorista; o museal, a viagem; os *valores*, o local de destino; a ciência documentária, a geografia, a museografia os conhecimentos práticos do mecânico, p. 144-144.

<sup>232</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 117 e 118.

UNESCO, do programa vigente de 1986-1996<sup>233</sup>, ou bem o objeto seria o estudo da musealidade ou o da musealização, porque esta é “um *processo de adquirir musealidade*”.<sup>234</sup> Dá-nos a sensação de instabilidade sobre a precisão do campo, ou melhor, se considera um campo tal que os objetos identificados não o especificam. E mais, musealização seria então, ela mesma a relação entre o homem e o objeto? Adquirida a musealidade, este valor representante da relação primeira, ambas não seriam objetos metareais? E, insistimos, subjazendo aspectos relacionais com um ente *musealizador*? Não se trataria apenas da instabilidade de objetivação para o campo, mas também da fugidia determinação do plano, físico-fenomenológico / metafísico-axiológico? Objeto ou objeto do objeto?

Espécie de clímax, ou anticlímax, figura-se o objeto estabelecido como musealização da realidade. A relação de valores prenunciava o deslocamento para a axiologia, para como os valores são atribuídos e instrumentalizados, sobretudo através do museu: *expressão de valor no museu*, grosso modo seria de fato o objeto? Parece-nos que a resposta é afirmativa. E nossa conclusão se apóia em aspectos posteriores, como a constância dos termos ligados a valor e a enunciação reiterada da própria axiologia. Note-se se tratar do valor *reconhecido* pelo museólogo e não necessariamente aquele *atribuído* pelo indivíduo (ôntico) ou sociedade. Tão pouco se presencia o mérito do valor símbolo e/ou material e muito menos a consideração desse valor em sentido metafísico, ontológico.

Poderá se argüir sobre a instabilidade ou sobre a capacidade de articulação dos termos componentes de um objeto definido, ou dos diversos enunciados de definição de objeto. Imprecisão ou desejo de fazer caber tudo, tentativa de resposta a dar conta do fenomenal, *salvar as aparências*?<sup>235</sup>

Mas, ainda que residualmente, não afetaria atomicamente a composição do todo, sobretudo quando se fala em sistema, próprio e de inserção? Permanecem as relações expressas por metodologia, terminologia e sistema em si?

<sup>233</sup> DOLÁK, Jan ; VAVRIKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z.Z. Stránský: zivot a dilo**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005, p. 45.

<sup>234</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p.112.

<sup>235</sup> RUSSEL, Bertrand. **História do pensamento ocidental: a aventura das idéias – dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. P. 108. Ao considerar Sócrates, apresenta e comenta a noção de que a explicação deve poder ser apreciável conforme os fatos.

### Um objeto para uma Ciência?

Aqui a reflexão de Bernard Deloche <sup>236</sup> passará a ser intensamente requerida.

Recordemo-nos que, quanto à composição lógica da Museologia, Stránský a analisa mediante os critérios de reconhecimento da ciência: seu domínio cognitivo (objeto), metodologia, terminologia e sistema.

Quando Deloche começa a analisar a questão do estatuto da Museologia pelo prisma da filosofia, ele recorre livremente às orientações de Deleuze e Guattari em *Qu'est-ce que La philosophie?* "Pour élaborer son ouvrage, le philosophe détermine précisément des champs générateurs de problèmes auxquels répondront des concepts".<sup>237</sup> Traduzem-se por três operações complementares: 1- definir campos, 2- formular problemas e 3- elaborar conceitos de solução. Livremente, também, aproximamos essa tríade metodológica dos critérios de Stránský, sendo que três deles podem, assim, ser superpostos, como veremos a seguir.

1. Definir campos de especificidade – inquirindo-nos sobre a possibilidade de se definir um campo museal, projetamos um rebatimento, facilmente perceptível, ao critério do campo cognitivo, do objeto em si, também o primeiro tópico em Stránský.
2. Formular problemas – o campo gera o problema dos valores comprometidos, sendo que alguém posto em outro campo não colocará o mesmo problema. Há um campo museal: qual tipo de problemas ele irá determinar? Stránský, sob o critério da Metodologia, reflete a respeito dos valores também, associados, no seu caso, à musealidade. Explicitamente, o aspecto axiológico consta nos procedimentos de observação de ambos os autores.
3. Elaborar conceitos como soluções a problemas – há um conceito de museu?<sup>238</sup> [e se continua a escolher o museu como referência exemplar] Se a resposta for afirmativa, a qual problema ele responde e dentro de qual campo? Propomos aproximar esta operação ao critério, em Stránský, da terminologia, encarada enquanto conceituação, pensamento do conceito, gênese, estabelecimento, histórico de ocorrência e uso, relacionamento entre um conceito e outro(s) afim(ns) ou interagente(s) ou tangente(s).<sup>239</sup>

<sup>236</sup> DELOCHE, Bernard, **Le musée virtuel**. Op. Cit.

<sup>237</sup> "Para realizar seu trabalho, o filósofo determina, com precisão, os campos geradores de problemas, aos quais responderão conceitos". DELEUZE; GUATARI, p. 21, apud DELOCHE, Bernard, **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 119. (Tradução nossa).

<sup>238</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 120.

<sup>239</sup> Ibidem, p, 119-120.

No olhar direto, Deloche oferece, ele também, critérios identificadores das ciências humanas, igualmente em número de três: método de modelização, fecundidade (dimensão gnoseológica, segundo Stránský) e a objetividade.<sup>240</sup> Trata-se, neste ponto, de uma reproposição de Deloche dos critérios àqueles propostos por Stránský (e cita também Klaus Schreiner, no que pode ser visto no capítulo anterior).<sup>241</sup>

a) Modelização - A Museologia não enuncia nenhuma lei, não há leis (mesmo que estatísticas) sobre o nascimento, desenvolvimento e a degenerescência dos museus.<sup>242</sup> “[...] il n’y ait pas aujourd’hui de modèle qui puisse servir à expliquer la relation muséale de l’homme avec la réalité”.<sup>243</sup> Conclui que se esses modelos não existem é porque a Museologia é a teorização de uma instituição.<sup>244</sup> Para ele, a Museologia modeliza, sim, porém de modo ilustrativo ou normativo, e não explicativo, transcrevemos novamente: “[...] les modèles serviront à dire ce que *doit être* le musée e non pas à expliquer ce qu’il est”.<sup>245</sup> Note-se a ênfase sobre o *dever ser* e o *ser*. E repetimos a anotação de que o *dever ser* e o *ser* são relativos a *museu* e não a outro objeto.

b) fecundidade (dimensão gnoseológica) - Como metadisciplina, a Museologia não gera e não libera nenhum conteúdo de conhecimento, é apenas uma reflexão sobre uma maneira de produção de conhecimento. Como epistemologia, trata dos fundamentos da ciência, não sendo uma ciência no segundo grau, ela não é uma ciência da ciência.

c) objetividade - A Museologia não é objetiva, pois não observa o seu “[...] objet dans sa phénoménalité à partir d’un dispositif expérimental réfléchi -, au contraire elle ne cesse d’intervenir sur lui pour le modifier”.<sup>246</sup> “[...] le *musée* n’est pas pour la

<sup>240</sup> DELOCHE, Bernard, **Le musée virtuel**. Op. Cit., p. 126.

<sup>241</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>242</sup> Ibidem, p. 127.

<sup>243</sup> Ibidem, p. 128. “[...] não há modelo hoje que possa servir para explicar a relação museal do homem com a realidade” [Tradução nossa].

<sup>244</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>245</sup> DELOCHE, Bernard, **Le musée virtuel**. Op. Cit., p. 128 [Grifo do autor].

<sup>246</sup> Ibidem, p. 129. “objeto na sua fenomenalidade a partir de um dispositivo experimental reflexivo - ao contrário, não pára de intervir sobre ele para o modificar” [Tradução nossa].

muséologie um phénomène a comprendre ou à expliquer, mais une *institution* ou em ensemble d'*outils* à définir et à corriger".<sup>247 248</sup>

Se a Museologia não preenche esses três requisitos, talvez esteja na fase pré-científica, conforme pensa Stránský.<sup>249</sup>

Deloche vê que a ciência da informação e a comunicação, por exemplo, elaboram modelos da relação museal homem – realidade. Mas não vê qual conteúdo a Museologia poderia trazer sobre essa relação, "[...] car ce n'est pas elle qui nous permettra pas de mieux connaître la réalité naturelle ou culturelle".<sup>250</sup> A questão constante seria de ordem axiológica: "[...] l'institution du musée réalise-t-elle convenablement la spécificité de la relation muséale de l'homme avec la réalité?"<sup>251</sup>

Objeto definido, metodologia, terminologia e sistema, à exceção do primeiro, os demais critérios de consideração à cientificidade, em Stránský, podem ser relacionados com o meio, a comunicação científica e o relacionamento no ambiente científico, exteriores ou suplementares ao cerne da ciência em si: não se define ou se estabelece o conhecer, mas como processar, demonstrar e legitimar o já conhecido. Em termos de anterioridade, metafísica, o objeto de estudo definido e a necessária inferência do ser (ontológica) atendem à premissa gnoseológica da relação do ser [o homem] com o objeto [metacientífico], enquanto que a posterioridade, do físico [*physis*], o objeto [considerado] na relação com o homem observador, preenchem procedimentos de natureza outra, da experiência do ser [ôntica] e científica [no caso que tratamos, podendo ser outras, como existencial, por exemplo]

<sup>247</sup> Ibidem, p. 129-130. "O museu para a Museologia não é um fenômeno a se compreender ou a se explicar, mas uma instituição ou um conjunto de instrumentos a se definir e a corrigir".

<sup>248</sup> Aponte-se o fato de o texto referir-se ainda a museu, a instituição e a ferramentas, possivelmente para exercício das suas funções. Sob este ponto de vista de Deloche, a análise feita sobre a presença do termo museu no capítulo 5 de Stránský, 2005, bem como a constância de referências a museu e suas funções e especialidades, história, etc. nos cursos, através das respectivas disciplinas, concebidos por Stránský: tudo isso serviria de reforço para a argumentação da prevalência desse objeto e o papel que ocupa na discussão geral [Grifo nosso].

<sup>249</sup> DELOCHE, Bernard, **Le musée virtuel**. Op. Cit., p. 130. STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 74. Níveis do processo de conhecimento. No inicial, é geralmente empírico-descritivo; no 2º, é teórico-sistemático e no 3º, é uma unidade harmoniosa de fatores qualitativos e quantitativos. Quanto ao tempo, o 1º, é o mais longo. Concebe a Museologia como estando no 1º. estágio, com exceções de incursões no 2º. Mas ela não existe apenas para elaborar conhecimentos metódicos e técnicos. Pela tese filosófico-metodológica, "todo saber, por ser adequado a seu objeto e revelar sua substância real, deve ser bem desenvolvido no plano teórico e sistematizado sob a forma de uma teoria". STRÁNSKÝ, Zbynek Z. La théorie des systèmes et la muséologie. **Museological Working Papers - MuWoP / Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM**, Estocolmo, n. 2, p. 74, 1981.

<sup>250</sup> "[...], pois não é ele que nos permitirá melhor conhecer a realidade natural e cultural". DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Op. Cit., p. 130.

<sup>251</sup> Ibidem, p. 130. "[...] a instituição museu realizaria convenientemente a especificidade da relação museal do homem com a realidade?" [Tradução nossa].

Na busca de aproximação ou de equivalências, não percebemos superposição do critério *sistema*, em Stránský, nas operações a que recorre Deloche. Mais adiante em sua formulação, Deloche conclui sobre o duplo caráter da Museologia pelos prismas dos seus *princípios* e dos seus *meios*. Para ele, o campo da Museologia é o *museal* (em vez da musealidade stranskyana) e os objetivos seriam os *valores*. Quanto aos meios, Deloche nos apresenta a *ciência da documentação visual* e a *museografia*. O binômio museal – ciência da documentação visual e o outro par sendo integrado por valores – museografia resultam, respectivamente, na *teoria* e *prática*.<sup>252</sup> Exercitamos o raciocínio partindo da assunção da possibilidade de se encarar como sistema da Museologia os elementos *ciência da documentação visual* (teoria) e *museografia* (prática). Reapresentando, o sistema em Stránský é formado pelos níveis diacrônico / Museologia histórica, sincrônico / Museologia contemporânea, teórico / Museologia teórica e aplicado/ museografia. Saltam aos olhos as repetições de teoria e prática (aplicação) em ambos os sistemas, e Deloche não se ocupa dos aspectos histórico-científicos e posicionais. Mas distinguem-se os autores pelo teor teórico que para um é a teoria da Museologia e para outro seria a ciência da documentação visual (isto porque Deloche, não concebendo a Museologia enquanto ciência, mas ramo filosófico, deixa à documentação cumprir o papel científico).

Tenha-se em conta, ainda, que modelização, fecundidade e objetividade, ou a explicação, produção e independência, tudo em relação ao objeto, podem ser encaradas como resultados do processo de produção de conhecimento, isto é, do conhecimento já produzido, no âmbito da teoria.

### **A presença do VALOR**

Chamou-nos a atenção a marcada constância do termo **valor** e correlatos (avaliar, por exemplo), de seu conceito (axiologia) e a maneira associativa pela qual se nos manifesta.

[...] o nascimento do fenômeno [museu] sempre é motivado pela relação de *valores* entre Homem e realidade. Esta relação motivou a seleção de representantes autênticos destes *valores* e a requisição

<sup>252</sup> DELOCHE, Bernard. *Le musée virtuel*. Op. Cit., p. 138-144. Esses dados conclusivos derivaram da base afirmada pelo autor de o museal, isto é, o objeto da Museologia ter caráter dual, patrimonial e documentação visual (do que decorreria a separação/proteção e o conhecimento/mostra), conforme apresentado às páginas 122 e 123.

de sua conservação, mas também sua apresentação na intenção desta cognição na missão de criadora de cultura.<sup>253</sup>

“Assim cheguei à definição do termo *musealidade*, popularmente entendido como um *valor* da cultura e memória”.<sup>254</sup> E, “conforme minha opinião”

O campo cognitivo da Museologia está definido [...] pela musealização da realidade. Quer dizer, pelo que determina que alguma coisa tem e outra não tem *valor* para com o Homem e a sociedade, aquele dito *valor* museológico, quer dizer *valor* de cultura e memória. Somente com este ponto de vista podemos *avaliar* os instrumentos com os quais pode ser realizado o conhecimento da maneira mais efetiva.<sup>255</sup>

Em suma, para Stránský, em 2005, a motivação do museu é a relação de *valores* entre o homem e a realidade, e esta relação, por seu turno, motiva a seleção de seus representantes. Esses representantes contêm a musealidade, um *valor* da cultura e da memória. Donde a musealização da realidade, a determinação de um valor, e que o instrumento mais importante nesse processo é o museu.

Chamamos atenção para o substantivo *valor* ligado ao clássico objeto da Museologia em Stránský: a relação entre o homem e a realidade. Trata-se agora de uma avaliação *sobre* a relação homem-realidade e não a relação em si ou qualquer ocorrência dessa relação. Ocorre também em *valor* dos representantes, cabendo o mesmo reparo a respeito de não se tratar de qualquer representante, mais um julgado representante. Em musealidade temos ainda ser ela um *valor* da cultura e da memória. E, por fim, a musealização é a culminação do percurso valorativo, pelo qual o que tem *valor* para o homem e a sociedade, e sublinhe-se *homem*, isto é, o valor museológico ou da cultura e memória se patenteia através de um fenômeno, como, sobretudo, o museu.

<sup>253</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 111 [Grifo nosso]. Observe-se a presença da *autenticidade*.

<sup>254</sup> Ibidem, loc. cit. [Grifo do autor].

<sup>255</sup> Ibidem, loc. cit. Ocupado com a terminologia, um dos critérios de apreciação da cientificidade, Stránský sente a necessidade de esclarecer os conceitos através de termos específicos a cada situação enunciada. Assim, a expressão *de museus* ou a palavra *museístico* [muzejní] refere-se aos assuntos do fenômeno museu e o que o circunda e *museal* identifica “[...] aquela relação de avaliação particular da realidade. [...] dentro de um museu é museal só o que representa os valores museais: que são os objetos de coleções. Ao contrário, a vitrine de museus é um instrumento para apresentação de algo museal, mas ela própria é equipamento de museus. [...] seus conteúdos se entrelaçam de forma que, do ponto de vista geral dos valores, o termo museal ultrapassa o termo ‘de museus’, mas do ponto de vista do fenômeno de museus em geral, a parte museal é só uma parte dele. O problema é com a palavra que podia cobrir estes dois lados”. STRÁNSKÝ, op. cit., p. 111-112.



Stránský sempre assinalou o papel da axiologia para a Museologia.<sup>256</sup> No entanto, na obra analisada de 2005, a alteração de perspectiva do objeto, seja qual for a acepção escolhida, se dá pela presença do *valor* em sua definição.

Tratando de *valores* com relação à realidade, não importa o conhecimento da realidade em si, mas se estudar a identidade da representação (os representantes) de valores culturais,<sup>257</sup> a musealidade. Já a musealização enquanto processo é motivado pelo valor de musealidade, constantes naqueles representantes cujo valor “é conectado com seu acordo ôntico<sup>258</sup> com o fenômeno, que está representando”.<sup>259</sup> “[...] o nascimento do fenômeno [do museu] sempre é motivado pela *relação de valores entre Homem e realidade*”.<sup>260</sup> Em outras palavras do autor, a “[...] *musealização da realidade*. Quer dizer, pelo que determina que alguma coisa tem e outra não tem valor para com o Homem e a sociedade, aquele dito *valor museológico*, quer dizer *valor de cultura e de memória*. Somente com este ponto de vista podemos avaliar os instrumentos com os quais pode ser realizado o conhecimento de maneira mais efetiva”.<sup>261</sup>

Na metodologia da Museologia, conforme compreendida por Stránský, o *valor* também domina o texto, ali destacado e, neste âmbito, fundamental.

<sup>256</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>257</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. *Archeologie a muzeologie*. Op. Cit., p. 114.

<sup>258</sup> “O filósofo alemão Heidegger propõe distinguir duas palavras: **ôntico** e **ontológico**. Ôntico se refere à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face de outros entes, suas relações com outros entes. Ontológico se refere ao estudo filosófico dos entes, à investigação dos conceitos que nos permitam conhecer e determinar pelo pensamento em que consistem as modalidades ônticas, quais os métodos adequados para o estudo de cada uma delas, quais as categorias que se aplicam a cada uma delas. Em resumo: ôntico diz respeito aos entes em sua existência própria; ontológico diz respeito aos entes tomados como objetos de conhecimento. Como existem diferentes esferas ou regiões ônticas, existirão ontologias regionais que se ocupam com cada uma delas. Em nossa experiência cotidiana, distinguimos espontaneamente cinco grandes estruturas ônticas: **1.** os entes materiais naturais que chamamos de **coisas reais** (frutas, árvores, pedras, rios, estrelas, areia, o Sol, a Lua, metais, etc.); **2.** os entes materiais artificiais a que também chamamos de **coisas reais** (nossa casa, mesas, cadeiras, automóveis, telefone, computador, lâmpadas, chuveiro, roupas, calçados, pratos, talheres, etc.); **3.** os entes ideais, isto é, aqueles que não são coisas materiais, mas idéias gerais, concebidas pelo pensamento lógico, matemático, científico, filosófico e aos quais damos o nome de idealidades (igualdade, diferença, número, raiz quadrada, círculo, conjunto, classe, função, variável, freqüência, animal, vegetal, mineral, físico, psíquico, matéria, energia, etc.); **4.** os entes que podem ser valorizados positiva ou negativamente e aos quais damos o nome de **valores** (beleza, feiúra, vício, virtude, raro, comum, bom, mau, justo, injusto, difícil, fácil, possível, impossível, verdadeiro, falso, desejável, indesejável, etc.); **5.** os entes que pertencem a uma realidade diferente daquela a que pertencem as coisas, as idealidades e os valores e aos quais damos o nome de **metafísicos** (a divindade ou o absoluto; a identidade e a alteridade; o mundo como unidade, a relação e diferenciação de todos os entes ou de todas as estruturas ônticas, etc.)”. CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia 30.htm*. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <[HTTP://br.geocities.com/ncrost02/convite a filosofia 30.htm](http://br.geocities.com/ncrost02/convite_a_filosofia_30.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2008. (Grifo do autor).

<sup>259</sup> STRÁNSKÝ, op. cit., p.113.

<sup>260</sup> Ibidem, p. 111 [Grifo do autor].

<sup>261</sup> Ibidem, loc. cit. [Grifo do autor].

A relação museológica com a realidade requer conhecer a sua motivação e

Esta relação está delimitada pelo caráter da realidade musealizada e pela importância de seus *valores*. Disso concluímos que a Museologia tem que se basear no conhecimento da importância para a cultura e a memória daquela realidade que está sendo observada.<sup>262</sup>

Por força de argumentação repetimos que, na visão de Stránský, o trabalho do museólogo pode se contrapor aos *valores* populares<sup>263</sup>, e implica ser trabalho relativo aos *valores da musealidade*.<sup>264</sup>

A axiologia “[...] condiciona a diferenciação da metodologia museológica”.<sup>265</sup> Considere-se então, o decisivo papel desempenhado pela axiologia, sobre a qual repousa toda a construção musealidade – musealização e, por ser critério, a natureza científico-metodológica da *Museologia*. Repetimos a pergunta: a axiologia não é ramo da filosofia? Os sistemas de valor podem se transformar em objeto científico?

E finalizamos, enfatizando:

É importante perceber que [...] se trata de alguma relação de *valores* com a realidade, quer dizer que *não é importante o conhecimento em si* desta realidade, *mas trata-se da identificação de tais entidades, que representam os valores* culturais, quais as seleções, conservação e utilização influenciam o próprio desenvolvimento da cultura.<sup>266</sup>

O Objeto não é a coisa em si, mas a representação do valor.

Por outra linha de raciocínio, propomos nos deter sobre o aspecto ontológico, do ser.

A musealização enquanto processo é motivada pelo *valor* de musealidade, constante naqueles representantes cujo valor “é conectado com seu acordo ôntico<sup>267</sup> com o fenômeno, que está representando”.<sup>268</sup> [...] “o nascimento do fenômeno [do museu] sempre é motivado pela *relação de valores entre Homem e realidade*”.<sup>269</sup>

<sup>262</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. *Archeologie a muzeologie*. Op. Cit., p. 113.

<sup>263</sup> Ibidem, p. 113-114. Sobre o aspecto contraditório, ver nota 196.

<sup>264</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>265</sup> Ibidem, p. 114.

<sup>266</sup> Ibidem, p. 113 [Grifo nosso].

<sup>267</sup> A esse respeito, ver nota 254.

<sup>268</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>269</sup> Ibidem, p. 111 [Grifo do autor].

Trazemos novamente à consideração o fato, para Stránský, de que a musealização transforma a realidade em metarealidade cultural.<sup>270</sup> Esse objeto pré-existente e a existir transformado, se caracterizaria como objeto observado mas orientado para ser alterado pelo observador-cientista. Em uma primeira circunstância, o objeto se afigura na consideração ôntica, da experiência própria dos entes. Na segunda, o objeto *metarealizado* desloca e supõe um sujeito observador e [re]criador do objeto, não mais de dimensão ôntica por não ser da experiência ôntica, mas de um metasujeito demiurgo de realidades.

Repetimos a pergunta que nos fizéramos: a Museologia estudaria a si mesma? E se assim o fizesse, estudaria um objeto que seria objeto de sua criação? Estudaria a realidade ou a metarealidade? Como ficaria a relação gnoseológica a se explicitar, de qual pressuposto sujeito e de qual pressuposto objeto se estaria tratando? Estaria focalizando a relação do homem com a realidade ou do ente *muzealizador*, o demiurgo, com a metarealidade que criaria? E, enfeixando a argumentação, e a sintetizando, retransmitimos as considerações de Deloche: “[...] la muséologie [...] ne cesse d’intervenir sur lui [seu objeto] pour le modifier, car le *musée* est toujours à construire et à transformer”.<sup>271</sup> “[...] les modèles serviront à dire ce que *doit être* le musée e non pas à expliquer ce qu’il est”.<sup>272</sup>

Stránský, por vezes, parece equiparar o conceito de cultura de museus à condição de sinônimo de Museologia, como quando afirma que “Os problemas terminológicos da cultura de museus, quer dizer da Museologia [...]”.<sup>273</sup> E nisso já se contém a manifestação da própria instabilidade terminológica.

As inquietações do autor checo abrangem desde aspectos relativos à necessidade de produção de conhecimento como tal, autônomo, como a sua justificação pragmática, e como modo de qualificar o trabalho em museu. Porque o museu é o palco da musealização, o lócus da metarealidade, consideração do representante do valor relacional homem-realidade, objeto museológico. Julga importante resgatar a ciência dos museus, no escopo da cultura de museus.<sup>274</sup> E a

<sup>270</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>271</sup> DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris : Presses Universitaires de France, 2001, p. 129. (Grifo nosso).

<sup>272</sup> STRÁNSKÝ, op. cit., p. 128 [Grifo do autor].

<sup>273</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>274</sup> De novo, um termo valendo por outro, a Museologia. Ibidem, p. 108.

cientificidade, se não afastaria, pelo menos se contrabalançaria aos amadores e semiprofissionais na gerência dos museus ou em seu trabalho, carentes de qualificação.<sup>275</sup> E apresenta a advertência:

Se algumas pessoas que trabalham em museus não entenderam ainda ou não podem entender e ficam pensando que podem continuar a cultivar em museus “*somente o seu*” [museu?] ou que museu e galeria somente devem ver o lado dos altos números [índices?] de visitantes conectados com a receita e assim mostrar sua auto-sustentabilidade econômica, isso significa, que é mais importante gerenciar efetivamente a instituição do que manter o nível científico, isso é assunto deles, mas também responsabilidade deles.<sup>276</sup>

Dentre os eventuais paradoxos que se possa indiciar encontramos o do caráter excludente ou antinômico da iniciativa popular em Museologia. Porém, se uma “Museologia popular” não puder ser pressuposta na fundamentação museológica, como então se poderá conceber a nova Museologia? Seria a nova Museologia apenas uma nova forma unívoca de relacionamento museal, no interior de uma comunidade restrita e apenas existente e expressiva para essa mesma comunidade?

A Museologia primeiramente tem que tomar iniciativa, sem pensar se alguém vai gostar ou não. Se ficar na sua esfera museu-técnica e institucional tradicional, poderá acontecer que os museus irão perder seu direito de existência. Também pode acontecer que a ausência de Museologia científica dará origem a várias “*Museologias populares*”<sup>277</sup>

Seguindo o teor da expressão anteriormente transcrita, poderíamos vir a refletir se a nova Museologia incorpora ou considera as “Museologias populares”. Em caso afirmativo, logo, ela não seria científica, nos termos oponentes e excludentes de Stránský. Todavia, em momento posterior de sua obra, o museólogo de Brno expõe sobre o divórcio entre o cientista e a ordem dos valores populares, a exemplo de tomadas de decisão em circunstâncias de arbítrio de poder totalitário.

O museólogo tem que conhecer bem estes valores culturais e tem que preferir e favorecer com plena consciência e responsabilidade certos valores que ele acha que refletem os interesses do homem e também de toda a sociedade, não somente para conservar seus representantes, mas também para utilizar estes representantes de modo pleno, em nome do desenvolvimento da cultura e fortalecimento da consciência cultural da sociedade. Este tipo de

<sup>275</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 108.

<sup>276</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>277</sup> MAYRAND apud STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p. 108.

trabalho pode estar em vários casos em contradição com os valores populares, como foi particularmente nas épocas de regimes totalitários.<sup>278</sup>

Pode ficar parecendo que o trabalho de musealização, baseado na análise científica dos valores, deveria considerar igualmente os ditos valores populares, enquanto axiologia. Mas pensados fora do universo dos agentes populares. Se esses agentes por eles próprios estabelecessem suas musealizações, isto é, na escolha dos seus próprios representantes culturais, exerceriam, na qualidade de *sujeito*, uma Museologia popular, mas não científica. Por oposição, a Museologia científica seria a que metodologicamente analisasse os valores de representação, inclusive dos valores populares, como *objeto*.

Novo jogo ôntico e gnoseológico: quem é sujeito e quem é objeto. Quem é o homem e qual a realidade? Trata-se de um homem, cientista, que estuda o outro, estudado, popular, inconsciente da sua experiência ôntica, e assim tornado objeto? Ou trata-se do sujeito *popular* cômico de seus valores, submetidos como objetos? Para qualquer uma das questões, Deloche, também angulando pela musealização, não vê qual conteúdo a Museologia poderia trazer sobre a relação homem-realidade, “[...] car ce n’est pas elle qui nous permettra pas de mieux connaître la réalité naturelle ou culturelle”.<sup>279</sup> A questão constante é de ordem axiológica: “[...] l’institution du musée réalise-t-elle convenablement la spécificité de la relation muséale de l’homme avec la réalité?”<sup>280</sup>

### **Perguntar-se. PENSAR E/OU CONHECER?**

Sobre o que se pensar? (o que se pensa?),

Como isso se posiciona em relação ao ser? (o que é?),

Como se pensa? (qual o modo de se conhecer, ou por qual modo se conhece?),

Como se constitui o pensável (como se manifesta?) e

Como se apresenta? (como parece ser?)

<sup>278</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Op. Cit., p.107-108.

<sup>279</sup> “[...], pois não é ela que nos permitirá melhor conhecer a realidade natural e cultural”. DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Op. Cit., p. 130.

<sup>280</sup> *Ibidem*, p. 130. “[...] a instituição museu realizaria convenientemente a especificidade da relação museal do homem com a realidade?”

Qual o tipo, a ordem e a qual universo se relacionam as perguntas que são feitas? Stránský, Deloche, eu. Certamente, em conformidade com cada sistema referencial se obtêm possibilidades de respostas diferentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja pela definição epistemológica quanto gnoseológica, objeto em si, em ação ou em representação, objeto esse que é um sujeito que pensa, reflete, *a priori* enquanto ser, e que observa a subjetividade e objetividade das suas relações com a realidade, dada e construída, no e sobre o Mesmo foucaulteano ou o Outro heideggeriano, mesmo que esse Outro seja o Mesmo em termos da relação gnoseológica sujeito-objeto, em *dasein*.

Relembramos a redefinição epistêmica proposta por FOUCAULT, ressaltando o papel da consciência do inconsciente que se dá “nos confins exteriores do objeto e do sujeito” e o “questionamento recíproco” que ligam sujeito e objeto.<sup>281</sup>

Para Laraia, o objeto da Antropologia, ciência social, são “[...] todos os tipos de ação humana, que dependem de aprendizado e que estão correlacionados com o pertencimento a uma dada sociedade”.<sup>282</sup> Buscando objetivamente estudar os sistemas e estruturas sociais, os processos políticos e econômicos, as interações de grupos ou indivíduos diferentes, gerando conhecimentos passíveis de verificação ou sendo conjunto de disciplinas compartilham “um hipotético fato ou fenômeno social”, através da conduta ou ação humana.<sup>283</sup>

O objeto das Ciências Humanas, para Foucault, é o modo de ser do homem,<sup>284</sup> “o homem [...] em sua positividade (ser que vive, trabalha, fala) e o que permite a esse mesmo ser saber (ou buscar saber) o que é a vida, em que consistem a essência do trabalho e suas leis, e de que modo ele pode falar”.<sup>285</sup>

<sup>281</sup> FOUCAULT, Michel. **A palavra e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 389.

<sup>282</sup> LARAIA, Roque de Barros. Cultura brasileira, uma abordagem antropológica. **Sociedade e estado**. Brasília, v. 8, n.1/2, p. 35, jan.-dez. 1993.

<sup>283</sup> FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE/MEC. **Dicionário de ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1987, v.1, p. 184.

<sup>284</sup> FOUCAULT, op. cit., p. 362.

<sup>285</sup> *Ibidem*, p. 370.

O objeto, seja nas Ciências Sociais ou nas Humanas, é o mesmo: o homem. Em umas, a ação humana, em outras a representação e os discursos do homem. Mas os discursos não seriam atos? E atos, não seriam discursos? A visão epistêmica é que parece mutável, seja para enquadramento em taxonomias e classificações ou organizações de pensamento, sejam dentro dos próprios campos ou grupamentos científicos, onde se perspectivam facetas de um mesmo objeto.

O sujeito, enquanto cientista ou filósofo, com sua visão epistêmica ou dogmático-científica, será responsável pelo nome que se dará ao campo em que se inscreverá seu conhecimento, responsável que é pela configuração epistemológica de que empregará seu objeto. Em Foucault, exemplifica-se a cambiância do termo *representação*, indo de conteúdo visual em *As meninas*, de Velásques, à finalidade dos estudos de Psicologia, Sociologia e do Estudo de literaturas e mitos. Ou mesmo a impossibilidade do filósofo, como a relativa a sintetizar *estudo das literaturas e dos mitos* a análise de narrativas, por exemplo, considerando a ampliação do objeto *linguagens* às não verbais. São tais as questões que, como o surgimento de uma nova epistême no século XIX, na Europa, pressupõem os condicionamentos do tempo – espaço epistêmico em que se colocam ou nos quais se colocam os cientistas e filósofos, ou, ainda, como eles analisam o conhecimento tal como o percebem.

Pelo *Dicionário de ciências sociais*, essas ciências se encontram em duas tendências, uma que privilegia a mensuração, a quantificação, a estatística, e de outro lado, a valorização da interpretação, um lugar para a crônica, o ensaio.<sup>286</sup> Foucault, de certo modo, ao categorizar as ciências matemáticas e físicas pela sua epistême, estrutura e linguagem formal, o que as diferencia das demais ciências que adotam parcialmente ou têm o projeto de atingirem a formalização, poderia justificar a polarização.<sup>287</sup> Todavia, Foucault vê as Ciências Humanas escapando à polaridade, pois, por natureza, se criaram e transitariam nos interstícios das três dimensões do seu *triângulo epistemológico*, constituindo uma quarta dimensão epistêmica. Psicologia, Sociologia e Estudo de literaturas e mitos, que estudam a representação, tendo referências com a Biologia, Economia e Ciências da Linguagem, que estudam os fatos em si. Ao procederem a estudos, Psicologia, Sociologia e Estudo de literaturas e mitos fazem cortes sincrônicos no objeto (modo de ser do homem, representação) e a

<sup>286</sup> FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE/MEC. **Dicionário de ciências sociais**. Op. Cit., p. 184.

<sup>287</sup> FOUCAULT, Michel. **A palavra e as coisas**: Op. Cit., p. 364.



História delas seria independente e elas em relação à História. Mas na interpenetração de Psicanálise e Etnologia é que as Ciências Humanas, desde a publicação de *Tótem e tabu*, constituem-se um campo comum, um discurso transitando entre ambas, “a articulação da história dos indivíduos com o inconsciente das culturas e da historicidade destas com o inconsciente dos indivíduos”.<sup>288</sup>

E a Museologia, seria Ciência Social ou Humana? Ou seria, ainda, reflexão filosófica? Estuda a ação do homem, a representação ou tem outro objeto? Qual seu sujeito, cientista ou filósofo? Qual seu projeto com relação à formalização ou à interpretação? Relaciona-se ao triedro Biologia-Economia-Ciências da Linguagem? Ao se estender o conceito de linguagem, a Museologia compartilharia o campo dos discursos, por analisar a relação homem-objeto, que se dá através de atos (de fala), representados pelo que se estudou deles. Conforme o objeto da Museologia, por essas premissas, essa disciplina poderia vir a ser analisada enquanto uma expressão da macro-representação, macro-dimensional (positiva e fenomenologicamente) ou, eventualmente, observada no plano da metafísica. Para efeito de aproximação, considerem-se os aspectos de que a Museologia, operaria com a representação do sujeito-indivíduo (região psicológica), com a representação em sociedade, ou grupos (de cuja sociedade ou grupos o museu, campo privilegiado da Museologia, é um órgão – região sociológica) e, particularmente, representação do estudo das literaturas e dos mitos, da “análise dos todas as manifestações orais e de todos os documentos escritos, *em suma, a análise dos vestígios verbais*”<sup>289</sup> que uma cultura ou um indivíduo podem deixar de si mesmos”. (região das leis e formas de uma linguagem).<sup>290</sup>

<sup>288</sup> FOUCAULT, Michel. Op. Cit., p. 396.

<sup>289</sup> Já desde a enunciação das constituintes do *triedro epistemológico*, Foucault não pôde reduzir as ciências da linguagem a apenas uma (lingüística e filologia) disciplina, em contraste com a inteireza da biologia e da economia. Desdobra-se esta impossibilidade quando explicita as ciências humanas, falando em *estudo das literaturas e dos mitos*, em comparação com a precisão de *psicologia* e *sociologia*. Seria simplesmente o estudo da representação que, nos anos 1960 ainda não englobara as linguagens visuais e *artificiais*, cibernéticas? Foucault abre *As palavras e as coisas* com o breve *As Meninas*, em que observa a representação nessa pintura de Velásques. Mais adiante, na p. 371, Foucault precisa e patenteia que a *representação* é uma dimensão subjetivante e que as três ciências humanas, ou *conjunto de discursos* (p. 361), são representações específicas e constitutivas da representação geral. A representação visual está considerada. Foucault apenas não toma a linguagem visual, ou outras recorrentes a outros sentidos, como linguagem. As linguagens *totêmicas*, *proxêmicas*, *gestuais*, *cênicas*, *musicais*, *táteis*, *olfativas*, *gustativas* (estas distinguem os seres pelo tipo de alimentação, pela natureza do alimento – onívoros, carnívoros, p. ex., e por tipo de preparo, de ingredientes, de condimentos, expressivos de culturas, de escolas, movimentos, religiões e as associações inter, multi ou pluri sensoriais como cor e textura, participantes da visão, tato e paladar, p. ex.).

<sup>290</sup> FOUCAULT, Michel. **A palavra e as coisas**: Op. Cit., p. 373.

Apresentamos nas páginas anteriores elementos informativos e analíticos versando sobre a definição de objeto, sendo o da Museologia o que constituiu particular interesse, demandando-se a natureza da Museologia. Uma visão filosófica, tanto quanto possível, permitiu explorar as bases da construção do conhecimento na teoria museológica.

Os três textos selecionados da revista *Documents de Travail sur la Museologie - MuWoP*, n. 1, revelaram-se boa amostragem, pelo conteúdo considerado isoladamente e pelas relações implicadas e explicitadas entre si, em pelo menos dois casos: Schreiner e Gregorová quanto a Stránský. Do ponto de vista gnoseológico, aqueles que aplicaram a gnoseologia em suas observações, se transformaram em objeto através do seu conhecimento validado (ou não) por outros sujeitos cognoscentes. Stránský, mesmo até pela sua abstenção perante sua produção anterior, foi objeto dos dois outros.

Desde 1980, as alterações políticas têm sido significativas e esses autores, ao final, se inscreveram no âmbito da contribuição ao plano geral do pensamento. Pode-se considerar aquele um momento sócio-político específico e entrever o viés ideológico ali contido.

Em termos metodológicos, superadas as dificuldades idiomáticas e semânticas - sendo a infixidez da universalização do objeto (que pode até ser mais que um) um elemento que impõe dificuldades de variadas ordens, proceder a uma *arqueologia* foi estimulante para o exercício da crítica, da criatividade analítica, da aproximação e maior clareza da análise gnoseológica, além de ser autoprovação.

Esperamos poder se estabelecer a compreensão, retomando-se o comentário de Schneider, da imprecisão quanto à estabilização conceitual científica da Museologia em 1980 e, em seu rastro, a da objetividade independente da Museologia ao objeto Museu, instituição ou fenômeno.

Quanto a isso, e apesar disso, não é ocioso repetir algumas das conceituações de Gregorová, recordando a filiação da filósofa ao pensamento de Stránský.

"[...] o museu [...] não pode constituir o objeto da Museologia".

“[...] a definição de Museologia não pode se basear sobre o museu nem sobre os objetos colecionados”.

“As instituições não são objeto da ciência”.

“As coleções são objeto de outras disciplinas científicas”.

“As pesquisas científicas no museu não são objeto, pois são parte da metodologia e da história da ciência e de outras disciplinas”.

“A atividade cultural e educativa é realizada também por muitas outras instituições e objeto de outras disciplinas (história e teoria da cultura, sociologia, psicologia, etc.”<sup>291</sup>

Esperamos ter se verificado a validade do conhecimento em função dos três sujeitos cognoscentes exemplificados quanto ao objeto da Museologia, no capítulo 1, ter se permitido ao leitor conhecer parcela do pensamento dos três autores escolhidos, ter sondado a teoria museológica em um espaço-tempo crucial, além de ter permitido pessoalmente melhor compreender as implicações da complexidade do problema: o objeto da Museologia.

Stránský, ao refletir sobre a Museologia, conclui que

[...] atualmente a Museologia não responde à concepção de ciência e à teoria de sistemas. Entretanto, não há dúvida que a abordagem museológica da realidade exige aplicação da teoria dos sistemas – importante para delimitar e determinar a existência da Museologia como ciência, o que já se manifesta em alguns ensaios.<sup>292</sup>

Reitera o autor checo a necessidade da base gnoseológica e metodológico, adequada quer à prática, quer ao sistema da ciência. E sobre essa base se imporá nas escolas superiores como matéria específica de ensino e diminuirá o conceito de ter caráter exclusivamente artístico.

<sup>291</sup> GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. ICOFOM. La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée? **Museological Working Papers – MuWoP/DoTraM**, n.1, Estocolmo, 1980, passim.

<sup>292</sup> STRÁNSKÝ, Zbynek Z. La théorie des systèmes et la muséologie. **Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM**, Estocolmo, n. 2, p. 72, 1981.

Stránský, o *pai da Museologia*, atuante na área museística e museal, grande e fecundo teórico, cobrindo o período de 1965 a 2005 (este último marco representado pela sua obra *Archeologie a muzeologie*), teve neste trabalho os marcos intermediários da exposição **O caminho do museu**, de 1971, e sua primeira publicação no âmbito do ICOFOM, em 1980. Seu papel é preponderante para a discussão do objeto da Museologia, do conceito de Museologia, da teoria museológica, enfim da Metamuseologia, que estabeleceu. Soube oportunamente apresentar também suas teses através da comunicação em museu, na linguagem museística especialíssima, em que se constitui a exposição. Em **O caminho do Museu**, é patente o grau de eficácia da exposição museística como veículo de apresentação visual de princípios da Museologia, à luz da escola checa. Mas, retenhamos ter havido superposição conceitual entre Museologia e museu, em que o objeto museístico – elemento de exposição ou expositivo [*expof*] - reina na *teoria museológica*, conforme apresentada na exposição.

Apesar da carência de fontes nos idiomas ocidentais e de as raras versões em português já serem derivadas de traduções em inglês ou francês, e de termos tido acesso a pequena parcela dos textos em checo, ainda que inseguros das afirmações pela limitação dos meios, persistimos no movimento adiante.

E se em 1980 define Museologia como disciplina científica cujo objeto é a atitude específica do Homem com a realidade<sup>293</sup>, e se “O objeto da Museologia não pode ser o museu. [...] Concebo, portanto os museus, no quadro do sistema museológico, como uma das formas possíveis da realização da abordagem [aproximação] do homem com a realidade”<sup>294</sup>, ainda parece instável o objeto e o caráter científico da Museologia, seja em se tomando Stránský de *per se*, seja na consideração da contra argumentação e da proposta filosófica de Deloche.

Fala-se incansavelmente, em 1971, de *realidade*, que nas formulações posteriores será somada à presença do *valor*, à qual o objeto da Museologia e o de museu estão relacionados. Como dissemos, a *realidade*, ou *metarealidade*, apresentada na exposição e nos museus não se pode estranhar fazerem um exercício

<sup>293</sup> STRÁNSKÝ, 1980, p. 39, apud DESVALLÉES, André (Dir.). **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. ICOFOM/ICOFOM LAM. [s.l.] \_\_\_\_\_, maio 2000, p. 6 [Tradução nossa].

<sup>294</sup> STRÁNSKÝ, 1966, p. 288/289; STRÁNSKÝ, 1987, p. 294/295, apud DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica**. Op. Cit., p. 6 [Tradução nossa].

de ficção científica, considerando-se real a realidade que se imagina. O labirinto da realidade através de um fio de Ariadne, que seu autenticador é um Outro, teseu, usuário, que percorre o fio, não a realidade, não o labirinto.

Buscou Stránský na Gnoseologia e no aspecto fenomenológico, além de no princípio da positividade na ciência, enfatizar o perceptível para argumentação da razão. Relembramos Einstein, pelo qual o observador, ou melhor, a relação em que o observador, em sua posição no espaço, participa e define o evento, e nele o evento é positivo, mas dependente dessa mesma posição do sujeito: sujeito e objeto se definem e se redefinem em combinações infindas.

Levando-se em conta que o trabalho possibilitou, pelas leituras, aberturas e provocação de reflexão, esperamos ter se podido aprofundar o conhecimento sobre a teoria museológica, verificando-se o conceito de Museologia e a sua sistematização, no início dos anos 1970, na escola de Museologia de Brno, ao mesmo tempo que examinar comparativamente ao que Stránský nos apresenta na estrutura do sumário do seu livro de 2005 (ANEXO B): o cotejo de suas considerações expressa no roteiro da exibição **O caminho do museu** com as partes constitutivas do seu último livro.

Simultaneamente, o desenrolar do estudo permitiu a observação específica do teor da teoria museológica apresentada nessa exposição, assim como a análise expográfica da mostra, a partir dos elementos de que se utilizou no processo de comunicação peculiar a museus. Mais uma vez, agradece-se o concurso de Zusana Paternostro que, com a tradução realizada dos conteúdos em checo, ampliou e enriqueceu com possibilidades o universo analítico das considerações que se encerram.

A imprecisão de que falam Stránský e Schreiner em 1980 fica reiterada então, e patente, por volta de 2005: Stránský e sua postulação da filiação e pertinência científica da Museologia, e Deloche advogando a filosofia, como a Museologia sendo um seu ramo. Ora, o fato de os autores estarem ambos construindo teorias sobre a Museologia, sob parâmetros diferentes para a análise do conhecimento, supõe-se o âmbito da metateoria. Parece, então, que se pode falar com tranqüilidade da Metamuseologia, enquanto se teoriza sobre a teoria, teoria esta que seria a Museologia em si. No entanto, se a Metateoria tem objeto definido, a Museologia tem

o seu objeto discutido. E não apenas o objeto. Também a natureza do conhecimento, se científico ou filosófico. Depreende-se haver uma Metamuseologia que pensa sobre a Museologia, que não teria paradoxalmente uma teoria, ou sem uma concordância teórica mais ou menos universal sobre a natureza da Museologia. Acrescente-se que muitos concebem a Museologia como reflexão sobre a prática da operação da instituição Museu. Uma Metateoria de uma não teoria? Talvez a indicação seja de que o objeto habitual ou pontualmente relacionado não o seja de fato, mas um vício de origem que, apesar de argüido, não é de todo abandonado. Há uma tendência conciliatória ao se dizer que o museu não é o objeto da Museologia, porém ele ocupa o maior volume das discussões ditas museológicas. Ou a teoria deve assumir definitiva e definidamente o objeto museu, instituição ou idéia, ou se procurar um objeto que, embora eventualmente também se observe em museu, não lhe seja exclusivo. E mais, que esse objeto seja passível de análise teórica, de formulação teórica e que sobre ele se possa abstrair. A necessidade de o objeto estar diretamente relacionado com a possibilidade de sua sujeição à construção cognitiva parece clara. O que ainda nos faltaria seria talvez a busca da percepção daquilo que faz com que o ser e, noutro plano, o ente, e o sujeito indivíduo, e o sujeito social manifestem sob a forma de musealidade – museália ou de museal- ciência da documentação. A axiologia, necessidade humana de perpetuar para além da sua verdade finita de temporalidade, já que na inexistência ontológica do tempo permanecer para além é apenas representação, daí a memória. Mas memoriar implica escolha e representação e, especialmente, a definição de sua natureza sob a aparência. Platão viu assim a idéia, recuperada por anamnese (memória diacrônica) e a verdade como desvelamento e descoberta, *aletheia*, o não esquecer, já que para ele tratava-se de um movimento de recuperação do preexistente ao ente. Essa metafísica do conhecimento e da verdade, a par da do ser, deslocaria a observação, fosse da musealidade, fosse do museal, do campo da empiria, projetando o objeto da Museologia no espaço da natureza do ser, outra natureza em relação à *realidade*, a metarealidade na anterioridade e *seridade* (na qualidade de ser), e não na posterioridade e entidade.

Assim, se Museologia é termo consagrado, mas circula em torno de museu, talvez melhor seria chamá-la de *museologia*, liberando o termo Museologia para a consideração filosófica sobre a *poieses*, sobre a consideração da humanidade, representada pelo Olimpo grego e o *mouseion*, e pela instauração civilizatória e

memorial de **Museu**, personagem contemporânea de Orfeu. Relação órfica, das musas, da criação e da transmissão (recriação, metareal), são esses elementos ou categorias expressivas do Homem, não de sua relação com a realidade, mas a natureza, ou um dos aspectos que lhe definem como homem. A relação com a realidade é factual e, sobretudo, considerável enquanto fenômeno positivo. Persistindo-se nessa linha analítica, podemos tentar radiografar, teoriar e interpretar as manifestações, exclusivamente, ingressando no debate dos fundamentos ontológicos e ônticos.

Mas não podemos negar que inclusive nossas colocações se fundam sobre *valores*: hipótese, suposição – *colocar sob*. E seguimos olhando o universo buscando os objetos. E esperamos que se cairmos no buraco, a criada ouça o próprio riso.

Perguntas e perguntas. Quantas mais são feitas, tantas mais proliferam.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, A. e HART.D. ed. **Mnsemosyne, Formen und Funktionen der kulturellen Erinnerung**. Frankfurt [s.n.], 1993.
- BAUDRILLARD, Jean. **Agonie des Realen**. Berlim: Merve, 1978.
- BELLAIGUE, Mathilde. **Du discours au secret: le langage de l'exposition**. [s.l.] [s.n.], [19--]. p. 21-26. Fotocópia.
- BELLONI, Maria Luiza. A mundialização da cultura. **Sociedade e estado**. Brasília, v.9, n.1/2, jan.-dez. 1994. p. 35-53.
- BENES, Josef. Contribution à l'éclaircissement du concept de muséologie. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM. Estocolmo: ICOFOM, n. 2, p. 10-12, 1981.
- \_\_\_\_\_. Fenomén casu v archeologii. **Archeologické rozhledy**, 49, 231-241, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Museologický slovník** [Dicionário museológico]. Praga: 1978.
- \_\_\_\_\_. Muzealizace a její místo v muzeologii. **Múzeum**, n. 3, 1-7. 1991. [ou] Význam a vývoj muzeologie v českých zemích, **Muzeologický bulletin**, n. 1, p. 9-26, 1991.
- BERGMAN, Mats; PAAVOLA, Sami. **The commens dictionary of Peirce's terms: Peirce's terminology in his own words**. [S.l.]: [s.n.], 2003. Disponível em: <<http://www.helsinki.fi/science/commens/terms/object.html>>. Acesso em: 27 jul. 2007.
- BLACKMORE/ova/, S. **Terie memu**. Praga [s.n.], 1999 (sic).
- BOHM, D. **Rozvíjení významu**. Praga [s.n.], 1992.
- BRUCE, Lorne. **Public libraries and the information age**. Edição editada da conferência proferida na Kitchener Public Library, 16 out. 1995. Disponível em: <<http://www.uoguelph.ca/~lbruce/documents/info.html>>. Acesso em: 27 jul. 2007.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BUTLER, T. **Memory: History, Culture and Mind**. Oxford [s.n.], 1989.
- BYNUM, Terrell Ward. **Wiener's vision: the impact of "the automatic age" on our moral lives**. Disponível em: <<http://web.comlab.ox.ac.uk/oucl/research/areas/ieg/e-library/bynum.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2007.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**. São Paulo: Cultrix, 1985.



CAPRA, Fritjof. **O tao da física: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARNAP, R. **Problémy jazyka vedy**. Praga [s.n.], 1968.

CATERINO, Brian. **The Objects of Scientific Desire: The Objects of Social Science**. Disponível em: <<http://www.janushead.org/8-1/Montuschi.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática. 2000. Disponível em: <[http://br.geocities.com/mcrost02/convite\\_a\\_filosofia\\_30.htm](http://br.geocities.com/mcrost02/convite_a_filosofia_30.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2007.

DELOCHE, Bernard. Le multimédia va-t-il faire éclater le musée? Museums Pädagogisches Zentrum. **ICOFOM Study Series – ISS**, Munique, n. 33b. p. 46-52, 2002.

\_\_\_\_\_. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

DESVALLÉES, André, dir. **Terminologia museológica: proyecto permanente de investigación**. ICOFOM/ICOFOM LAM.S/I: \_\_\_\_\_, maio 2000.

DIAS, Fernando C. Estudos culturais no Brasil: a tradição sociológica. **Sociedade e estado**. Brasília, v.8, n.1/2, jan.-dez, p. 9-28, 1993

DOLÁK, Jan; VAVRÍKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský: život a dílo**. Brno: Masarykova Univerzita, 2006.

DOLÁK, Jan (Ed.). **Muzea v procesu transformace. 24-26. Listopadu**.

ECO, Umberto. Interview mit Umberto Eco. In: **Süddeutsche Zeitung**, n. 269, 1985.

ECO, Umberto. **Über Gott und die Welt**. Munique: Hanser, 1987.

ENCYCLOPEDIA Tiosam. Disponível em: <<http://enciclopedia.tiosam.com/enciclopedia/>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

ENNENBACH, Wilhem. **Muzeologické sesity**, n. 7, 1979.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro Globo**. 30. ed. São Paulo: Globo, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 11. imp.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1982?].

FLIEDL, Gottfried. ed. **Museum als soziales Gedächtnis**. Klagenfurt [s.n.], 1988.

FLUGEL, Katharina; ERNST, Wolfgang. ed. **Musealisierung der DDR? 40 Jahre als kulturhistorische Herausforderung**, Hochschule ur Technik, Wirtschaft und Kultur. Leipzig: Alfter, 1992 (sic).

FOUCAULT, Michel. **A palavra e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE/MEC. **Dicionário de ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1987. 2 v.

GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. In: ICOFOM. La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée? **Museological Working Papers** - MuWoP/DoTraM, Estocolmo, n.1, p. 19-21, 1980.

\_\_\_\_\_. **Múzeá a múzejníctvo**. Martin [s.n.], 1984.

HERBST, Wolfgang; LEVYKIN, K. G. ed. **Museologie**: theoretische Grundlagen und Methodik der Arbeit in Geschichtsmuseen. Berlin [s.n.], 1988.

HERLES, Diethard. **Das Museum und die Dinge**.: Wissenschaft, Präsentation, Pädagogik. Munique: VEB Deutscher Verlag der Campus, 1996.

HOLUB, M. **Maxwelluv démon cili o tvorivosti**. Praga [s.n.], 1988.

HUYSEN, Andreas. **Twilight Memories**: Marking Time in a Culture of Amnesia. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1995.

JEUDY, Henry Pierre. Die Musealisierung der Welt oder Die Erinnerung des gegenwärtigen. **Ästhetik und Kommunikation**, a. 23, n. 67-68, 1987. [ou] **Die Welt als Museum**. Berlin: Merve, 1987.

KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco Antonio; LIMA, Luiz Costa. **Dicionário básico de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.

**Kleines** Wordenbuch des Museumswesen. Berlin: Ennenbach, W. ed.?, 1975.

KNIG, René. Cultura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Sociologia**. Lisboa: Enciclopédia Meridiano-Fischer, 1971.

KRÁL, Miloslav. **Kam smeruje civilizace?** Praga [s.n.], 1998.

\_\_\_\_\_. **Zmena paradigmatu vedy**. Praga [s.n.], 1994.

**KUNSTBUS**. Disponível em: <<http://www.kunstbus.nl/jaartal/1878.html>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura brasileira, uma abordagem antropológica. **Sociedade e estado**. Brasília, v. 8, n.1/2, p. 29-37, jan.-dez. 1993.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 14. imp. Rio de Janeiro: Ed. 40, 2006.

**Lexique** de muséologie /Glossary of Museology. Ottawa: [s.n.], 1989.

LÜBBE, Hermann. **Das Fortschritt und das Museum**. Londres [s.n.], 1982.

**MALTEZ**. Disponível em: <info/biografia/freund.pdf.>. Acesso em: 27 jul. 2007.

MAYRAND, Pierre. **Sens et enjeux de la muséologie populaire**. 1985. (manuscrito)

MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. A Psicologia Social nos Tempos de S. Freud. In: **PSICOLOGIA: teoria e pesquisa**. V. 16, n. 2, Brasília, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

MENSCH, Peter van. **For Now and Ever: an Introduction to Collecting for Museums**. Amsterdam: Reinwardt Academie, 1994.

\_\_\_\_\_. Museology as a scientific basis for the museum profession. In: **Professionalising the muses: the museum profession in motion**. Amsterdam: Aha Books, 1989.

\_\_\_\_\_. **Nederlandes museumterminologie**. Leiden [s.n.], 1983.

\_\_\_\_\_. **Towards a methodology of museology** Tese – Universidade do Zagreb, 1992. Disponível em: <[http://www.muuseum.ee/en/erialane\\_areng/museoloogialane\\_ki/p\\_van\\_mensch\\_towar/mensch04](http://www.muuseum.ee/en/erialane_areng/museoloogialane_ki/p_van_mensch_towar/mensch04)>. Acesso em: 27 jul. 2007.

MIRANDA, E. **Gnoseologia/Epistemologia**. Disponível em: <[http://www.pucpr.edu/facultad/emiranda/educacion\\_430/Presentaciones/Epistemolog%C3%ADa.ppt](http://www.pucpr.edu/facultad/emiranda/educacion_430/Presentaciones/Epistemolog%C3%ADa.ppt)>. Acesso em 20 set. 2007.

MONTUSCHI, Eleonora. **The Objects of Social Science**. [resenha de] The London School of Economics and Political Science. Disponível em: <[http://www.lse.ac.uk/collections/pressAndInformationOffice/publications/books/2003/The\\_ObjectsOf\\_SocialScience.htm](http://www.lse.ac.uk/collections/pressAndInformationOffice/publications/books/2003/The_ObjectsOf_SocialScience.htm)>. Acesso em: 27 jul. 2007.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Bloch, 1988.

NEUSTUPNÝ, J. **Otázky dnesního muzejnictví**. Praga [s.n.], 1950.

NORA, Pierre. **Zwischen Geschichte und Gedächtnis**. Berlim [s.n.], 1990.

NOSEK, J. ed. **Milénium vedy a filosofie**. Praga [s.n.], 2002.

**Online Ethymology Dictionary**. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

POPPER, K.B. **Logika vedeckého zkoumání**. Praga: [s.n.], 1976.

RUSSEL, Bertrand. **História do pensamento ocidental: a aventura das idéias – dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SCHEINER, Tereza. **Museu e museologia: definições em processo**. Rio de Janeiro: nov. 2005.

SCHMIDT, S. J. **Gedächtnis**: Probleme und Perspektiven der interdisziplinären Gedächtnisforschung. Frankfurt: 1991.

SCHNEIDER, Evzen. "La voie du musée", exposition au musée Morave, Brno. **Museum**, Paris, v. 29, n. 4, p. 182-192, 1977.

SCHREINER, Klaus. Critères pour la place de la muséologie dans le système des sciences. **Museological Working Papers** [do] ICOFOM, Estocolmo, n.1, p. 39-41, 1980.

\_\_\_\_\_. **Museologische Termini**. Neubrandenburg [s.n.], 1982.

SFEZ, L. **Critique de la communication**. Paris: Seuil, 1988.

STANFORD Encyclopedia Of Philosophy. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

STEUP, Matthias. **Epistemology**. 2005. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu>>. Acesso em : 27 jul. 2007.

STRÁNSKÁ, E. Alternativna muzeológia? **Museologica**. I. 71-80, 2000.

STRANSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.

\_\_\_\_\_. Das Öko-Paradigma und die Museologie. **Museum Aktuell**, 51, 2025-2028, 1999.

\_\_\_\_\_. Der Begriff der Museologie. In: JELINÉK, Jan. ed. **Muzeologické sesity**. Supplementum 1, Einführung in die museologie, Brno, p. 14-39, jan.-dez. 1993. [ou] Úvodem k diskusi o pomeru muzeí, galerií a památkové péce. **Muzeologické sesity**, n. 3, p. 77-88, 1971. [ou] Grundlagen der Allgemeinen Museologie. **Muzeologické sesity**. Supplementum 1, Einführung in die museologie, Brno, p.40-68, 1971.

\_\_\_\_\_. **Introduction to the Study of Museology**: for the students of the International Summer School of Museology. ISSOM, Brno: Universidade Masaryk, 1995. [ou] Museologie als selbständige Wissenschaft. In: Flügel – Vogt (eds.): **Museologie als Wissenschaft und Beruf in der modernen Welt**. Weima [s.n.], 1995. p. 11-29.

\_\_\_\_\_. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. **Museological Working Papers - MuWoP/DoTraM**, Estocolmo, n.1, p. 42-44, 1980.

\_\_\_\_\_. La théorie des systèmes et la muséologie. **Documents de Travail sur la Muséologie – DoTraM**, Estocolmo, n. 2, p. 72-76, 1981.

\_\_\_\_\_. Museologische Terminologie. **Neue Museumskunde**, 31, n.1, 12-17. 1988.

\_\_\_\_\_. Museologia: Deus ex machine (sic). ICOM/ICOFOM. **ICOFOM Study Series - ISS**, n. 15, p. 215-223, 1988.

\_\_\_\_\_. Muzealizace v kontextu ekologické a kulturní krize. In: \_\_\_\_\_. ed. **Museologica**, II. Banská Bystrica: UMB, 2001. p. 206-213.

\_\_\_\_\_. Pojem kulturní dedictiví. In: **Acta histórica et museologica Universitatis Silesianae Opaviensis**, Opava, n. 5, p. 65-69, 2000.

\_\_\_\_\_. Potřebujeme eko-muzeologii? **Múzeum**, n. 45, v. 2, p. 18-20, 1999.

\_\_\_\_\_. Potsdata muzeologie a její zarazení do vysokoskolského studia. In: \_\_\_\_\_. ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického symposia**. Brno: museu da Morávia, 1965. p. 10-17.

\_\_\_\_\_. Predmet muzeologie. In: \_\_\_\_\_. ed. **Sborník materiálu prvního muzeologického symposia**. Brno: museu da Morávia, 1965. p. 30-33.

\_\_\_\_\_. **Úvod do studia muzeologie**. Brno: UJEP, 1980 [1979?]. [ou] Museology as a science: a Thesis. **Museologia**, n. 15, p. 33-39, 1980.

\_\_\_\_\_. **Úvod do studia muzeologie**. 2.ed. atualizada. Brno: Mazarykova Univerzita, 2000.

STURM, Eva. **Konservierte Welt. Museum und Musealisierung**. Berlím [s.n.], 1991.

TONDL, L. **Mezi epistemologií a sémiotikou**. Praga [s.n.], 1996.

\_\_\_\_\_. **Veda, technika a společnost**. Praga [s.n.], 1994.

TSURUTA, S. Museology – science or just practical museum work? **Museological Working Papers**, Estocolmo, n. 1, p. 47-49, 1980.

UNIVERSIDADE de Toronto. Disponível em: <[www.utoronto.ca/mouseia/course2/Museum2.pdf](http://www.utoronto.ca/mouseia/course2/Museum2.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2007.

UNIVERSIDADE Masariky. Disponível em: <[http://ois.muni.cz/at\\_mu/brief\\_history\\_of\\_mu](http://ois.muni.cz/at_mu/brief_history_of_mu)>. Acesso em: 27 jul. 2007.

WAIDACHER, Friedrich. **Handbuch der Allgemeinen Museologie**. Viena, Colônia e Weimar [s.n.], 1993.

\_\_\_\_\_. **Prírucka vseobecnej muzeológie**. Bratislava: SNM, 1999.

\_\_\_\_\_. **Museologie – Knapp gefast**. Viena [s.n.], 2005.

WALDENFELS, B. **Stachel des Fremden**. Frankfurt [s.n.], 1990.

WESCHENFELDER, K. Museale: Gegenwartsdokumentation. In: ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen: 1990. p.180-188.

WIENER, Norbert. **Cybernetics**. 2. ed. Massachussets: MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. **The Human Use of Human Beings**. Nova Iorque: Houghton Mifflin, 1950.

ZACHARIAS, W. ed. **Zeitphänomen Musealisierung**. Essen [s.n.], 1990.

ZALMAN, J. Muzealizace jako názor k odizití minulých jevu. In: **Muzea v procesu transformace/Museum in Transformation Process**. Brno [s.n.], 2003. p. 199-203.

# GLOSSÁRIO MÍNIMO

(a partir de Stránský) \*

**CULTURA DE MUSEU [MUSEUM CULTURE]** – porção de uma cultura, desenvolvida a partir da musealização da realidade [representada]. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256).

**ECOMUSEOLOGIA** (não consta do glossário de Stránský) - S.f. – Adaptação da museologia às necessidades específicas dos ecomuseus. O neologismo foi antecipado, em 1971, por Jean-Pierre Gestin, então conservador (e diretor) dos ecomuseus do Parque Natural Regional da Armórica, antes até que Hugues de Varine tivesse inventado a palavra *ecomuseu*. (DESVALLÈES, 2000, p. 11. Grifos dos autores).

**MUSEAL** ou **MUSEALÍSTICO [MUZEÁLNÍ; museum (como adjetivo), museal (não usado na linguagem corrente no inglês); muséal]** - algo que representa um valor cultural e de memória de uma musealidade. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256)<sup>295</sup>

Adj. – Que tem relação com o museu. Por derivação semântica, tem-se a tendência a substituir impropriamente *museal* por **museográfico** ou por **museológico**. (DESVALLÈES, 2000, p. 48. Grifos dos autores)

- campo problemático do *mostrar*, remetendo à função documentária intuitiva. (DELOCHE, 2001, p. 252)

**MUSEÁLIA [MUZEÁLIE; musealia]** - objeto autêntico que foi selecionado e é um representante do valor cultural do museu, normalmente designado como objeto de museu. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256)

---

\* traduzido do checo, via inglês, por Jan Dolák, Suzanne e Vinos Sofka, com colaborações de Z.Z. Stránský, Katerina Kotiková, Bruna Latini, Tereza Cristina Moletta Scheiner e de Anáildo Bernardo Baraçal, e do francês por este último. Incluíram-se, aqui, termos não arrolados por Stránský.

<sup>295</sup> “Acho que devemos [...] utilizar a palavra *de museu* [museístico - *muzejní*] quando vamos tratar assuntos do fenômeno museus e tudo que esta em volta, e a outra palavra, *museal muzeální*, devemos utilizar para identificar aquela relação de avaliação particular da realidade. [...] dentro de um museu é museal só o que representa os valores museais: [...] os objetos de coleções. Ao contrário, a vitrine de museu é um instrumento para apresentação de algo museal, mas ela própria é equipamento de museu. Ambos os termos não existem isoladamente. Eles têm uma relação direta: seus conteúdos se entrelaçam de forma que, do ponto de vista geral de valores, o termo museal ultrapassa o termo “de museu” [museístico], mas do ponto de vista do fenômeno do museu em geral, a parte museal é só uma fração dele.” STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005. p. 111-112. (grifos do autor). Entre colchetes, após o termo: em caixa alta, termo em checo; em caixa baixa, em inglês e francês, conforme o caso, e, eventualmente, em alemão.

**MUSEALIDADE [MUZEALITY; museality]** – Em termos correntes, entendida como um *valor da cultura e memória*. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 111)

(Nota: embora o termo não integre o Glossário da obra **Archeologie a muzeologie**, esta definição consta do corpo do texto.) **Muzeologické sesity**, n. 7, 1979. Apud STRÁNSKÝ, 2005, p. 112. Nota: Termo trabalhado por Stránský em conjunto com Wilhelm ENENNBACH, assim como o termo **musealização** (*Musealisierung*, em alemão) (Grifo do autor). (STRÁNSKÝ, 2005, p. 111)

- valor de museu (Trad. Suzanne e Vinos Sofka).

- S.f. – Termo proposto pelo museólogo checo Zbynek STRÁNSKÝ para designar a qualidade da coisa musealizada, a partir do momento em que seu valor museal exige extrai-la de seu contexto de origem. “A *musealidade pode ser autêntica (unívoca)*, potencial (*latente*) ou futura (*prospectiva*). *Como a musealidade necessita da separação dos elementos de seu contexto de origem, de existência ou de descoberta, é necessário documentar esse contexto ao qual eles possam ser restituídos. Sem a documentação de acompanhamento, a coisa selecionada não pode se tornar uma museália*” (STRANSKI (sic), 1995:44). Correl. – **musealização**. (DESVALLÈES, 2000, p.55. Grifos dos autores). Ver **Separação**.

**MUSEALÍSTICO** (não consta do glossário de Stránský) – o mesmo que museal (Tereza Cristina Moletta Scheiner e Anaildo Bernardo Baraçal, através do italiano). Ver **Museal**.

**MUSEALIZAÇÃO [MUZEALIZACE; musealization]** - valorização da realidade [e não da sua relação com o homem?], através de representantes autênticos que atestam a importância cultural e de memória dessa mesma realidade. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256)

-um processo de adquirir musealidade (STRÁNSKÝ, 2005, p.112)

(Nota: Termo trabalhado por Stránský em conjunto com Wilhelm ENENNBACH, assim como o termo **musealidade**. (STRÁNSKÝ, 2005, p.112)

- S.f. – Operação orientada para extrair uma (ou mais) **coisa(s) verdadeira(s)** de seu(s) meio(s) natural(is) ou cultural(is) de origem e a lhe(s) dar um estatuto museal [e não museológico]. É a constatação desta mudança de natureza que conduziu Zbynek STRÁNSKÝ, em 1970, ao propor denominar **museália** [em francês, *muséalie*] os **objetos de museus**. A musealização começa por uma etapa de **separação** ou de



**suspensão.** Correl. – **musealidade.** (DESVALLÈES, 2000, p. 54-55. Grifo dos autores)

- Identificação de características distintas de realidades/fatos, considerando a significação cultural e de memória de seus representantes autênticos. (trad. Suzanne e Vinos Sofka)

**MUSEALIZAR, MUSEIFICAR [muséaliser, muséfier]** (não consta do glossário de Stránský) – Extrair fisicamente ou singularizar juridicamente uma coisa verdadeira ou um conjunto de coisas verdadeiras de seu (s) meio (s) de origem por um ato físico ou por uma decisão administrativa que lhe (s) deu um estatuto patrimonial. É geralmente em um sentido pejorativo que se diz *museificar*. (DESVALLÈES, 2000, p.54. Grifos dos autores)

**MUSEÍSTICO [MUZEJNÍ]** - tudo o que está relacionado a museu e suas atividades. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256).

**MUSEOGRAFIA [MUZEOGRAFIE, museography]** - inicialmente, designação de um período histórico do desenvolvimento do pensamento museológico; atualmente outro termo para museologia aplicada. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256). (ver **museografia** em DESVALLÈES, 2000.)

**MUSEOLOGIA [MUZEOLOGIE, museology]**- um ramo científico que trata da musealização da factualidade (realidade). (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256). [factualidade - realidade = skutcností]

- S.f. - etimologicamente, é “o estudo do museu” – e não a sua prática (que se remete à *museografia*). Mas o termo, confirmado neste sentido no curso dos anos 1950, e seu derivado *museológico* – sobretudo na sua tradução literal inglesa (*museology* e seu derivado *museological*) têm tido duas aplicações:

A primeira e a mais difundida é uma tendência a se aplicar, muito amplamente, a tudo aquilo que toca o museu (em francês concorrendo com o termo *muséal*), e mais particularmente nos países anglófonos (concorrendo com *museum business*) e da mesma maneira, por contaminação, nos países latino-americanos. É assim que, onde não existe a profissão específica reconhecida, como os *conservadores*, na França, os termos “museologia” e “museologista” se aplicam a toda a profissão museal, e em particular aos consultores que têm por tarefa estabelecer um projeto de museu ou de realizar uma exposição.

Para a segunda aplicação, que traduz o primeiro sentido (etimológico) de “estudos do museu”, o inglês prefere a expressão *museum studies*, particularmente na Grã-Bretanha, onde o termo *museology* é até hoje ainda muito pouco empregado. E é indispensável assinalar

que, de modo geral, se o termo foi cada vez mais utilizado pelo mundo a partir dos anos cinquenta, na medida em que cresceu o interesse pelo museu, ele continua a ser pouco usado pelos que vivem o museu “no cotidiano” e que o uso do termo permanece confinado aos que observam o museu do exterior. Para esses últimos, que tendem a fazê-lo se não um verdadeiro domínio científico, pelo menos uma disciplina integral e isolada, ela se divide em *museologia histórica* (a evolução da museologia é inseparável de uma (sic)), em *museologia social* e em *museologia teórica*. Ela se desenvolve hoje em dia na direção de uma abordagem comunicacional e informacional da atividade museal. [metamuseologia estaria acima ou anteriormente, mais geral.

Derivados: *museológico* (*museological*); *museólogo* (*museologist*).

Correlatos: museu (*museum*); museografia (*museography*); nova museologia (*new museology*); museal (*museal*); musealizar (*to musealize*); museificar, pejorativo; musealidade (*museality, museum quality*); musealização (*musealization; museum attribution*); musealium, museália, objeto de museu (*museum object, museum quality attributed object*); realidade (*reality*).

A museologia se constitui na conjunção das necessidades técnicas ligadas à via prática dos museus e de uma reflexão sobre o papel do museu. A princípio confundido com a *museografia*, o termo progressivamente se limitou, ao menos nas línguas latinas, até apenas cobrir a vertente teórica do museu, enquanto que o termo *museografia* tendia a somente designar a prática. (DESVALLÈES, 2000, p. 2. Grifos dos autores).

- disciplina filosófica encarregada de elaborar a teoria do museal e de comandar as práticas museográficas. (DELOCHE, 2001, p. 254).

**MUSEOLÓGICO [MUZEOLOGICKÝ, museological]** – (não consta do glossário de Stránský) - Adj. – Que trata da [relativo à] *museologia* – e não trata do museu, ou da *museografia*. Uma extensão abusiva de sentido tende a confundi-lo com *museográfico* e, por vezes, até mesmo com *museal*. (DAVALLON e DESVALLÈES p. 10. In: ICOFOM, 2000).

- Relativo à museologia. (trad. Suzanne e Vinos Sofka).

**MUSEOLOGISTA [MUZEJNÍK, museum worker / museum personnel]** - uma designação, não de todo apropriada, de um trabalhador, empregado em um museu. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256). (possível equivalência).

**MUSEÓLOGO [MUZEOLOG, museologist]** – uma pessoa que trata da museologia como um objeto de interesse científico. STRÁNSKÝ ( 2005, p. 256).

**“MUSEUTIVIDADE” OU “MUSEULOGOTIVIDADE” [MUZEJNICTVÍ; museum affairs (matters, concerns)]** - Assuntos de museus (negócios, problemas,

preocupações) – Designação da esfera profissional relacionada com a realização das atividades de museu. (Procurou-se seguir a sufixação das palavras em checo e transpô-las ao português).

– Museus e departamentos dedicados à teoria que estão envolvidos com a museologia. Designação de uma esfera profissional engajada com a realização dos relevantes serviços do museu, que lida com museus. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256).

- **Museology**, em inglês, e **Museumswese**, em alemão [traduções de títulos em documentos na rede mundial de computadores]

**MUSEU [MUZEUM]** - uma forma histórica de instituição que assegura a musealização da factualidade (realidade = skutcností). (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256).

- figura institucional possível de “mostrar”. (DELOCHE, **Le musée virtuel**, p. 254).

- S.m. – O termo museu pode designar tanto a instituição museal como o estabelecimento onde funciona esta instituição. A forma do museu variou ao longo dos anos, mais que seu conteúdo. O início do museu público na França, sob a Convenção, não apenas viu nascerem os museus nacionais para as Belas Artes, para a História natural, para as técnicas (Artes e Ofícios), para a história (os Monumentos Franceses), mas, a exemplo do antigo modelo, com funções diversificadas, o qual se referia a mesma instituição [p.48] encarregada de várias missões. Com efeito, se o primeiro, que devia então conservar e permitir aprender, se denominou então “museum”, antes de se chamar ‘museu’, o segundo recebeu de pronto o título definitivo de “museum” e era então um lugar de pesquisa e de ensino, o terceiro, por sua parte, se chamou “conservatório”, e era um lugar de ensino e de formação técnica, e o quarto, que oferecia por sua vez, um espaço coberto e um espaço ao ar livre, se propunha a utilizar os elementos de exposição (expostos) para iniciação à história. Desde então, outras variantes se acrescentaram, desde o *jardim zoológico* ou o *museu a céu aberto* até o *ecomuseu*, o que tem permitido, notadamente a G. H. RIVIERE, distinguir os *museus cobertos* dos *museus abertos*. (DESVALLÈES, 2000, p. 47 - 48. Grifos dos autores)

**NOVA MUSEOLOGIA** (não consta do glossário de Stránský) - S.f. - Movimento nascido na França em 1980 e, no plano internacional, em 1984, sobre as bases, notadamente, da plataforma museológica contida na Declaração de Santiago do Chile, de 1972. Acentua a vocação social do museu e o seu caráter interdisciplinar, ao mesmo tempo em que acentua seus modos de expressão e de comunicação renovados. Seu interesse vai, sobretudo em direção aos novos tipos de museus que

não suportam mais o jugo das tradições, tais como os **ecomuseus**, os centros de cultura científica e técnica ou os centros de arte contemporânea. (DESVALLÈES, 2000, p. 10)

**OBJETO DE MUSEU [MUSEUM OBJEKT, museum object]** – um objeto identificado como um representante da musealidade. (STRÁNSKÝ, 2005, p. 256).

**REALIDADE** (não consta do glossário de Stránský) – [**skutnosť** - (baixo latim: realitas). Equival. Inglês: reality; fr.: réalité; it.: realta; espanhol: realidad; alemão: Realität, Wirklichkeit.]

S.f. - O que verdadeiramente existe, constituído de coisas verdadeiras, as quais se podem ver, se tocar e ou se escutar e ou se sentir, diferente das que existem igualmente, mas não são fisicamente perceptíveis.

Correlações – idéia, coisa, coisa verdadeira, substituto. (DESVALLÈES, 2000, p. 11)

**SEPARAÇÃO** (não consta do glossário de Stránský) S.f. – Primeira etapa da operação de **musealização**, pela qual as **coisas verdadeiras** são separadas do seu meio de origem e que adquirem o estatuto de **objetos de museu** ou de **musealidades**. Ali, quando André MALRAUX enunciava que o museu *separava* a obra do mundo, certos filósofos, como Jean-Louis DÉOTTE, qualificam, com justeza, como *suspensão* a operação de *musealização* (pode-se falar também de “*arrachement*”). E, deste fato, DÉOTTE denomina *suspensos* os *objetos de museus*. Mas, em se tratando do mundo da exposição, cujos **elementos de exposição** (*expôts*, em francês) não passaram necessariamente pela etapa da *musealização*, a mudança de contexto se faz em apenas uma etapa. É porque, desde que Jean DAVALLON evoca o *ato de separação*, ele se aplica diretamente no objeto, que passa do mundo do cotidiano ao da exposição: o conceptor-realizador *escolheu, selecionou, reteve, extraiu o objeto*. [...] *Ele retirará o objeto do mundo; ele o despojará de seus acéscimos mundanos. Donde o estatuto fundamentalmente ambíguo, senão paradoxal, do objeto de exposição: é o objeto real que não está mais no real.*” (Apud DAVALLON, 1986, p. 244) Correl. – **musealidade**. (DESVALLÈES, 2000, p.55. Grifos dos autores). Ver **Musealidade**.

## REFERÊNCIAS

DESVALLÈES, André dir. **Terminologia museológica**: proyecto permanente de investigación. Maio 2000.

DELOCHE, Bernard. **Le musée virtuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.

## ANEXO A

### CURSOS E DISCIPLINAS CRIADAS POR STRÁNSKÝ\*

In DOLÁK, Jan; VAVRÍKOVÁ, Jana. **Muzeolog Z. Z. Stránský: zivot a dilo** [O museólogo Z. Z. Stránský: vida e obra]. Brno: Masarykova Univerzita, 2006.

#### PROGRAMAS DE ENSINO

**Cadeira de Museologia da Faculdade de Filosofia da UJEP / Universidade de Masaryk**

##### **1. 1965/66 – 1996 pós-graduação em museologia (posteriormente especialização)**

Introdução à museologia

História geral dos museus

História da museologia e seus representantes

Museologia histórica

Museologia social

Museologia teórica

Introdução à museografia

Métodos e técnicas modernas de trabalho dos museus

Exposições em museus

[4/9 matérias, declaradamente sobre museu]

[Total: 44%]

##### **2. 1993-1996 estudos diários de bacharelado e mestrado de Museologia**

Introdução à museologia

Bibliografia da museologia

\*Entre colchete, figura a análise do conteúdo na relação Museu/Museologia, na tentativa de explicitar a impregnação da Teoria da Museologia pelo Museu.

Informações e documentação

Teoria da seleção

Teoria da teaurisação (criação de coleções e acervos) função

Introdução à museografia

Teoria da comunicação

Exposições em museus

Métodos e técnicas de criação de exposições

Fundamentos da museologia

Museus no mundo contemporâneo

[8/11, 3 com enunciados de “museu” e “museografia” e 5 disciplinas relativas a funções museísticas]

[Total: 72%]

### **3. 1986-1996 UNESCO International Summer School of Museology (Escola Internacional de Verão de Museologia)**

#### **1º turno: Introdução à museologia**

Introdução aos estudos

Museologia como ciência

Missão da museologia

História geral do fenômeno Museu

Representantes da museologia

Introdução à museologia histórica

Introdução à museologia social

Museologia teórica

Introdução à museografia

Crise da sociedade e importância dos museus

Museus para o novo século

[4/11 com enunciados de “museu” e “museografia” – 36%]

## **2º turno: Criação de acervos e coleções em museus**

Introdução ao turno especial

Coleciono, logo existo.

Colecionar na ontogênese da psíquê pessoal

Teoria de seleção no sistema da museologia

Musealidade, musealização, musealium [da museália?]

Sistematização de acervos e coleções (thesaurus)

Proteção de acervos (e coleções)

Missão de colecionamento

[7/11 disciplinas, todas ligadas à museália, sendo 3 mais ligadas a questões funcionais do museu – 63%]

## **3º turno: Comunicação de museus**

Introdução ao turno especial

Explosão de informações e teoria da comunicação

Teoria da apresentação no sistema da museologia

Métodos de criação de exposições em museus

Métodos de análise de formas de exposições em museus

Técnicas para exposições

Métodos e técnicas de pesquisa de efeitos de formas de exposições de museus

Crítica de exposições de museus

[4/8 , metade das disciplinas, portanto, objetivamente ligadas a museus – 50%]

## **Cadeira de Ecomuseologia da Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de M. Belo, Banská Bystrica**

### **1. 1997-2002 estudos diários e estudos externos de bacharelado e mestrado de ecomuseologia**



**1º ano de estudos**

Museologia geral

Museografia geral

Museus no mundo atual

Tipologia de museus

[ $\frac{3}{4}$  diretamente voltadas a museus – 75%]

**2º ano de estudos**

Museologia teórica – seleção

Colecionamento

Musealização da cultura

Arquitetura de museus

[100%]

**3º ano de estudos**

Museologia teórica: tesaurografia (criação de acervos e coleções)

Tesaurografia (idem) da cultura

[ $\frac{1}{2}$ , metade voltada para uma função de museu – 50%]

**4º ano de estudos**

Museologia teórica: apresentação

Museologia atual

Mediação da cultura

Exposições em museus

Regime da conservação

[ $\frac{2}{5}$  referem-se a museu e a função – 40%]

**5º ano de estudos**

Problemas da herança natural e cultural

Futuro da cultura de museus

Pesquisa museológica

[1/3 explicita o teor “museu” – 33%]

[Total: 12/18 = 66%]

[Total geral: 24/38= 63%]

## ANEXO B

Índice de STRANSKÝ, Zbynek Z. **Archeologie a muzeologie**. [Arqueologia e Museologia]. Brno: Masarykova Univerzita, 2005.\*

Índice

Prefácio

INTRODUÇÃO

### 1.0 A COMUNIDADE (Spolecenství)

Tesouros

Relíquias

Antiguidades

Objetos de Museus [este tópico coroa as ocorrências anteriores, ponto culminante, todas como representantes da sociedade]

### 2.0 A ALIENAÇÃO (DISTANCIAMENTO) (Odcizování)

Separação

Prestação de serviços

Reprovação da museologia (Rejeição à museologia?)

Herança legitimada

### 3.0 O FENÔMENO DO MUSEU

Ancoragem em línguas (Etimologia de vocabulário museológico)

Especialidades em coleções (Criação de coleções)

O mundo sui generis

\*Entre parêntese, figuram vocábulos em checo ou sinonímia em português, dada a imprecisão na tradução do termo original; entre colchete, a análise do conteúdo, na relação Museu/Museologia, também na tentativa de explicitar a impregnação da Teoria da Museologia pelo Museu.

#### 4.0 O OBJETIVO DA MUSEOLOGIA (Intenção para)

Descrição

*Tactica conclavium*

Museografia

Prémuseologia

Museologia

Neomuseologia

#### 5.0 A METAMUSEOLOGIA

Contexto filosófico- científico

Composição lógica

Domínio cognitivo

Metodologia

Terminologia

Sistema

Posição no sistema das ciências

#### 6.0 O SISTEMA DA MUSEOLOGIA

NIVEIS

[Teórico / Museologia teórica

Aplicado / Museografia

Diacrônico / Museologia histórica

Sincrônico / Museologia contemporânea ( p. 116/117)]

Museologia teórica

[todas três subunidades- 3/3]

Subteoria da seleção

Subteoria da tesaurografia (criação de acervos e coleções)

Subteoria da apresentação

Museologia aplicada / Museografia toda (as seis subunidades) 6/6

Institucionalização de museus

Ambiente dos museus

Comunicação de museus

Preservação em museus

Exposições em museus

Relação entre museus e público

Museologia histórica [0/3]

Autoctonia

Periodização

Gênese

Museologia contemporânea [toda (as três subunidades) 3/3]

Musealização contemporânea

Política cultural de museus

Futuro da cultura de museus

[Total: integralmente 2/4 níveis (e o primeiro também, teórico, se considerado o teor das partes12/15)]

## 7.0 A CONFRONTAÇÃO

Mundo pós-moderno

Domínios da cognição

Herança natural e cultural

Arqueologia de monumentos

## 8.0 A COOPERAÇÃO

Interdisciplinaridade

Museus arqueológicos

Qualificação

Estudos arqueológicos e museológicos

Programas de estudos

## Bibliografia

Livros

Periódicos

Vocabulários e enciclopédias

Monografias, estudos e artigos

Glossário

Resumo

Summary

Zusammenfassung

Anexo de imagens

[CONCLUSÃO: dos 8 capítulos do desenvolvimento do livro, 6 contêm ou aludem estruturalmente ou são integralmente relativos a museus e/ou a suas funções. Dos dois outros, o sétimo capítulo trata da Confrontação da Museologia com questões e campos na contemporaneidade, tais como pós-modernidade, campo cognitivo, o patrimônio e a arqueologia: a inserção da museologia hoje e suas relações estreitas com a arqueologia e a patrimonologia. O outro, o capítulo 5, trata da metamuseologia. Como vimos anteriormente, no capítulo 5, emprega o termo museologia cerca de 113 vezes, museus aparecem cerca de 84 vezes e museal ocorre por volta de 42. Somados museu e museal, totalizam-se 126 referências à instituição, número, portanto, superior ao que teria por base para discutir-se metamuseologia, ou seja, a teoria da museologia, esta em si.]

[No capítulo 5, emprega cerca de 113 vezes o termo Museologia, 82 vezes museu e 42 vezes museal (sem contar outros vocábulos, como musealidade, por exemplo, ainda presentes no texto). Somando-se Museu e museal, o resultado de 126 supera ao do uso de Museologia.]